

*Esposa
de August*

JANICE DINIZ





PERIGOSAS NACIONAIS

COWBOYS INDOMÁVEIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Esposa de Aluguel

Janice Diniz

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Capa: Licença de imagem concedida por © iStock – Getty Images

Copyright© 2019 Janice Diniz

Reservados os direitos de propriedade desta edição e obra para Janice Diniz. É proibida a distribuição ou cópia de qualquer parte desta obra sem o consentimento da autora.

PERIGOSAS ACHERON

Sumário

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

PERIGOSAS NACIONAIS

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Epílogo](#)

[Sobre a Autora](#)

[Redes Sociais](#)

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 1

Melissa trabalhou na livraria até as seis da tarde. Livrou-se do uniforme enquanto se dirigia pelo corredor à salinha dos funcionários.

O lugar era pequeno ao estilo bistrô francês, localizado em uma das avenidas da cidade diante da praça com coreto, frequentado essencialmente por universitários, professores e aposentados da classe média.

O ambiente com ar-condicionado não tinha janelas e a iluminação feita de forma artificial. Ao fundo, o escritório da livreira.

Havia pouco tempo que ela trabalhava lá, das nove da manhã às dezoito e trinta, de sábado a sábado. As atendentes ficavam de trás do balcão ou circulando pelo apertado espaço a fim de ajeitar a posição dos livros, ordená-los de acordo com a ordem alfabética por autor, ajeitar os livros tirados da estante por clientes que os recolocavam no lugar errado, além do atendimento de quem entrava para comprar e também vender o que tinha em casa.

A chefe a mandou sentar diante da escrivaninha e recostou-se para trás, avaliando-a detidamente.

Melissa baixou os olhos, embora tivesse vontade de rir. Toda vez que ficava nervosa ou tensa, o estômago parecia criar gases de risadas que subiam pelo esôfago, faziam todo o trajeto até escapar da boca numa explosão de gargalhada. Era o maldito estresse acabando com ela e as suas relações pessoais.

— Você tá conosco desde que saiu do orfanato, não?

— Não.

— Não?

— Não se fala mais orfanato.

— Oh, eu não sabia, então como me refiro ao lugar onde viveu nos últimos dez anos?

— Era um abrigo institucional. E, sim, trabalho na livraria desde que saí há poucos meses de lá.

A chefe anotou a informação em uma ficha e ergueu os olhos para encará-la.

Melissa notou uma camada extra de rímel

nos cílios da outra, deixando-os com o aspecto de *peso nos olhos*.

— Infelizmente, terei que demiti-la.

— Como?

Mas ela trabalhou feito uma vaca! E fez isso não porque se importasse em ser a funcionária do mês, e sim em razão das contas que tinha de pagar desde que alugara um quarto e sala, nos fundos da residência da proprietária da casinha.

Depois de completar dezoito anos, foi obrigada a deixar o abrigo onde vivia desde os oito, quando seus pais morreram. Não tinha ninguém no mundo para ficar com a sua guarda. Os pais tinham vários amigos, mas na hora em que precisou de um deles para lhe dar um teto, todos sumiram. Assim ela foi obrigada a dividir um beliche com uma garota em um dormitório com mais vinte crianças.

As famílias não se interessavam por uma menina de quase dez anos, arredia e desaforada. Ela tinha raiva do que aconteceu, raiva de perder os pais, raiva da desgraçada que fez a comida da cerimônia do casamento que lhes causou uma grave intoxicação alimentar.

Ela também tinha raiva por ter ficado na casa de uma colega de aula, porque os seus pais não a quiseram levar junto, então não teve a chance de morrer com eles. Embora os demais convidados tenham sobrevivido após alguns vômitos e lavagens estomacais.

Marcelo e Marina Martins não tiveram a mesma sorte. Ambos agonizaram por dois dias até sucumbirem, deixando-a sozinha.

E agora, mais uma vez, perdia o chão debaixo dos pés.

— É uma pena, Melissa, mas tô com a corda no pescoço. É uma simples contenção de despesas e, como você é a atendente mais jovem e sem responsabilidades, pagou o pato.

— Mas eu tenho responsabilidades. Pago aluguel, conta de luz, de água, comida e roupa, e comida... — suspirou, resignada. — Repeti comida, eu sei. Gosto de comer... — olhou em torno, sentindo-se perdida. — Sou a única funcionária que não tem marido e filhos, tô solta no mundo. Escolhe a Marieta, que é viúva e recebe pensão do falecido.

— A Marieta tá desde o início comigo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Se a senhora quer que essa livraria com balaio na calçada se transforme numa gigante do setor, não pode alimentar amizades no trabalho. O mundo corporativo é agressivo. — o desespero a fazia repetir frases que via nos programas de tevê.

— Não é uma questão de amizade, e sim do valor altíssimo da rescisão da Marieta. Prefiro que ela própria peça demissão.

Melissa encurvou os ombros, sentindo-se derrotada.

— Pode reduzir o meu salário.

— Não, eu não posso.

— Juro que não me importo, vou comer menos, pular uma das refeições.

— A lei não permite isso, querida. Sinto muito, tá? — apertou a boca, com pesar. — Vou lhe indicar uma boa agência de emprego. Quem sabe não encontra logo uma oportunidade até melhor que aqui.

— Melhor que trabalhar com livros? — o desânimo e o medo transpareceram na sua postura. Ela não sabia disfarçar nada, fingir ou simplesmente manter a tal finesse.

PERIGOSAS ACHERON

Se algo de ruim lhe acontecia, demonstrava o desastre no rosto e na postura do corpo magro e baixo parecido com o de um moleque de 15 anos.

— Só tenho experiência de trabalho aqui. Quem vai me contratar?

— Você levará à agência uma carta de recomendação. — sorriu de modo amistoso. — Sei o quanto se dedicou à livraria, o problema não é você, viu?

Sim, eu sei. Meu primeiro e único namorado também me disse isso. Mas sempre o problema sou eu.

Capítulo 2

— Tá de brincadeira comigo, né?

Foi assim que começou a conversa com proprietária da casa onde Melissa morava. Uma quarentona, dona do terreno onde havia duas casas, a dela própria, e o quarto-sala para alugar.

— Fui demitida hoje. Mas não se preocupe, tenho entrevista marcada na agência de emprego. Só avisei a senhora caso eu não consiga trabalho logo. — tirou o dinheiro da carteira e lhe entregou. — Aqui tá o aluguel deste mês.

A mulher era alta, gorda e muito loira, do tipo claramente de origem alemã. Fumava pra caramba, o que a deixou com a voz grossa e masculina. Bolsas debaixo dos olhos, cabelo liso desgrenhado, peitos grandes esparramados na camiseta larga. Tinha um aspecto sinistro e agressivo. E, quando bebia, incorporava o demônio de mau humor.

— Se não conseguir trampo, me avisa logo. Até o final do mês a casa é sua, depois disso cai

fora que vou lugar para outro. — cuspiu no chão.

Era uma ameaça aquele olhar, como se lhe dissesse: *Não vai ficar morando de graça, mocinha.*

— Tenho certeza de que conseguirei logo um emprego. — falou, toda digna.

Até parece, mas você não sabe.

Deu-lhe as costas e enfiou a chave na fechadura, girando-a para abrir a porta. Podia sentir o olhar da outra cravado na sua nuca. Respirou fundo, se controlando quando a diaba da chave não saiu do buraco. Ok, nada de passar vergonha na frente do capiroto fumante. Acalmou-se e enfim empurrou a porta. E, com a dignidade de uma garota assustada, tropeçou no tapete e quase caiu.

— Opa! — a outra riu alto.

Melissa fechou a porta na cara dela.

Sentou no sofá de dois lugares e se recostou, levando as mãos às têmporas para esfregá-las. Sentia toda a pressão latejando ali.

PERIGOSAS NACIONAIS

Seis meses fazendo a mesma coisa. Acordando cedo, tomando banho e se vestindo. O café da manhã de pé na cozinha e depois o ônibus para o centro da cidade. Esperava Marieta chegar para abrir a livraria. Acendia as luzes, ligava o ar-condicionado e os computadores. Colocava água e pó de café na cafeteira e lavava a calçada do xixi dos cachorros, mendigos e baladeiros. Atendia os clientes, argumentava, vendia, não vendia, anotava no sistema.

Agora nada disso.

Ninguém a preparou para enfrentar a vida fora do abrigo. Assim como a vida não a preparou para a perda dos pais e da casa na fazenda onde morava. Perdeu os colegas da escola particular e a rotina de uma existência cercada de amor e cuidados.

Jamais chorou a perda dos pais, pois temia enlouquecer caso cedesse à extrema dor e à intensa saudade. Ao longo dos anos, sobreviveu às doenças oportunistas, a monitores rígidos, à implicância de outros órfãos e à solidão. Porém, não queria ser adotada por outra família, ainda pertencia à sua...mesmo morta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Jantou um sanduíche com uma Coca, lavou a louça, deu dez passos e entrou no quarto. Atirou-se na cama, as pernas doíam por passar oito horas de pé, a coluna ardia. Ela tinha um emprego de merda que pagava pouco, mas ainda era tudo que tinha.

Chorou com a cara enterrada no travesseiro. Sentia-se perdida, insegura e miserável.

Acabou dormindo.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 3

Saiu da agência com o encaminhamento para duas vagas de emprego. Optou por se dirigir à primeira, que era ali mesmo no centro. Uma clínica odontológica recrutava recepcionista para seis horas de trabalho, o salário era horrível, mas dava pra pagar o aluguel e as demais contas.

Ao dobrar a esquina do endereço indicado, teve a legítima visão do inferno. Mais de cinquenta desempregadas fazendo fila para a seleção à vaga. E como ela sabia que todas queriam a mesma vaga de emprego? Bem, elas tinham a mesma idade e a expressão de desespero.

Além disso, a recrutadora da agência dissera que era uma vaga bastante disputada. Ou seja, na dança das cadeiras, seria uma cadeira para cinquenta traseiros tentarem sentar.

Ainda assim, ela se postou de trás da última da fila.

A conversa mais deprimente que existia era entre desempregados. Melissa catou os fones de

PERIGOSAS NACIONAIS

ouvido da imensa bolsa de pano que trazia pendurada no ombro. Mas até encontrá-los foi obrigada a ouvir o que comentavam na fila.

Soube que pagam o salário mínimo sem benefícios.

O desemprego atingiu todo o país. Quem tem emprego que o segure, porque a coisa tá difícil.

Minha prima tá sem trabalho há dois anos.

Olha só, aqui nessa fila deve ter umas cem pessoas, não? Pois bem, boa parte é pra preencher espaço na calçada. Me disseram que vão contratar as que tiverem mais experiência em Excel.

Inglês, noção de inglês, também ouvi.

A música começou a tocar nos fones, e Melissa se separou das conversas.

Duas horas depois, saiu da entrevista com a impressão de que não a chamariam para a segunda fase da seleção.

A moça do RH da clínica perguntou:

— Como você se vê daqui a cinco anos?

— Mais velha.

Ué, que resposta ela queria?

PERIGOSAS ACHERON

Ela ainda tinha outro encaminhamento, uma segunda opção, embora sentisse que ficaria no final sem opção alguma. O cargo era o de babá em uma fazenda. A última vez que morou numa fazenda foi na dos pais. Por isso não se sentia confortável em voltar a ter o mesmo tipo de vida agora sem eles. Além disso, havia dez anos que vivia na região urbana. A ideia era continuar morando na casa de trás da mulher zangada, matricular-se num cursinho pré-vestibular e seguir os dias um atrás do outro. Talvez arranjasse amigos no novo emprego e, quem sabe, um namorado. Aprendeu cedo demais que a vida era um castelo de cartas que a gente montava com cuidado para, de repente, o vento soprar mais forte e destruir tudo.

Decidiu ir para casa e esperar a resposta da recrutadora da clínica. Caso não entrassem em contato com ela, voltaria à agência na semana seguinte. Só tinha que lidar com um dilema de consciência, pois tinha em mãos um encaminhamento para emprego e o estava esnobando.

Pouco antes de atravessar a rua, viu a locadora falando com um casal e apontando na

direção da casinha nos fundos do terreno. A diaba tencionava despejá-la!

O certo era não bater de frente com ela. Resolveu então não voltar para casa naquele momento. Mas como estava sem dinheiro para fazer hora almoçando em algum lugar, chegou à conclusão de que o melhor a fazer era ver aquela vaguinha para babá.

Tinha uma grana jogada na bolsa. Juntou todas as cédulas mais um monte de moedas e, desanimada, descobriu que estava mais pobre do que no dia anterior.

E o pior, tinha pouco dinheiro na bolsa para usar nas passagens de ônibus de ida até o endereço da vaga de babá, em uma estrada secundária em paralelo com a rodovia federal, e depois para voltar ao centro.

O que antes era um dilema de consciência se transformou em uma obsessão. O medo sempre a impulsionava a seguir adiante. Uma funcionária do abrigo lhe dissera que ela era uma sobrevivente, uma guerreira. Um dia Melissa queria se considerar mais do que isso. Queria se tornar uma vencedora. E o sucesso era viver sem medo de tudo explodir de

repente na sua cabeça.

O lance de erguer o polegar para pedir carona funcionava por aquelas bandas.

O tráfego em direção ao interior estava calmo. Vez ou outra aparecia um veículo. Os motoristas não pareciam inclinados a lhe oferecer carona, embora alguns não lhe despertassem confiança. Aí ela recolhia a mão e baixava a cabeça como se tivesse perdido algo no chão.

Até que uma picape velha parou junto ao acostamento.

Melissa se aproximou da janela e viu uma senhora de cabelos longos e grisalhos à direção e, no banco do carona, um rapaz gordo que aparentava mais de vinte anos, os olhos pequenos e puxados como os de um oriental, o sorriso bondoso de aspecto infantil.

— Precisa ir para aonde? — a motorista perguntou depois de baixar o volume do rádio.

— Rancho e Haras Ferrari. — foi o que disse depois de ler o envelope do encaminhamento da agência de empregos.

— Sobe lá atrás que te levo, rapariga. — fez

PERIGOSAS NACIONAIS

um sinal positivo com o polegar erguido.

— Muito obrigada! A senhora é muito gentil.

A caçamba do veículo estava apinhada de galinhas engaioladas.

Melissa subiu e sentou no assoalho. O veículo arrancou e quase a derrubou para fora. Foi então que notou a porta da caçamba aberta, puxou-a para cima e a trancou.

As galinhas faziam barulho, tentavam zanzar no lugar apertado, subiam umas sobre as outras, brigavam e faziam as pazes, pelo menos era o que lhe parecia. Uma delas se aproximou do quadriculado de arame da gaiola. Espichou a cabeça e se sacudiu.

— Tô com vontade de soltar vocês.

As outras pareceram se alvoraçar, bateram asas e depois sossegaram.

— Mas não posso deixá-las na estrada, certamente seriam atropeladas. — olhou-as criticamente. — Eu soube do caso de uma galinha manca, tentou voar achando que assim teria velocidade na hora de atravessar a rua. Querem saber o que aconteceu? — as aves lhes deram as

PERIGOSAS ACHERON

costas. — Não ia contar mesmo. — deu de ombros.

Meia hora depois, a motorista reduziu a velocidade diante da imponente guarita de alvenaria distante poucos metros da porteira em arco.

Quando a picafe parou, ela desceu e deu um tchauzinho para as galinhas.

Foi até a janela da motorista e lhe agradeceu.

— Tem certeza de que é esse o endereço?

— Sim, rapariga, é a fazenda do Sante.

— Muito obrigada pela carona! E espero que não coma as galinhas.

A motorista franziu o cenho ao mesmo tempo se forçando um sorriso. Portanto, fez uma careta estranha. Em seguida, arrancou, levantando uma poeira vermelha atrás de si.

Voltou-se para a guarita que ladeava a porteira e viu que não havia fila de desempregadas. A bem da verdade, só tinha mesmo um vaqueiro ouvindo rádio.

O medo voltou com tudo, secando a garganta, tremendo as pernas, acelerando o coração, transpirando nas mãos e retirando

cuidadosamente o filtro do bom senso do encaixe perfeito do seu cérebro.

Em suma, nervosa e ansiosa, ela virava uma pessoa estranha.

Capítulo 4

Murilo caminhava ao lado do Quarto de Milha de 1,50m de altura, a cabeça pequena, a crina e a cauda longas e pretas. O porte altivo de um campeão.

O animal valia uma nota alta. Ganhara vários títulos nas corridas nacionais e internacionais, além de fornecer o melhor material genético, o esperma, ao mercado. Era um cavalo que adorava correr, mais do que isso, parecia que vivia para vencer. E vencia.

O fazendeiro havia-o adquirido ainda potro no mesmo leilão que participaria nas próximas semanas a fim de vender um de seus cavalos de competição.

— Boa tarde, patrão.

Sante o cumprimentou com um gesto de cabeça e se concentrou em admirar a pelagem castanha do animal. Acariciou-lhe o pescoço e de trás das orelhas. O cavalo balançou a cabeça, aparentando gostar do carinho e não saiu de perto

dele até mesmo quando o peão, que antes o montou durante a desastrada prova, o levou dali.

O treinador era um camarada encorpado e ágil, dono de uma barriga proeminente e costas largas de nadador. Não aparentava os seus sessenta e poucos anos, a voz de fumante o denunciava como alguém que não seguia o Manual da Vida Saudável.

— Soube que o senhor vai vender o Spartacus.

— É o nosso produto, não? Tem que ser vendido. — comentou, entortando o canto da boca num esgar de amargura.

— Mas a gente tava trabalhando nele para vencer as competições.

— Aquele lá já deu tudo de si, agora vai se aposentar das pistas e se tornar o legítimo ganhão que é.

— Bem, o senhor é quem sabe. Acho meio precipitada essa venda, mas sou apenas o treinador. — riu a sua risada rápida e rouca.

— Eu te entendo, treinador. — solidarizou-se Sante, sacando um cigarro da carteira. Depois de

acendê-lo e o tragar, acrescentou: — Em breve teremos mais recursos pra ampliar o número de baias para a locação de outros proprietários de cavalos e reformar a casa de selas e o celeiro onde estocamos a ração e o feno.

— Dinheiro do banco, patrão?

Ele notou o tom de pesar do outro.

— Desta vez, não. — respondeu apenas, trincando os maxilares.

Sante Ferrari era um homem pragmático e competitivo. Talvez tais características lhe fossem uma espécie de herança genética. O que jamais saberia. Ele não era um cara de se apegar ao passado, investigar suas origens, remoer o que deixou para trás.

Foi abandonado pelos pais ainda criança e adotado por um casal de aposentados que queria um passatempo para os dias ociosos, já que os filhos biológicos moravam em outra cidade. Ele foi vestido e alimentado, amparado e cuidado em uma bolha de plástico. Estudou em casa, não tinha amigos, vivia recluso.

Assim que fez 16 anos, deixou um bilhete

PERIGOSAS NACIONAIS

para os velhos e pegou a estrada. Trabalhou em várias fazendas até ter grana para comprar o seu pedaço de chão. Comprou um Quarto de Milha, depois outro e mais outro. Quando viu, tinha um haras de cavalos de corrida. E o Rancho e Haras Ferrari se encheu de dinheiro.

Até ele casar e, dois anos depois, se divorciar. O advogado da sua ex-mulher era mais esperto que o seu próprio advogado. Sante perdeu cinquenta por cento da fazenda. Temendo ter que a dividir com um sócio, já que a ex-mulher venderia a parte dela, levantou um empréstimo para ter o controle total das terras.

E foi assim que Sante começou a falir.

Ainda não estava de todo falido, mas faltava pouco para isso acontecer. No meio do processo, ele conheceu uma mulher num bar. Conversaram pouco, beberam muito. Havia tristeza no olhar dela e um tanto de carência. Então sabia que seria fácil descartá-la quando acabasse o seu interesse. Na época sentia-se anestesiado. Durante tantos anos trabalhou, lutou, praticamente viveu para aquela fazenda e depois teve que a comprar de volta para si mesmo. Nunca se endividou e agora estava

PERIGOSAS ACHERON

prestes a abrir falência.

Engravidou a mulher do bar, que se chamava Valéria. Não sabia nem o seu sobrenome e conseguiu a façanha de ter uma filha com ela. Cogitou um exame de DNA quando a criança nascesse. Brenda, no entanto, mostrou na cara quem era o seu pai. A ideia então era dar uma boa pensão alimentícia e mantê-las distante. A paternidade inesperada não o atraía.

Brenda veio ao mundo forte e saudável, pesando quase quatro quilos, o cabelo era uma penugem ruiva e a pele cor-de-rosa.

Assim que o bebê nasceu, a pressão arterial de Valéria se elevou a ponto de sofrer uma crise de convulsão. Diagnosticada com eclampsia, não resistiu e morreu sem conhecer a própria filha.

A notícia de sua morte foi dada para ele, a única pessoa que estava no corredor da maternidade. O primeiro pensamento foi o de entregar a bebê para a adoção. Os planos de se tornar pai solteiro estava fora de cogitação. Afundou um casamento por se dedicar ao trabalho, era movido por ele, toda sua vida focada na fazenda. Sabia que cometia um erro ao deixar a

PERIGOSAS NACIONAIS

esposa em segundo lugar, justificava-se reforçando a ideia de que pessoas abandonavam pessoas, mas o trabalho de um homem era a essência dele e por isso mesmo era sólido e permanente.

Mas depois pensou em como seria a vida da filha, talvez pior que a sua. Ele foi abandonado pelos pais e agora repetiria a mesma atitude deles?

Registrou, portanto, a criança no seu nome, assumindo-a legalmente. E, a partir daí, Brenda passou a integrar a família Ferrari, que se resumia a ele próprio e ninguém mais.

Nos últimos dez meses, entretanto, não se acertou com as babás. As mais jovens eram negligentes e despreocupadas, o que o irritava sobremaneira. E as mais velhas, cheias de manias e superstições. Por mais que ele não entendesse de criação de bebês, e sim a de cavalos, isso não lhes dava o direito de tentar tirar a sua autoridade como patrão delas. *Oh, o senhor não sabe que se cura soluço dando um susto no bebê? Esta técnica é antiga e, por ser antiga, funciona, né?* Então ele rebatia: *Se assustar a minha filha e a deixar agitada, a senhora também levará um susto ao ler o seu contracheque.*

PERIGOSAS ACHERON

Agora Brenda era cuidada pela governanta. O que era algo ineficiente, uma vez que Magnólia a mimava demais como se lhe fosse a avó e se descuidava do próprio trabalho, que era supervisionar a cozinheira e a arrumadeira.

Capítulo 5

— Levantei informação sobre o investidor norte-americano com quem pretende fazer negócio.

Foi o que Leonardo Albuquerque falou, ao entrar no escritório da fazenda, tirar o chapéu gasto de vaqueiro e lhe estender a mão grande e morena.

Sante cumprimentou o amigo e sentou novamente na cadeira de trás da mesa de madeira de demolição, tão rústica quanto o resto da decoração do lugar. Paredes de tijolo sem reboco, balcão com a cafeteira, arquivos de aço (não confiava no sistema operacional que dava pau a cada atualização), tapetes grossos, cortinas leves e nada de enfeite, sobriedade e masculinidade em cada peça comprada por sua utilidade e não por questão estética.

O outro fazendeiro, que um dia foi delegado de polícia da cidade de Sacramento, sentou no sofá de couro e cruzou as pernas.

— Imagino que vai me dizer que o milionário filho da mãe desistiu do negócio ou tá mais sujo que pau de galinheiro, não é? — Sante se

PERIGOSAS ACHERON

adiantou.

— Ele ainda tá no páreo, mas já vou avisando: é um cara complicado de se lidar. Um tipinho conservador, puritano e obviamente hipócrita, que mistura vida pessoal com a profissional. Fez fortuna assim, relacionando-se pessoalmente com os parceiros de negócios para depois propor sociedade.

— Resuma a merda, por favor. — foi seco e direto, recostando-se na cadeira.

— A sua situação de pai solteiro talvez o faça recuar da proposta de investir no haras Ferrari. — apertou a boca com pesar.

— Isso é um absurdo. — comentou, baixinho, exasperado.

— Ele já caiu fora de uma negociação milionária, porque descobriu que o cara estava prestes a se divorciar. Outra vez, nem compareceu a uma reunião decisiva quando soube através das redes sociais que o fazendeiro em questão era homossexual, casado havia vinte anos com um cara, inclusive tinham adotado duas crianças. Cabeça atrofiada, amigo, é assim.

— Mas essa cabeça atrofiada tem os bolsos

cheios de dinheiro. — Sante suspirou, impaciente.

— Contrair dívida que somente serão pagas através de recursos de terceiros envelhece um cabra. Mas só tô avisando... não sei se ele é tão radical assim.

— Onde há boatos...

— Pode haver uma tremenda mentira. — completou Leonardo. — Se você ainda estivesse casado em vez de ter engravidado uma forasteira sem lenço nem documento, não teria que se preocupar com nada.

Sante esfregou os maxilares com pontos de barba num maneirismo todo seu.

— Essa história não pode chegar até os ouvidos do americano.

— O povo já esqueceu, ainda mais depois que assumiu a garotinha como filha.

— Sim, a filha que tive com a forasteira. — suspirou profundamente, exalando a fumaça pelo nariz. — Preciso muito do investimento do John Smith.

— Então não pode mijar fora do penico. — gracejou o outro.

— Por acaso ele já sabe da existência da

criança?

— Sim, pesquisou, não é? — deu de ombros, resignado. — E me perguntou desde quando você é casado.

Sante se pôs de pé, puto da cara.

— Desgraçado, o que ele tem a ver com a minha vida? Vai injetar grana no haras e receber muito bem por isso. O que importa se tenho uma filha sem mulher ou se contrato putas pra trepar?

— Ele é da igreja, quer catequizar todo mundo.

— Aham, sei. — apertou a boca, com força. — A questão, Leonardo, é que se eu não levantar logo um bom dinheiro, perderei mais da metade dos meus cavalos. Terei de vendê-los a preço de banana, o prestígio do Haras Ferrari descerá ralo abaixo e, em breve, os meus animais receberão ofertas indecentes de compra. Perderei a credibilidade e cairei em desgraça! Diabo!

— Olha, pelo menos você tá avisado sobre o que vai encontrar pela frente, não será surpresa alguma se ele começar a fuçar por aí fazendo perguntas sobre você meio que levantando a sua ficha.

PERIGOSAS NACIONAIS

Sante observou a planície a se perder de vista. Uma vida inteira dedicada àquelas terras. Nada lhe foi herdado, oferecido de mão beijada. Possuía tino comercial e vocação como fazendeiro, embora desconhecesse a própria origem. Sabia, contudo, que era diferente dos seus progenitores. A prova era que não abandonou a criança que tinha metade do seu DNA. Vontade não lhe faltou. Ao longo dos meses, evitou se aproximar, não queria se apegar a alguém que entrara na sua vida de modo inesperado.

Não se importava em perder pessoas pelo caminho.

Não se importava em ter sido rejeitado pelos pais.

Não se importava em ter tido uma filha sem a menor vontade de ser pai.

Só queria mesmo era manter a sua fazenda, os seus cavalos, a razão da sua existência que, por mais vazia e solitária, pertencia somente a ele.

— Preciso de dinheiro com urgência, mas também preciso de tempo para resolver esse problema.

— Sugiro que o convide para jantar em um

PERIGOSAS ACHERON

lugar neutro, longe dos olhos fuxiqueiros dele, e o envolva com a sua personalidade adorável.

Sante se voltou para Leonardo com a expressão de poucos amigos.

— É, essa mesmo, tão simpático. — zombou o ex-delegado, rindo-se.

— Apesar da provocação infantil, você me deu uma ideia.

— Oh, tô comovido por lhe ser útil.

— Vou convencê-lo a pensar como investidor e não como uma bosta humana com braços e pernas. Levarei os relatórios, mostrarei as cifras e desviarei a atenção da minha vida pessoal.

— Poxa, eu devia ter pensado nisso antes.

— O que foi agora?

— Ele tem mais de sessenta, vive há anos no Brasil, é casado com uma brasileira e entende o português, ou seja, sabe tudo sobre esse tipo de malandragem de caubói brazuca, viu? Não tenta distrair o gringo, que esse aí já pegou todas as nossas manhas. — piscou o olho.

— Foda-se, eu preciso desse investimento e vou conseguir.

— Olha, se nada der certo, começa a cantar

Estrada da Vida. Tenho certeza de que ele cantará junto e logo serão grandes amigos.

— Você devia irritar muito os bandidos de Sacramento, não?

O outro se pôs de pé, enganchou os polegares no cóis do jeans e com um sorrisinho sarcástico, admitiu:

— Bem, é o que nos ensinam na Academia de Polícia, amigo.

Capítulo 6

A estrada de pedra ladeada pelas figueiras, os pássaros coloridos nos galhos mais altos, as flores salpicando o campo queimado pelo sol assemelhando-se a um tapete verde-amarelado. O céu azul sem nuvem toldando a paisagem bucólica. Todo esse conjunto emocionou Melissa, pois a levou para o passado quando todos estavam juntos sem pensar que a morte ceifaria a união e a vida.

Voltar ao campo era como tocar numa ferida que ainda não cicatrizou. Talvez jamais cicatrizasse.

À medida que avançava pelo caminho, o nervosismo em relação à entrevista foi substituído por uma sensação de reconhecimento, ou melhor, de já ter vivido aquela cena. Tinha a impressão de já conhecer o lugar.

Branca com janelas pintadas de azul, a casa estilo colonial possuía uma varanda frontal com piso cerâmico e equipamentos de montaria pendurados na parede. O banco antigo, de encosto, ladeado pela planta de folhas largas de um

PERIGOSAS ACHERON

Guaimbê ondulado.

As portas pivotantes de madeira maciça estavam abertas, e por isso Melissa conseguiu ver o pequeno corredor de entrada e, na parede, o suporte de chapéus no formato de ferraduras preso na peça de jacarandá.

Um chapéu de vaqueiro preto, um tipo bem gasto devido ao uso estava pendurado na ferradura mais alta.

Ao ver o chapéu de vaqueiro ela teve um déjà vu e a imagem dele na cabeça de um caubói, cujo rosto não lembrava, deixou-a desconcertada.

— Olá!

Levou um susto ao ouvir atrás de si a voz feminina. Imersa nos seus devaneios tentando assimilar o que passava com ela, não percebeu a chegada da senhora com um bebê no colo.

— Ah... Oi... Olá. — tropeçou nas palavras.

— Veio vender alguma coisa? Espero que não, o patrão não suporta vendedores ambulantes. Ele enxota todos a pontapés, a peonada bate palmas quando isso acontece.

— E as vendedoras ambulantes? — provocou-a.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acho que você é a primeira. Vamos ver o que ele fará. — piscou o olho pra ela, cúmplice.

Melissa gostou da mulher e relaxou.

— Na verdade, vim para a vaga de babá. — tirou da bolsa o envelope da agência e lhe entregou. — Aqui tá o encaminhamento para a entrevista.

— Melissa Martins... Seu nome me é familiar. — franziu o cenho, pensativa, fitando o papel e depois lhe endereçando um longo olhar. — Por acaso você é a filhinha do Marcelo? Marcelo Martins?

— Sim. Você o conheceu?

A outra abriu um sorriso de reconhecimento entremeado à tristeza.

— O seu pai era um grande amigo do meu patrão. Aliás, você e a sua mãe também frequentavam a fazenda.

— É mesmo?

— Faz anos que eles morreram, né? Uma perda enorme para todos nós. Fiquei arrasada! — baixou a cabeça como se o peso da recordação a atingisse feio na nuca.

Melissa engoliu em seco, sem saber como continuar a conversa. Detestava enveredar pelo

PERIGOSAS ACHERON

caminho da autopiedade ou da nostalgia. Doía-lhe demais. Preferia seguir em frente desapegando-se aos poucos da dor.

— A vaga já foi preenchida?

— Não. Ainda não, Mel. — respondeu, com um sorriso bondoso. — Lembra de mim? Da Magnólia? Você ria do meu nome, porque é nome de flor.

— Minha memória não é muito boa. — justificou-se, com pesar.

— Não tem problema, minha criança. Faz um tempão que a gente não se vê e você ainda por cima sofreu o trauma da perda prematura dos pais. Imagino que a sua vida foi bem complicada.

— Fui bem tratada no abrigo. — aquela conversa a incomodava. — A recrutadora me disse que não precisava agendar a entrevista com o sr. Ferrari...

— Isso, ele tá sempre pela fazenda. — ela se encaminhou até a porta e fez um gesto convidativo com a mão. — Vem, espera aqui na sala. Vou mandar um vaqueiro chamá-lo.

A sala era um espetáculo de luxo comedido, um estilo rústico misturado ao sofisticado. O sofá

amplo e branco, com almofadas da mesma cor, a mesa de centro laqueada, um piano no canto. E, ao fundo, a parede de vidro que dava para o jardim bem-cuidado e a área da piscina.

Sentou em uma poltrona concha, baixinha quase rente ao chão. O assento acolchoado era macio e o revestimento de vime era um charme.

Estranhou apenas que o ambiente não tivesse brinquedos espalhados. Para uma casa com criança pequena, era arrumadinha demais.

O bebê no colo da governanta era uma graça. Enquanto a mulher tentava fazê-la se lembrar do passado distante, não pôde deixar de admirar a garotinha de cabelo vermelho escuro, olhos castanhos, bochechas fofinhas e a boquinha delicada exibindo a gengiva cor-de-rosa com dois dentinhos na parte inferior.

Então, no passado, Melissa frequentou a fazenda do sr. Ferrari... Agora pelo menos tinha a resposta para o sentimento nostálgico que a tomou à chegada. Afinal, tudo tinha uma explicação.

Ouviu o barulho de botas pisando firme no piso e cogitou que fosse o fazendeiro. Preparou-se para levantar e estender-lhe a mão cordialmente.

Temia que ele não a contratasse por considerá-la inexperiente. Portanto, precisava demonstrar autoconfiança e maturidade. Por mais que trabalhar numa fazenda fosse o seu plano B, ainda assim era melhor uma pomba na mão do que duas voando.

Preciso muito pegar a pomba do fazendeiro.

Tal pensamento borbulhou na sua cabeça fazendo cócegas. Teve que respirar fundo para não rir. Era uma droga se sujeitar às próprias piadas!

Conseguiu manter a compostura até o momento em que sentiu entalar na poltrona.

O fazendeiro parou diante dela e a fitou com as sobrelanceiras juntas, parecendo tentar decifrar o que lhe acontecia, pois Melissa não conseguia impulso necessário para quase sair do chão e se pôr de pé, o diabo da poltrona era baixa e o encosto fundo.

Ai, Cristo, acho que aqui é onde se põe a bebê pra tirar uma soneca!

— Senhor... — Tentou um arranque com os braços ao redor da estrutura redonda de vime. — Senhor... — Jogou o corpo pra frente, encurvando-se como se estivesse com dor de barriga. — Senhor... — Fez força temendo rasgar as calcinhas.

— Senhor... — As panturrilhas encostadas no móvel lhe deram a sustentação para enfim ficar de pé. — Sr. Ferrari, meu nome é... — Mas os tornozelos colados no rodapé da poltrona a fizeram perder o equilíbrio e ela caiu sentada na maciez do assento. — Que merda, puta que pariu!

Droga, acabo de perder a segunda pomba!

Capítulo 7

— Vou esperá-la no escritório, a segunda porta do corredor, à esquerda.

Dito isso, o fazendeiro deu-lhe as costas e saiu da sala, deixando-a afundada na maldita poltrona.

A expressão de poucos amigos a intimidou, mas não a impediu de notar que o coroa era charmoso. Cabelo castanho claro, a barba por fazer, os olhos azuis, os maxilares duros e o nariz grande encimando lábios ligeiramente polpudos. Aparentava alcançar os 1,90m de altura num corpo esguio, elegante no jeans gasto e a camisa preta arremangada, dois botões abertos exibiam o pescoço altivo. Tinha cara de homi genioso, do tipo que dava trabalho pra mulherada domar. E o arzinho arrogante apareceu em menos de um minuto, pois se ele fosse legal, estenderia a mão para ajudá-la a sair da poltrona.

Hum, esperava apenas que existisse uma sra. Ferrari para ela prestar contas e não ser obrigada a lidar diretamente com o chefe.

PERIGOSAS ACHERON

Mas talvez ele tivesse apenas acordado de chifre virado.

Ok, vamos dar uma chance às pessoas, o mundo não é o pior lugar do mundo.

Riu, baixinho, e quase afundou de novo.

Quando enfim se pôs de pé, ajeitou-se na roupa, endireitou a alça da bolsa no ombro e se encaminhou para o escritório.

Manteve-se à porta até ser vista por ele.

— Entra. — falou, voltando a se concentrar na papelada que lia.

Apertou a bolsa junto ao corpo, agora sim, nervosa até o último fio de cabelo no ralo do banheiro da sua casa.

Não sabia se sentava na cadeira diante da escrivaninha de madeira de demolição, bastante austera, por sinal, ou se ficava de pé à espera do convite dele.

A decoração escura parecia compor a personalidade de alguém reservado e sério. Não havia objetos supérfluos ou simplesmente decorativos.

— Sente-se, por favor.

— Obrigada. — pôs a bolsa sobre as coxas.

PERIGOSAS NACIONAIS

—A agência de RH me avisou sobre o seu encaminhamento. — ele estendeu-lhe a mão.

Apertou a mão grande, de dedos longos e finos, cuja palma era áspera devido aos calos.

— Você trouxe a carta de encaminhamento?

Ah, entendi, ele esticou a mão pra pegar a carta e não para me cumprimentar.

Corou violentamente.

— Oh, sim, sim. — arreganhou a bolsa e escavou nas suas entranhas, empurrou um milhão de objetos, que incluíam óculos de sol vagabundo, documentos, cupons de compras, garrafa de água vazia, batom, escova, desodorante e uma caixa de absorventes internos, um deles escapou e caiu no chão. — Meu Deus do céu. — murmurou, olhando para o tampão. Abaixou-se e o pegou, pondo-o rapidamente de volta na bolsa. — Putz, tá com a senhora...a dona Flor.

— Magnólia. — corrigiu-a, olhando-a com ar desaprovador para, em seguida, apertar o interfone. — Dona Magnólia, traga ao meu escritório a carta da agência. — depois se voltou para ela e continuou: — Como se chama?

— Melissa Martins.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É maior de idade?

— Sim, tenho 18.

Ele recostou-se na cadeira e a avaliou detidamente. Um sulco profundo lhe marcava a testa. O homem aparentava uns quarenta e cinco anos, a mesma idade que o seu pai teria se não tivesse ido ao casamento estragado.

— Você é a Mel, filha do Marcelo? — os olhos azuis pareceram brilhar.

— Me chamavam de Mel quando eu era criança. A Magnólia... a dona Magnólia me disse que eu vinha muito aqui, parece que o meu pai era seu amigo.

Um véu de pesar pareceu encobrir o rosto do homem.

— Sim, éramos amigos de longa data. E como passou todos esses anos sem os seus pais?

— Em um abrigo.

Ele assentiu devagar com a cabeça, assimilando a sua resposta e ao mesmo tempo analisando-a.

— É o seu primeiro emprego?

— Na verdade, acabei de ser demitida do meu primeiro emprego.

PERIGOSAS ACHERON

— Alguém lhe contou que o banco tomou a fazenda da sua família?

— A supervisora do abrigo. Ela me deixou a par de que eu não herdei nada. — admitiu, secamente.

— O Marcelo escondeu de todos que estava falido.

— Acho que ele não queria preocupar a minha mãe.

— O seu pai era uma mula teimosa, isso sim. Ela baixou a cabeça e fitou as mãos, segurando dentro da boca uma resposta torta.

— Talvez.

— Na época eu poderia tê-lo ajudado. — considerou, gravemente. — Tem experiência como babá?

— Cuidei de dois bebês no abrigo.

— Informalmente?

— Sim, claro, não me pagavam. — deu de ombros, com displicência.

— Entendi.

Ele a olhava sem disfarçar que a analisava, avaliava e praticamente tentava captar mais do que o significado de suas palavras e a linguagem não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

verbal da sua postura.

— O que fez depois de sair do abrigo?

— Arranjei um emprego.

— Onde?

— Em uma livraria.

— Certo. — pareceu ponderar por um minuto sem deixar de encará-la. — E onde você mora?

— Aluguei uma casinha no centro.

— Sozinha?

— Sim, o acerto foi direto com a proprietária.

— Então prefere morar na cidade. — constatou.

— Pois é, mas sem emprego não tenho como me sustentar lá.

— Mas se trabalhar aqui, não poderá morar na cidade. Todos os meus funcionários moram na fazenda.

— Imaginei que fosse assim.

— Então tá preparada para voltar a viver no campo?

— Acho que sim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim ou não? — foi incisivo.

Resolveu ser honesta com ele, mesmo que perdesse a chance de conseguir a vaga de emprego.

— Evitei ao máximo voltar ao interior, porque essa paisagem me faz ter ainda mais saudade dos meus pais.

— Você é filha de fazendeiro, traz o gosto pela terra e pelos bichos no sangue, tá no seu DNA. Portanto, terá de superar suas limitações emocionais. — declarou, com frieza.

— A dor da perda não é uma limitação emocional. — refutou, procurando não ser grossa.

— Se você a vivenciou até o fim e ainda não a superou, sim.

— Vamos discutir como eu devo sentir a falta dos meus pais agora, é? — impacientou-se. A pomba já tinha voado mesmo.

Ele semicerrou as pálpebras parecendo interessado no seu rompante.

— Esse seu descontrole é da sua personalidade ou se deve ao fato de eu ter tocado num ponto que deveria receber a atenção de um profissional da saúde mental?

— O quê?

PERIGOSAS ACHERON

— O que não entendeu? — o ar de cinismo estava todo ali, no esboço de um sorriso de canto de boca e no modo como a olhava.

— Frase muito longa, me perdi toda no raciocínio. — admitiu, a contragosto.

Magnólia entrou no escritório, trazendo o envelope do encaminhamento e o entregou ao patrão.

— Ela tá linda, não?

Oh, meu Deus, que vergonha!

O sr. Ferrari a encarou por um longo momento, e ela se sentiu na obrigação de sustentar o seu olhar.

— Não cresceu muito. — Foi tudo que ele disse a seguir.

— A Marina era uma boneca miudinha, embora o Marcelo fosse grandalhão. Parece que os genes da mãe ganharam o páreo. — disse a governanta, abrindo um sorriso gentil.

— Obrigado, dona Magnólia. — O agradecimento tinha o tom de um convite para ela se retirar.

E foi o que a senhora fez.

O fazendeiro leu o documento da agência e a

carta de recomendação da livreira anexada a ele. Depois de novo a fitou, sondando-a.

— A verdade é que preciso de uma excelente babá, e talvez você não esteja capacitada suficientemente.

— Não entendi.

— Pouca experiência, pouca idade, pouco controle emocional. O ponto positivo é que conheço a sua origem, sei de onde veio, como foi criada e, acima de tudo, eu era amigo do seu pai. Sinto que devo ajudá-la por causa dele.

— Teria me ajudado mais dez anos atrás. — deu-lhe na cara. — Todos os amigos dos meus pais desapareceram depois da morte deles. Fiquei sozinha e esquecida. Ninguém pensou em me adotar. Aliás, ninguém pensou em mim.

— É verdade.

— Então não venha me dizer que vai me contratar por que é amigo do meu pai.

— Quer que eu leve em consideração apenas o seu currículo e a dinâmica dessa entrevista?

Fodeu. Fodeu pra cacete!

— Não quis dizer pra ser tão formal assim.

— Melissa, por favor, tente ser mais clara.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quero ser avaliada por mim mesma, mas não deixe de levar em consideração que sou amiga do seu amigo que já morreu. — fingiu-se de inocente.

Ele sorriu de um jeito maldosamente charmoso.

— Sei como se faz isso, menina. — Ele se ajeitou na cadeira, cravando os cotovelos na mesa ao fitá-la fundo nos olhos. — Que tal começarmos com uma contratação temporária? Se der certo, você será contratada imediatamente. E se não se adaptar ao trabalho ou a vida no campo, pagarei os seus direitos e será liberada.

— Onde irei morar durante esse período de experiência?

— Aqui, na minha casa. — Ele se levantou da cadeira. — O horário de trabalho é flexível, e o salário você já sabe qual é. Pense a respeito enquanto eu decido sobre a sua contratação ou não. Alguma pergunta?

— Tenho que usar uniforme?

— Não.

— Ok, era só isso.

Melissa se levantou da cadeira sentindo as

PERIGOSAS ACHERON

pernas moles. Acabava de passar por um teste de fogo em relação à sua ansiedade.

— Vou lhe dar a resposta definitiva amanhã. Até mais, garota. — disse ele, conduzindo-a pelo cotovelo pra fora do escritório.

Capítulo 8

Melissa desceu do ônibus ainda com a imagem do fazendeiro na cabeça, o modo como ele falava, baixo e firme, às vezes, com um rastro de cinismo no timbre ligeiramente rouco, mas sempre sereno, parecia um disfarce para uma personalidade forte. Era um homem bonito, dono de uma beleza madura, rugas nos cantos dos olhos e um conjunto de linhas de expressão na testa, em especial, quando ele a franzia. O olhar observador e sarcástico, um tipo de sarcasmo ácido e, em alguns momentos, notou certa amargura.

Precisou de pouco tempo para perceber que se tratava de um homem que sabia o que queria e como conseguir. Afinal, era dono de um haras de criação de Quarto de Milha, animais de competição. E isso dava pista de que também era uma pessoa competitiva.

O seu desempenho na entrevista foi péssimo. Falou besteira, xingou o cabra, entalou na poltrona, mostrou o absorvente interno, fez toda atrapalhada possível. Além de não ter experiência com crianças,

PERIGOSAS NACIONAIS

uma vez que mentiu sobre cuidar de bebês, pois jamais se envolveu com os outros abrigados. E o fato de preferir morar na cidade foi captado pelo fazendeiro. Havia apenas um ponto a seu favor: os seus pais, e a amizade entre eles.

Mas o sr. Ferrari não pareceu um cara sentimental.

Atravessou a rua imersa em seus pensamentos e, quando isso acontecia, era preciso se beliscar para voltar à realidade. Certa vez quase foi atropelada por uma carroça... Na verdade, teria sido pelo cavalo. Tinha uma mente que fervilhava ideias inúteis, pensamentos negativos pra caramba, uma facilidade tremenda de imaginar tragédias e catástrofes, além das imagens pornô. Era um inferno isso, mas pensava muito em pênis.

Estacou no meio da calçada diante da sua casa, sentindo o sangue ferver nas veias.

Droga, eu não acredito!

A cadeira de balanço e a sua televisão de 20 polegadas e um saco de lixo, daqueles pretos de 100 litros, largados no pátio.

Não precisou nem tentar entrar, tinha certeza de que a louca da proprietária trocou a fechadura.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

As coisas na rua eram a prova de que fora despejada. Acontecia apenas que ela não devia aluguel nenhum, já tinha acertado o atual, por isso o motivo do despejo era ridículo.

— Dona Clotilde, faça o favor de vir aqui!
— bateu o punho na porta dos fundos da casa dela.

O nome da chaminé ambulante era *Crotilde*, mas Melissa se negava a falar errado. Ah, que se danasse, ia chamar a desgraçada de desgraçada mesmo!

— Pra que esse fiasco todo? Tá desempregada e não vai ter como pagar o aluguel, ora. Queria o quê? Que eu ficasse no *preju*? Aluguei a casa para um casal, os dois trabalham, são professores. Pensei que fossem se mudar semana que vem, mas anteciparam para amanhã. Tive que limpar a casa... por sinal tava suja pra cacete!

— Paguei os trinta dias de aluguel, não pode me pôr na rua...

A grandalhona avançou um passo, as mãos na cintura, o cigarro pendurado no canto da boca, uma mecha de cabelo oleoso caída no meio da testa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não posso o quê?

— Me jogar pra fora.

— A casa é minha!

— Mas eu paguei pra morar o mês completo.

— Aqui não é o orfanato, menina, não tenho pena de quem não tem dinheiro. Pega as suas coisas e se manda!

— Vou arrebentar aquela porta e dormir dentro da minha casa! — ameaçou, as lágrimas beirando às pálpebras.

— Que atrevida! Sua mãe não lhe deu educação, não é? Oh, você é órfã, me perdoa. — zombou.

— Vaca gorda! — xingou-a, agora, chorando de raiva.

Num segundo a mulher inclinou a cabeça para o lado e chamou as duas filhas. Uma era halterofilista, e a outra, jogadora de rúgbi. Ou seja, dois armários cor-de-rosa.

— O que foi, mãe?

— A palhaça me chamou de vaca gorda. — apontou para ela antes de cuspir a saliva no chão.

Melissa pensou em disparar numa corrida mais rápida que as próprias pernas. Porém, uma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

curiosidade sombria e um tanto macabra a fez esperar para ver o que ia acontecer.

Iam matá-la?

Descobriu três minutos depois que ela só ia apanhar, levar uns socos na barriga, uns chutes nas costas e ser jogada na calçada.

Pegou o saco com as suas roupas e a bolsa onde estavam o dinheiro e os documentos. Sentou na calçada e deu uma olhada em si mesma. Estranhamente não sangrava. Afinal, levava socos e não unhas. Elas sabiam como bater pra machucar sem tirar sangue. O corpo moído, a dignidade devastada e sem ter para onde ir.

Levantou do chão e olhou em torno, a rua vazia, nem um mendigo sequer pra lhe oferecer uma palavra amiga.

Que se fodessem a cadeira de balanço e a televisão. Queria fugir dali, cair fora, refazer a vida. Não aguentava mais tanta pressão. Via gente da sua idade nas praças e parques, sorveterias e cinema, rindo, se divertindo, namorando, brincando... e ela ainda lutava para sobreviver. Sem descanso. Sem trégua. Sem recompensa.

Um raio serpenteou no céu carregado de

PERIGOSAS ACHERON

nuvens. Melissa agradeceu mentalmente a Deus por piorar a situação. Nada como um recado divino... *tava reclamando é? Agora sim vou te dar motivo!*

Contou as cédulas sem tirá-las da bolsa, talvez tivesse o suficiente para passar a noite em um hotel meia boca. A duas quadras dali tinha um desses, meia boca desdentada, um pulgueiro.

O recepcionista estava sentado no sofá, assistindo ao futebol na televisão. Assim que a viu, levantou-se e se postou de trás do balcão. Era um garoto da sua idade.

— Um quarto, por favor.

— Com ventilador ou ar-condicionado?

Ela leu os preços na tabela fixada na parede de trás do rapaz.

— Sem nenhum dos dois. — era o que podia pagar.

— Ok. O acerto é no *chécaín*.

— Como?

— O acerto, ele é feito no *chécaín*.

Que merda ele tá falando?

Contou as cédulas e as deixou no balcão.

Ele deu uma olhada nelas contra a lâmpada, verificando a sua autenticidade com a descrição de PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um palhaço de circo. Deu-lhe o troco e voltou ao sofá.

Melissa entrou no quarto, que ficava no segundo e último andar, e sentou na beirada da cama.

Tinha dinheiro para alguns dias de hotel e um pouco de comida.

Sentiu saudade do abrigo.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 9

O encontro foi marcado em uma churrascaria à beira da estrada. John Smith era podre de rico, mas gostava de frequentar os mesmos lugares que as pessoas de baixo poder aquisitivo. Ambientes exóticos, como ele dizia. Na verdade, ele falava *espóticos*, e sua esposa meio que traduzia o português torto do norte-americano.

A construção era de madeira, com ventiladores de teto que não davam conta do calor, mesas e cadeiras desconfortáveis, toalhas com nódoas de gordura. Àquela hora ainda não lotara, mas não demoraria muito para o salão a poucos metros das churrasqueiras ficar apinhado de passageiros de ônibus, caminhoneiros e todo tipo de gente que usava a rodovia.

Sante preferia comer em casa, sossegado, sozinho na cozinha.

Ajeitou o chapéu, puxando a aba pra baixo, e tal gesto significava que não cumprimentaria nenhum conhecido a não ser o homem que o convidou para o almoço de negócios.

Arrastou as botas no piso de cimento, a mão descansava na fivela de prata e o olhar no vazio, uma vez que pensava profundamente nos argumentos que usaria pra arrancar a grana do camarada. O fato de ele misturar vida pessoal com a profissional o irritava. Era irracional e incompatível com o perfil de um investidor sério.

Ao erguer a cabeça, deu de cara não apenas com o americano encorpado, de quase dois metros e cento e poucos quilos, as bochechas vermelhas e o cabelo e as sobrancelhas quase brancas. Sua esposa havia-o acompanhado.

— Como vai, Smith? — estendeu a mão, forçando-se um sorriso.

O outro se levantou e lhe devolveu o cumprimento de modo espalhafatoso.

— Ô *mio amico* Sante, como estar *você*?

— Seguindo a vida. E a senhora? — voltou-se para a loira de seios turbinados, bronzeado artificial. Ela aparentava menos de 50 anos, mas era sabido que ultrapassava os sessenta, assim como o marido.

— Amando cada dia que passo nessa cidadezinha tão acolhedora. — sorriu, exibindo os

dentes de porcelana.

— Onde estão hospedados?

— No Fontana Palace, é o melhor, não?

— Pelo menos é o único quatro estrelas que temos pela região. — garantiu, puxando a cadeira pra se sentar. Notou um ar de decepção no semblante da mulher e antecipou-se: — Desculpe não os ter avisado sobre as condições de hotelaria daqui. — apertou a boca com pesar.

— Não, não é isso. — disse a mulher, levando a mão ao peito, exibindo os anéis caros. — É que eu esperava conhecer a sua esposa.

Quem disse que eu sou casado?

Sentiu a força do olhar do investidor sobre si, avaliando-o. Parecia que acabava de adentrar os portões que conduziam ao palácio de ouro, contudo, antes disso, teria de caminhar sobre um campo minado.

Tudo que falasse, a partir de agora, contaria pontos para o seu recomeço ou falência de vez.

A autenticidade ou princípios estavam fora de questão.

Precisava do dinheiro dele e ponto final.

E, como uma vadia barata, viu-se dizendo:

— Ela ficou com a bebê, que tá gripada.

— Ah, a filhinha que você criou como sua após a morte da mãe dela? Achei esse gesto tão bonito. Que Deus o abençoe!

Isso só podia ser coisa do Leonardo Albuquerque.

Ele jamais teria a ideia de mentir que havia adotado a própria filha. Teria assumido a criança como sua e ponto final. E dito mais: só transei uma vez com a mãe dela e tive azar.

— Obrigado.

— Então, como faremos, John? — A mulher se voltou para o marido. — O que acha de marcarmos um nova data para eu conhecer a sra. Ferrari?

Diabos, não se metam na minha vida.

Apertou os maxilares a ponto de trincar os molares.

— Podemos começar a conversa agora e fecharmos os últimos detalhes num jantar na minha casa. — sugeriu.

O velho buscou o olhar da esposa. Pelo visto ele tinha o dinheiro, e ela o poder.

— Ah, me perdoa, mas acho enfadonhas

PERIGOSAS NACIONAIS

essas conversas de negócios. Vim almoçar junto pra ficar de papo com a sua esposa e assim não me entediar com vocês. — ela riu-se.

Sante presenteou-lhe com um de seus sorrisos charmosos. A vontade que tinha era de mandá-la procurar o que fazer. Não entendia como alguns homens bem-sucedidos profissionalmente se deixavam mandar por mulheres sustentadas por eles próprios.

— Como *você* viu, a patroa é a *coumâdanti*.
— disse John, no seu português atravessado.

Cabra, você tem quase setenta anos nas guampas e vai se deixar levar pelas vontades da esposinha?

— Claro.

E agora?

Precisava físgá-lo o quanto antes. Assim, o certo era marcar o jantar para o dia seguinte, mantê-lo com a isca na boca. Por outro lado, não teria tempo para arranjar uma atriz que interpretasse o papel de sua esposa, tampouco treiná-la para agir de acordo.

— Que tal amanhã à noite? — sugeriu a mulher, sorrindo para ele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O seu cérebro girava a todo vapor buscando uma saída. A tensão era tanta que ele podia absorvê-la no ar pesado. Era certo que suava frio na testa. Toda a sua vida estava naquela fazenda e não podia correr risco de perdê-la.

Uma garota de programa.

Sim, poderia contratá-la para se passar por sua esposa.

Melhor ainda, uma puta comum, da própria cidade. Não teria que buscar da capital, podia até ser uma com quem trepou.

Mas quem? Todos os nomes se apagaram de sua mente. O estresse o atingiu a um nível extremo.

Sante segurou o ar nos pulmões. Teria tempo para montar a farsa? Se fosse descoberto, era certo que o investidor perderia completamente a confiança nele e a chance de se reerguer iria para o espaço.

Era tudo ou nada.

Uma situação nada nova para ele.

— Combinado. — disse Sante.

Ele nasceu para vencer no mundo hostil que o odiava. Salvaria os seus cavalos e a sua terra.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 10

Melissa ainda tinha créditos no celular quando telefonou para a fazenda de Sante Ferrari. A ideia era reforçar o interesse que tinha pelo emprego, mas a vontade mesmo era a de implorar pela vaga.

Quem a atendeu foi a governanta.

— *Rancho e Haras Ferrari.*

Jesus, que nome maravilhoso! Guia esse homem para a luz, por favor!

— Oi, Magnólia, aqui é a Mel.

— *Minha lindinha, quando voltará para nos visitar?*

AGORA!

— Pois é, gostaria muito de falar com o sr. Ferrari sobre a vaga de babá.

— *Hum, ele ainda não chegou.*

— E a sra. Ferrari?

— *Não existe uma sra. Ferrari.*

— Oh, meu Deus. Por acaso o sr. Ferrari tem um bom coração?

Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres, e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora da nossa morte. Amém!

— *Tenho as minhas dúvidas.* — respondeu a governanta num tom de voz que Melissa não soube como interpretar.

Acho que vou ter um infarto no cérebro.

— Preciso muito falar com ele.

— *Vou lhe passar os números do seu celular.*

— Mas eu sei os números do meu celular.

— *Não, querida, quis dizer do celular dele.*

— Ah, entendi. Mas eu não tenho como ligar pra ele, tô pobre de créditos.

— *Então eu telefono e passo o recado. O que você precisa?*

— Preciso do emprego de babá. Preciso muito, fui despejada, não tenho onde dormir nem dinheiro pra comer... Quero dizer, eu não *como* dinheiro... tô sem um puta no bolso... Me desculpa o palavrão, embora puta seja uma profissão, eu... —

PERIGOSAS NACIONAIS

Apertou a boca com força, segurando o choro. Agora não era raiva, e sim desespero.

— *Fica onde tá que vou falar com o patrão.*

— Obrigada.

— *Não chora, minha lindinha. Tudo vai dar certo.*

— Não tô chorando. — disse, chorando.

O céu voltou a despejar a chuva na cabeça de todos. Melissa não tinha para onde ir, a não ser o quarto de hotel. A ideia de se enfiar num lugar que não lhe era familiar a mantinha na lanchonete com um copo de café preto na mesa.

Durante o tempo no abrigo, ajudou as funcionárias com a limpeza e a organização dos cômodos. Arrumava os beliches, lavava roupa e às vezes dava as caras na cozinha. Voltava da escola, fazia os deveres e procurava o que fazer, fosse limpar o jardim ou lavar a calçada. O importante era se sentir útil, assim diminuía a ansiedade quando chegasse o momento de viver por conta própria.

PERIGOSAS ACHERON

O celular vibrou, e ela atendeu a ligação imediatamente.

— *Aqui é o Sante. Onde você tá?*

— Na lanchonete Nevada.

— *Tô chegando aí.*

— Obrigada, sr. Ferrari.

Ao encerrar a ligação, pensou se ele lhe emprestaria dinheiro para se virar por uns dias ou apenas conversaria com ela, dando-lhe bons conselhos. No momento, precisava mesmo era de um trabalho remunerado.

A picape estacionou junto ao meio-fio. Sante baixou o vidro elétrico e se inclinou sobre o assento do passageiro.

— Vamos para a fazenda.

Entrou no veículo e acomodou o saco preto e a bolsa no assoalho. Os pneus deslizaram suavemente e mal se ouvia o barulho do motor. A cabine refrigerada era cheirosa e maior do que parecia vista de fora. O painel colorido assemelhava-se ao que se via nas naves espaciais dos filmes.

— O que aconteceu?

— Eu trabalhava em uma livraria, a dona

PERIGOSAS NACIONAIS

quis cortar despesa e me demitiu. Aí quando voltei da entrevista na sua fazenda, fui despejada de casa.

— E a rescisão de contrato de trabalho?

— Me mandaram voltar semana que vem para receber.

— Isso é tudo que você tem? — olhou para as coisas aos pés dela.

— Sim. Na verdade, perdi a televisão e a cadeira de balanço.

— Relíquia de família?

Voltou-se para ver se ele estava debochando, mas o semblante permaneceu sério, concentrado no trânsito do centro da cidade.

— Não, eu mesma comprei em uma loja de móveis usados.

Ele assentiu levemente com a cabeça e seguiu o resto do trajeto sem falar.

Olhou de esguelha para o motorista quando passaram pela porteira aberta pelo vaqueiro. Nada na sua feição indicava o que ele pensava fazer com ela. Queria muito que lhe oferecesse o emprego, assim teria a chance de morar num lugar legal e, no mínimo, se sentir segura por um tempo.

Se tivesse que implorar, imploraria.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Só não podia voltar pra cidade com uma mão na frente e outra atrás.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 11

Magnólia parecia preocupada, segurando a bebê que chorava alto. Zanzava de um lado para o outro da sala, embalando-a na vã tentativa de fazê-la pegar no sono.

Era nítido que Brenda não queria dormir, e o choro parecia mais uma demonstração de rebeldia. Melissa já tinha presenciado esse tipo de manifestação por parte dos bebês do abrigo, em especial, quando as funcionárias os colocavam nos berços sem que eles estivessem dispostos a dormir.

Se a governanta insistisse, Brenda continuaria berrando até vencê-la pelo cansaço.

Melissa largou o saco com suas roupas no chão e foi até Magnólia.

— Posso tentar acalmá-la?

A mulher mais velha lançou um rápido olhar para o patrão e, aparentemente não vendo impedimento, entregou-lhe a bebê.

Brenda era gordinha, mas não estava acima do peso e cheirava a talco infantil.

Melissa a pegou debaixo dos braços e a encarou por um momento, sem nada falar. Abraçou-a e a beijou, aconchegando-a junto ao peito. Caminhou até a janela, falando palavras doces bem baixinho.

Um vaqueiro puxava o cavalo pela rédea, os cascos faziam um barulho seco contra o piso da calçada que antecedia o gramado.

Ela encaixou as perninhas de Brenda sobre o osso do seu quadril, rodeando o braços nas costinhas dela.

— Olha ali o cavalinho! — chamou-lhe a atenção, apontando o dedo indicador na direção do animal.

Sentiu a atenção da governanta e do pai da criança às suas costas. Não conseguia vê-los, era mais como uma “incômoda sensação”.

Brenda parou de chorar, levou o punho à boca e o mordiscou com seus dois dentinhos.

Melissa suspirou, aliviada. Porém, cantou vitória antes do tempo. O cavalo não distraiu a garotinha o suficiente para que se esquecesse de lutar pelo que queria através do choro. Abriu o berreiro novamente.

PERIGOSAS NACIONAIS

A bebê estava com sono, pois bocejava e coçava os olhos o tempo todo e lutava contra a vontade de dormir. Mas também ela podia estar com sono e com dor de barriga.

Ela resolveu arriscar uma manobra perigosa.

Ergueu a pequeninha no alto, sentindo o peso dela na parte inferior dos braços e a sacudiu, brincando de “aviãozinho”.

— Para onde vamos, teco-teco de fraldas?

Girou-a no ar bem devagar, vendo a expressão curiosa de quem acabava de desistir do choro. Havia expectativa nos olhinhos molhados de lágrimas e, quando Melissa rodopiou no próprio eixo mais uma vez, Brenda desatou a rir. Era uma risada frouxa que logo virou uma crise de gargalhadas.

— Você conseguiu! — ouviu a governanta falar. — Viu, patrão, a Melissa tem jeito com a Brendinha.

As gargalhadas da criança eram contagiantes. Melissa começou a rir junto e, como não conseguia se controlar quando tinha um surto de risos, abriu bem a boca rindo alto, bem escandalosa, sem classe alguma.

PERIGOSAS ACHERON

Brenda continuou rindo, as bochechas vermelhas, os olhos brilhantes enquanto cuspiu um jato de leite dentro da boca de Melissa.

— Oh, meu Deus! — a governanta se aproximou, tomando a bebê no colo. — Esqueci que ela tomou a mamadeira faz pouco tempo.

Melissa quase se engasgou, tossiu muito e acabou se cuspiando. Sujou a roupa e o tapete que parecia caro.

— Vá se lavar.

Sante ordenou, o olhar crítico sobre ela, antes de se encaminhar para o escritório.

Ok, ela até que bebeu vômito, mas pelo menos acalmou a filhinha dele.

Brenda parou de rir, acomodou a cabecinha no ombro da governanta e ficou um tempo olhando para um ponto vazio, as pálpebras se fechando aos poucos como se ela ainda lutasse contra o sono, mas agora certamente perderia a batalha.

Por via das dúvidas, Melissa cuidou para não fazer barulho ao se desviar dos móveis e rumar em direção ao banheiro mais perto.

Lavou o rosto e o secou na toalha clarinha. Ajeitou com os dedos o cabelo preto e liso,

comprido até metade das costas. Notou as olheiras debaixo dos olhos escuros, um vinco que alcançava parte das suas bochechas. Tinha quase certeza de que perdera dois ou três quilos desde que saíra do abrigo. Mas ainda não tinha o rosto com aspecto encovado. Apesar de ser magra, para a sua sorte, era bochechuda.

Assim que voltou à sala, Magnólia avisou de que o patrão a esperava no escritório.

Melissa já tinha rezado pela manhã, então talvez estivesse sem munição extra para fazer pedidos divinos. Fato era que torcia para que o sr. Ferrari a deixasse cuidar da bebê.

Capítulo 12

Sante estava sentado no sofá, fumando, quando Melissa parou à porta do escritório. Ele deu uma última tragada e amassou o resto do cigarro no cinzeiro da mesinha de canto.

— Entra, por favor. — fez um gesto de mão, indicando o móvel diante dele.

Ela sentou e ajeitou a bolsa no assento de couro. A vontade que tinha era de olhar diretamente para o homem, ler o que lhe passava pela cabeça numa tentativa de antecipar o assunto de que tratariam.

Entretanto, uma timidez avassaladora a fez baixar os olhos e fixar os próprios tênis. A visão periférica, contudo, captou as cortinas fechadas e o copo de uísque sobre a mesa entre os sofás.

— Vou direto ao ponto. A sua atual situação é comovente, mas não é o suficiente para que eu a contrate como funcionária.

O último fio de esperança se rompeu no ar. Melissa sentiu porejar o suor na testa.

— Entendo.

O que mais poderia dizer depois de se mostrar desesperada?

— Por outro lado... — Quando ele falou, ela o encarou diretamente e viu o semblante masculino se suavizar. — Sei de onde veio e conheço a sua história de vida. O Marcelo e eu fomos bons amigos. Ele era um homem leal e íntegro como poucos. — Apertou a boca num gesto de amargor. — Senti muito a sua perda.

— O senhor também frequentava a nossa fazenda, não é?

— Acho que não lembra, mas fui eu quem a ensinou a cavalgar. — comentou, sem inflexão especial na voz.

— Merda, não lembro. Opa, me perdoa pelo merda. Ah, merda, disse merda de novo. Ok, tudo bem, eu realmente não lembro muito do senhor. — atrapalhou-se toda, corando muito.

Ele a avaliou detidamente.

— É possível que você não se adapte ao trabalho, tampouco à vida no campo novamente.

— Tô ferrada pra caramba, vou me adaptar até a vida em Marte.

— Isso é apenas um fase, Melissa, logo

passará. — disse, brandamente. —Proponho, portanto, um período de experiência de sessenta dias para avaliarmos se seguiremos na mesma direção ou se você voltará à cidade. De qualquer forma, pretendo ajudá-la com uma mesada. Tô para fechar negócio com um investidor.

— Esse moço investidor vai comprar a sua fazenda?

— Uma parte dela.

— E vai mandar em você?

Ele esboçou um sorriso.

—Impossível.

— Oh, então não venda uma parte grande, né? É assim que funciona?

— É bem assim. Mas ele não terá nem metade das minhas terras.

— Tá certo.

— Vou adiantar parte do salário para que não fique de bolso vazio. A dona Magnólia mostrará a suíte onde ficará e a agenda com os horários das refeições, além da lista de tarefas que terá com a Brenda.

— Sim, senhor. — A sensação de alívio era imensa, por isso ela arriscou perguntar: — A sra.

Ferrari costuma visitar a filha?

Viu-o contrair o canto do lábio num ricto de desagrado. Era visível que ele não esperava pela pergunta dela.

— A Brenda não é filha da minha ex-mulher. Dito isso, ele se levantou e estendeu-lhe a mão.

— Oh, eu acho que deixei a carta de encaminhamento aqui. — justificou-se, constrangida.

— Agora quero apertar a sua mão, Melissa. — falou, sério, embora houvesse um ar de divertimento no canto dos olhos.

— Ah, claro! Meu Deus, sou uma anta mesmo.

Apertou a mão dele, com um sorriso que mostrava todos os dentes.

Tinha um teto para se proteger. Comida para lhe encher a barriga. Emprego para se sentir útil. Dinheiro para lhe dar segurança. E um bebezinho para mimar.

PERIGOSAS NACIONAIS

Sante estava sentado na tábua mais alta da cerca que contornava a pista de corrida da fazenda, quando Leonardo deu o ar da sua graça.

— Esse aí vai longe. — disse o ex-delegado, apontando para o Quarto de Milha de pelagem alazã.

Dava para ver a musculatura do animal se contrair e se esticar debaixo da pele durante a corrida, as patas se projetavam atirando-se com velocidade na pista e o pescoço erguido dizia muito da primeira raça equina desenvolvida nos Estados Unidos, isso no início dos anos de 1600.

— Ele tem tudo para ser um campeão. É rápido e inteligente. — afirmou Sante.

— Vou dizer uma coisa, os seus cavalos são os melhores.

— Eu sei, por isso temo perdê-los.

Leonardo tirou o chapéu, se abanou e depois o colocou de volta na cabeça.

— Pois é, o cara então quer conhecer a esposa do fazendeiro.

— Aham, coisa da mulher dele.

— A esposa do investidor.

Sante o fitou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tá arranjando título pra livro feminino ou o quê?

— Ah, sem querer o fiz se lembrar da ex-senhora Ferrari, que amava romances açucarados. — zombou, sorrindo.

— E queria viver na vida real o que lia nos livros. — comentou, com sarcasmo. — Talvez o atual noivo dela realize as suas fantasias.

— Não duvido. Você nem tentou, não é mesmo?

— Vivo no mundo real.

— Sinceramente, às vezes, não sei por que as pessoas insistem em casar.

— De minha parte, casei por paixão, tesão, sei lá. Durou dois anos, faz três que tô divorciado, e penso que nunca perdi o foco, que é o meu haras. — comentou Sante, sem dar importância ao assunto.

— A Adriana queria que ela própria fosse o seu foco. E esse é o problema da mulherada, querem nos monopolizar.

— Isso mesmo, solteirão.

— Prefiro o termo “homem livre”. — debochou. — Mas mudando de assunto... De onde

PERIGOSAS ACHERON

vai tirar uma esposa? Pretende telefonar para a ex te dar uma forcinha?

Sante fez uma careta de contrariedade.

— A gente não se fala desde a audiência do divórcio. — suspirou, fundo. — Pensei em contratar uma vadia pra interpretar o papel da sra. Ferrari.

— Olha, combinaria muito com você.

— Claro, se for uma vadia de alto nível.

— Fodido, mas digno. — bateu palmas. — Só tenho que te avisar de uma coisinha... A Julia Roberts é uma atriz e não uma prostituta, ok?

— Eu devia ter feito graça do seu ferimento quanto te visitei no hospital. — semicerrou as pálpebras, provocando-o num tom displicente.

— Cabra, você apertou a bandagem do meu ferimento à bala.

— Infelizmente foi sem querer. — Puxou a carteira de cigarro do bolso traseiro do jeans e sacou um deles, pendurando-o entre os lábios. — Não há outra saída. Pago uma prostituta e mando decorar algumas informações. É só um jantar, terei de segurar o tranco por poucas horas.

— Pede a dona Magnólia que apareça com a

PERIGOSAS NACIONAIS

Brenda. Os bebês distraem as mulheres.

— O problema é a sra. Smith desconfiar da minha esposa de conveniência...de contrato... — Ele não sabia como se referir à sua cúmplice na farsa.

— De aluguel. Já sabe quanto vai pagar? — Leonardo completou por ele.

— O mínimo possível.

— Uau, vai conseguir uma boa mercadoria. Sante o olhou feio.

— É só uma esposa, não um cavalo.

Leonardo explodiu numa sonora gargalhada.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 13

O plano original era telefonar para uma ex-amante. O lance de apelar para uma prostituta de repente lhe pareceu arriscado. Enquanto era apenas uma ideia achou que daria certo. Mas depois que conversou com Leonardo, percebeu que talvez fosse inviável.

No entanto, a tentativa de contratar uma mulher já conhecia sua, falhou. Ao final da quinta ligação, recebendo o quinto “não”, descobriu que as ex-amantes não o consideravam como um amigo. Por sinal, merecidamente. Pra variar, também as deixava de lado quando bem entendia, procurando-as convenientemente apenas para fazer sexo.

Teria então que voltar a primeira ideia, embora fosse complicado confiar em uma prostituta.

Marcou um encontro com Ingrid, às nove da noite, no restaurante de um hotel.

A garota de programa tinha 29 anos, e ele a encontrou no site de uma agência local de modelos fotográficos que, na verdade, eram acompanhantes

de luxo.

Fez o pedido ao garçom de uma água mineral sem gás. Assim que o rapaz se afastou, a morena vestida na minissaia preta e blusa de ombros de fora parou junto à mesa do café e pegou o celular.

Imediatamente o celular de Sante vibrou. Fez então um discreto sinal com a mão, chamando-a para sua mesa.

Ela sorriu e se aproximou, rebolando as ancas de modo displicente.

A primeira impressão que teve foi desfavorável a ela. O perfume era forte, chegou antes da mulher. A roupa sexy demais. O cabelo selvagem, a maquiagem pesada, as sandálias barulhentas. Aparentava pertencer a uma classe social inferior à dele, o que não era problema, caso não fosse candidata a se tornar sua esposa de mentirinha.

— Sr. Ferrado?

— Ainda não. — respondeu, a contragosto.

— Ferrari. — corrigiu-a, levantando-se para afastar a cadeira pra ela sentar.

— Não preciso de macho pra me dizer onde

sentar. — disse, parecendo forçar um sorriso.

Hum, agressiva e vulgar.

— Isso se chama cavalheirismo. O que você não precisa é de um macho sem educação. — olhou-a nos olhos.

— Acho que começamos com o pé esquerdo, não? — suavizou.

Era sempre assim, elas davam uma patada, levavam um coice nos cornos e então baixavam a bola.

— Não começamos nada, isso é uma reunião de negócios. — disse, secamente, voltando a sentar do outro lado da mesa.

— E o seu negócio é grande?

— Vou dispensar a sua atuação como prostituta, ok? Na verdade, quero contratá-la para bancar a atriz... ou melhor, ser a minha acompanhante num jantar de negócios.

— Entendi. Então não vamos *fudê*?

O modo que ela falou foi tão seco e agressivo que a frase lhe doeu nos ouvidos.

— Você quer foder ou ganhar dinheiro?

— Os dois, né? — mascou chiclé bem devagar, varrendo-lhe o rosto com os olhos

brilhando.

— Consegue decorar algumas falas e se passar por minha esposa?

— Como assim?

— Vou pagar pra você fingir que é a minha esposa, não entrarei em detalhes sobre o motivo, é desnecessário. Só precisa saber o texto de cor, interagir com os convidados, ser elegante e eficiente como anfitriã e educada, recatada e polida.

— Polir o quê?

— Nada. — suspirou, cansado.

Ele esfregou o rosto com as mãos, antecipando intimamente o fiasco que seria tê-la como esposa.

— Posso mentir que sou a sua mulher, o meu preço é baratinho. Só tem que me emprestar roupas de gente rica.

— Entendeu então o que eu quero?

— Sou meio lenta, meu cérebro pega no tranco, mas agora que esquentou, saquei tudinho.

— sorriu.

O garçom chegou trazendo a água, e a mulher o pegou no braço e fez o seu pedido.

— Uísque sem gelo, tá, querido?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, senhora.

— Senhora tá no céu, me chama de Ingrid.

— Suspenda a bebida. — Sante disse ao garçom.

O rapaz relançou um olhar para a mulher.

— Você foi cavalheiro pra *segurar* a cadeira e agora não vai me pagar uma bebida?

— Acho que já chegou com o tanque abastecido, não?

— Um copinho só.

— Isso é falta de profissionalismo, srta. Ingrid.

— Oh, vá se danar, playboy.

— Sou fazendeiro. — corrigiu-a — Vou lhe enviar por e-mail o roteiro com as falas e as informações de que precisa decorar.

— Que roteiro?

Ele a fitou seriamente.

— Usou drogas?

— Não, claro que não. — riu — Hoje foi o meu dia de folga, dormi a tarde inteira, ainda tô meio sonolenta. Mas louca pra dar. Quando vamos subir para o quarto?

— Já disse que é um encontro de negócios.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, e o meu negócio é foder.

— É verdade. — deu uma rápida olhada no relógio de pulso e falou: — Então vamos subir.

— Gostei, falou a minha linguagem, fazendeiro.

Ele destrancou a porta, e ela entrou gingando levemente os quadris, olhando para tudo com olhos de fuxiqueira. Atirou-se na cama e fitou o teto, depois se apoiou nos cotovelos e o encarou.

— Eu seria capaz de morar nesse quarto.

— Imagino que sim. — disse, puxando o cinto de couro do cóis do jeans escuro.

Ela se adiantou e lhe baixou a calça, a boca avançou para a parte frontal da boxer, a mão afagou o pau duro.

— Sou tarada por homem poderoso. — ronronou.

Sante puxou o pênis pra fora da calça, segurando-o na base, e a mulher passou a língua em torno da cabeça. Ele sentiu um fio de eletricidade o transpassar.

Ingrid sabia como chupar um pau, dava para perceber que era perita nisso quando começou a sugar com força. Ele agarrou os cabelos dela

PERIGOSAS ACHERON

enquanto empurrava na boca.

No instante seguinte a pegou por baixo dos braços e a levou até a cama.

— De quatro. — mandou.

Ele empurrou pra cima a minissaia, afastou o fundilho da calcinha e a masturbou com dois dedos. Depois colocou o preservativo e meteu o pau por trás na boceta, enfiou tudo numa estocada forte. Deixou escapar um gemido baixo e rouco, sentindo o suor encobrir o seu corpo.

— Essa porra é grande e deliciosa! — Ingrid arfou, contorcendo-se em torno do pau.

Sante a pegou pela cintura, segurou-a firme, debruçou-se para frente e empurrou o quadril com força e depois quase se retirou de dentro dela. Fez várias vezes o mesmo movimento, a violência das estocadas arrancou o lençol da cama e derrubou os travesseiros.

Ela gemeu alto, e ele sentiu a vagina se apertar em torno do pau.

Montou duro nela até gozar.

Deitou a cabeça para trás, fechou os olhos e foi inundado por ondas de calor que lhe turvaram a mente e os olhos. Uma força avassaladora o atingiu

quase arrancando a tampa do seu crânio.

Respirava ofegante, mas se sentia saciado.

Saiu de dentro da mulher e foi para o banheiro. Jogou o preservativo na lixeira, abriu o registro da ducha, despiu-se e se pôs debaixo da torrente de água morna.

Notou que a porta de correr do boxe foi aberta.

— Tem lugar pra mim? — o sorriso de quem também gozou.

— Não. — puxou a porta e a fechou.

Lavou-se rapidamente com vontade de se mandar dali o quanto antes. Detestava gestos de intimidade, ainda mais com alguém que seria paga a seguir. A bem da verdade, até mesmo com a sua ex-mulher. Depois de foderem, ela começava a falar, falar e falar. Ele fingia ouvir. Mas às vezes a lida na fazenda o esgotava e acabava dormindo no meio do falatório pós-sexo.

Saiu do banho, secou-se e se vestiu.

Voltou ao quarto, abriu a carteira e pagou pela foda. Sabia o valor, estava registrado no site.

— Obrigada, sr. Fazendeiro. — olhou para ele com malícia.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não se atrasa para o jantar.

— Pode deixar. Irei meia hora antes para me vestir.

— Certo. — encaminhou-se para porta e a abriu, depois se voltou, vendo-a colocar o dinheiro na bolsa. — Boa noite, sra. Ferrari.

Ela sorriu para ele e piscou o olho de modo sacana.

Que péssima ideia, pensou, saindo para o corredor.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 14

Melissa sentou à mesa da cozinha, o cheiro da carne assada se misturou ao arroz com espinafre, batatas cozidas encobertas pelo molho branco e salpicadas por queijo ralado grosso. A salada verde na travessa de cerâmica e o suco de laranja natural.

Só se atinou que estava faminta ao sentir a profusão de odores mornos e deliciosos, chegando até a salivar.

— É aqui que fazemos nossas refeições. — disse Magnólia. — Os peões comem no refeitório.

Como Brenda ainda dormia no quarto, Melissa teve tempo para tomar banho e arrumar as suas roupas no closet da suíte ligada por uma porta a do bebê.

Uma morena, baixinha e aparentemente da sua idade, serviu-se de comida e sentou à mesa. Ela vestia o uniforme, que era o jeans e uma camiseta com o RHF – Rancho e Haras Ferrari.

— Sou Bianca, a arrumadeira. — Ela sorriu e se apresentou, estendendo-lhe a mão.

— Trabalha há muito tempo aqui?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Na verdade, o sr. Ferrari só me empregou ano passado, quando fiz 17. Mas moro na fazenda desde os meus 10 anos, o meu pai é vaqueiro aqui e a minha mãe, limpa as baias e alimenta os cavalos.

— A Bianca um dia será a minha sucessora. — disse a governanta. — Já estou preparando-a para quando eu me aposentar. — Depois apontou para o fogão e disse: — Vá até lá e se sirva de comida. Sinta-se em casa!

Ela não se fez de rogada e encheu o prato. Recebeu um olhar de aprovação da mulher mais velha ao retornar à mesa.

— Você tá magrinha, aproveita agora pra ganhar peso.

— Será abatida para a ceia de Natal. — disse Bianca, com bom humor. — Se depender da dona Magnólia, a gente engorda até começar a quicar no chão de tão redondas.

Melissa achou graça da observação.

A comida estava maravilhosa, temperada na medida certa, um típico prato caseiro feito na fazenda.

— Fazia tempo que eu não comia uma comida tão boa. — foi sincera.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vou chamar a Veridiana, a nossa cozinheira, pra ouvir isso. A essa hora ela tá no quarto vendo a novela.

— Não, então deixa, não quero atrapalhar a diversão dela.

— Tenho certeza de que ela prefere ouvir um elogio. A gente até que elogia a comida dela, mas nós já somos de casa, né? — deu de ombros, com displicência.

Quando Magnólia saiu, Bianca falou:

— A Veridiana foi casada com um carteiro. Um dia ele saiu para entregar cartas e sumiu. Ela o procurou por tudo que era lugar. Acabou descobrindo que ele tinha se juntado com outra lá na capital. Sofreu muito, a coitada. E agora diz que só dá, não quer saber de paixão nem amorzinho, só sexo selvagem. O único cabra que ela não paquera é o patrão. — Bianca balançou a cabeça demonstrando que levava o assunto a sério.

— E por falar em patrão... ele... bem, ele...
— ficou constrangida de perguntar.

— Ele é meio cavalo, sim. Fala o que pensa, não poupa ninguém. Aliás, mal fala, né? Tá sempre no haras nem tem tempo pra Brendinha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que eu preciso fazer pra não perder o emprego?

— Cuidar direito da filha dele.

— Claro, mas digo em relação ao meu comportamento... Ele realmente é bem direto. Quero que dê certo esse período de experiência.

— É só obedecer às ordens dele.

— Você conheceu a sra. Ferrari?

— Sim, meio fútil, mas um amor de pessoa.

Magnólia voltou tendo ao seu lado a cozinheira. A mulher usava a mesma camiseta das duas funcionárias da casa, tinha o cabelo curto e escuro, as pálpebras superiores inchadas, olhos sonolentos, a pele clara e o semblante suave de quem vivia rezando ou chapado na maconha.

— Essa é a dona Veridiana — e se voltando para a cozinheira falou: — A Melissa é a babá da Brenda. Ela é filha do Marcelo e da Marina. Lembra deles?

A outra semicerrou as pálpebras numa expressão de quem puxava informação da memória.

— Os amigos do patrão?

— Sim, os bons amigos do patrão. — repetiu a governanta, com pesar.

PERIGOSAS ACHERON

A cozinheira foi até Melissa e tocou no rosto dela.

— Você é a cara da sua mãe. — disse, séria.
— Ainda bem, porque o seu pai só era bonito pra mãe dele.

— Que é isso, dona Veridiana! Tá falando do pai morto dela!

— Bianca, não emenda um erro com outro, ok? — interveio Magnólia.

— Tudo bem. — Melissa acalmou a governanta.

— Alguém te adotou?

— Não, dona Veridiana. Fui para o abrigo com a idade dos que ficam por lá mesmo.

— Mas bonita desse jeito?

— Não sou bonita.

— Claro que é! — disse Bianca. — Por acaso não tem espelho em casa?

— Não, é muito caro.

— Vixe, e como vivia sem espelho?

— Usava o da livraria. Um dia fui trabalhar com a boca suja de pasta de dente. — Bianca riu alto, e Melissa continuou: — Atendi vários clientes suja de branco na cara, notei que as pessoas

olhavam direto pra minha boca, pensei que tava com alface entre os dentes, mas eu não tinha comido alface.

— Meu pai, que situação! — disse Magnólia, rindo.

— Se você já trabalhasse aqui, isso não ia acontecer. — falou Veridiana. — O primeiro que a encontrasse diria, “limpa essa boca suja”. O pessoal da cidade acha que cada um deve cuidar do próprio rabo e que se dane. Mas aqui a gente se vê como uma comunidade unida.

— Isso é verdade. — garantiu Bianca. — Tem sobremesa, viu? Gosta de pudim?

— Amo mais que chocolate.

As três riram.

Ao final da refeição, Magnólia lhe passou a agenda de Brenda, ou seja, tudo que Melissa tinha de fazer, os horários das mamadeiras e dos passeios na fazenda.

A bebê acordou e começou a chorar.

Melissa despertou do cochilo que dava no

sofá do quarto infantil.

Foi até o berço e pegou a ruivinha no colo, aninhando-a em seus braços. Beijou-a na testa, murmurando palavras de consolo.

Como ela já tinha tomado mamadeira, tinha de ver se não estava com a fralda descartável molhada. Deitou-a no trocador e soltou um lado da fralda, constatando que estava seca.

Sentou na cadeira de balanço com Brenda no colo e a fez dormir novamente. A garotinha sugava o polegar com o rosto colado ao peito de Melissa, parecia se sentir segura sentindo o calor do seu corpo.

Era estranho que a bebê tivesse se acostumado tão rápido com ela. Talvez alguns fossem assim, fáceis de se lidar. Magnólia dissera que Brenda sorria com facilidade e se apegava aos outros na mesma medida, raramente se estranhava com alguém. Deu a entender inclusive que tinha a personalidade afável da mãe sem entrar em detalhes quanto a do pai.

Encurvou-se para deitá-la no berço e, assim que a menininha sentiu o colchão, acordou, voltando a chorar.

— Você acha que tem formiga no colchão, Ferrarinha? — brincou, em meio a um bocejo.

Foi para o próprio quarto e, ainda com a bebê nos braços, deitou na cama, descansando a cabeça em dois travesseiros. Brenda escorregou para o lado, a cabecinha no ombro de Melissa cujo braço lhe rodeava o corpinho, trazendo-o para si.

Capítulo 15

Melissa acordou com o coração acelerado de susto segundos antes de perceber o som das batidas na porta.

Baixou os olhos e viu o cabelinho fino da bebê, que ainda dormia.

—Pode entrar. — falou, num tom macio que não a acordasse.

Sante Ferrari surgiu com a cara amarrada de poucos amigos.

— Fui até o quarto da criança e não a encontrei. — foi falando assim que entrou e, vendo-a na cama abraçada à Melissa, declarou taxativo: — O lugar dela é no berço. Não a acostume mal, temos regras nessa casa.

— Ela tava se sentindo sozinha.

E eu tava caindo de sono.

— Faz 10 meses que a minha filha dorme no berço e continuará assim.

— Às vezes os bebês gostam de dormir na cama dos adultos.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele avançou alguns passos até parar junto à cama.

— Cabe aos adultos em questão não permitirem.

— Não vejo problema de ela dormir comigo de vez em quando.

— Tá contestando uma ordem minha? — estreitou os olhos.

— Só estamos conversando, não? — saiu pela tangente.

— Aqui não tem espaço pra sua rebeldia.

— Parece até a dona da casa que eu alugava. Mas não tô me rebelando, sr. Ferrari, só pergunto pra tentar entender.

— Então serei claro, Melissa. Você é a babá da minha filha, e seguirá as regras desta casa.

— Entendi. — escorregou para a beirada da cama com Brenda no colo. Pôs-se de pé e a levou de volta ao quarto, deitando-a no berço.

A bebê acordou, piscou os olhos várias vezes, ensaiou um beijo e abriu o berreiro.

— Deixe-a chorar, que vai acabar dormindo. — determinou Sante.

— Não posso fazer isso.

PERIGOSAS ACHERON

Ele foi até o berço e olhou para a filha sem nada fazer ou dizer, só ficou olhando.

— É choro de manha. — voltou-se para Melissa. — Esse é o problema da sua falta de experiência, será manipulada por um bebê de menos de um ano de idade.

Ela farejou a fragrância de um perfume vagabundo no ar.

— Que cheiro é esse?

— O quê?

— Esse cheiro... acho que tem um espírito inferior aqui por perto.

Ele a olhou de cenho franzido.

— O que tá falando?

— Um espírito inferior. Quando sentimos no ar um cheiro bom é a visita de um espírito evoluído, do bem, sabe? Mas quando o odor é ruim, a coisa muda de figura.

— De onde tirou isso?

— Uma cliente espírita me contou. Espíritos protetores exalam cheiro de flores.

— Não tem nada de espiritual no ar, tenha certeza disso. — foi taxativo.

— Talvez o senhor esteja cercado por uma
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

orla de espíritos do mal.

— Horda e não orla.

— Pois é, foi o que eu disse. Essa orla o influenciou nas decisões ruins que o levaram a perder dinheiro.

— Sim, a *orla*. — suspirou, resignado. — Bem, amanhã a gente continua essa conversa. Uma consultoria espiritual é tudo de que preciso.

Ele deu-lhe as costas, encaminhando-se para sair.

—O senhor me ensinou a andar a cavalo. — disse, vendo-o se voltar para fitá-la. — E também me causou a primeira queda séria.

— Sim, você quebrou o braço. — constatou, retesando os maxilares.

— Me lembro da queda.

— Você não quis mais cavalgar. — fitou-a longamente. — Ficou traumatizada.

— Não se culpe. Fui para o abrigo, na cidade, bem longe dos cavalos.

— Mas agora tá de volta à fazenda. Acho que devo me redimir e curá-la desse trauma. — falou, sério.

— Prefiro o trauma. — corou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Falhei com você, e vou consertar o estrago.

— Me perdoa, mas não vou subir num cavalo.

— Vai, sim. Tudo tem o seu tempo, não irei forçá-la, mas voltará a montar.

— Olha, sr. Ferrari, isso não é importante nem gosto de cavalo.

— Não gosta de cavalo?

Meu Deus, o homi tem um haras, é o meu patrão, eu não tenho onde cair morta e ainda digo que não gosto de cavalo?

— Nada pessoal contra os cavalos.

Ele retesou os maxilares, deu para notar a musculatura forçando a pele do rosto com barba de dias, demonstrando que não gostou da resposta dela.

— Os cavalos são melhores que os humanos.

— É verdade, afinal, sou eu quem tem medo deles e não eles de mim.

— Se você der motivo, eles terão medo de você. São animais inteligentes e sensíveis.

— E muito bonitos. — ela baixou os olhos e pensou na mancada anterior, tentou se desculpar:

PERIGOSAS ACHERON

— Não quis falar mal do seu perfume.

— O perfume não é meu, Melissa.

— Ah, entendi. —mordeu o lábio inferior.

— Amanhã receberei um casal importante para os negócios da fazenda. Quero que deixe a Brenda arrumada, que a chamarei para levá-la à sala de jantar.

— É o cabra investidor?

— Sim.

— Vou rezar para que dê tudo certo.

Ele a olhou detidamente como se fosse lhe falar algo. Mas depois apenas assentiu com a cabeça e saiu.

Na manhã do jantar com o investidor, Sante recebeu uma ligação que mudaria a sua vida.

Ele estava na cozinha, terminando de tomar o café preto enquanto anotava as tarefas já concluídas para a organização do jantar. Censurou-se por não sugerir um restaurante, um lugar neutro, assim evitaria que o casal fuxicasse dentro da casa atrás de pistas sobre a vida dele.

Mas tudo se complicou.

— *Oi, sr. Fazendeiro.*

Ele reconheceu imediatamente a voz de Ingrid, embora estivesse meio que abafada, rouca ou como a voz de alguém doente.

— Pronta para logo mais? — sondou-a.

— *Tô toda fodida. Apanhei de um cliente.*

— Consegue caminhar? — soou insensível, e ele tentou consertar: — Foi sério? Como se sente?

— *Uma merda. O cara me encheu de murro no rosto, perdi dois dentes. Posso aparecer no jantar, mas não sei que desculpa dar pra minha cara cheia de hematomas.*

— Usa bastante maquiagem.

— *Vou lhe mandar uma foto, e o senhor tira as suas próprias conclusões.*

Sante viu o rosto de uma pugilista depois de um nocaute. Nenhuma maquiagem do mundo cobriria o inchaço, a vermelhidão e as manchas roxas.

— Deu queixa do filha da puta na delegacia?

— *Acha que quero morrer, é?*

— Vai apanhar de novo.

— *O pessoal da agência vai mandar uns*

“seguranças” pra rachar a cara dele também. Sinto muito por deixá-lo na mão. Posso indicar uma amiga minha...

—Não tenho mais tempo.

Encerrou a ligação, atordado, olhando para o horizonte sentindo o cérebro girar atrás de uma solução.

Ele precisava pensar rapidamente.

Podia dar uma justificativa qualquer para a ausência da esposa. Uma viagem inesperada ou a morte de um parente. O problema era que qualquer desculpa que usasse desapontaria a sra. Smith, que contava com o fato de que iria conhecer a sra. Ferrari. E, desapontada, ela não lhe seria uma forte aliada para convencer o marido a investir na fazenda.

— Ouvi a conversa. — ele viu Melissa plantada na sua frente, sorrindo sem jeito. — O senhor tá pálido. Aconteceu alguma coisa?

Engoliu em seco.

— Me fodi.

— Olha, eu tava fodida até o senhor me dar emprego, quero então ajudá-lo. Não tem tempo pra quê? Eu posso fazer se tá ocupado. Manda que eu

PERIGOSAS NACIONAIS

faço!

— Isso tá fora do seu alcance.

— O senhor não sabe do que sou capaz.

— É assunto de gente adulta. — resmungou, contrariado.

— Sou adulta desde os meus oito anos de idade quando perdi meus pais e fui deixada num abrigo. Amadureci cedo, as coisas não foram fáceis.

— A sua função é cuidar da minha filha. Onde ela tá?

— Brincando na sala. Depois vamos para a pracinha.

Ele fez que sim com a cabeça e se levantou. Havia perdido totalmente o apetite.

— Volta ao trabalho.

— O senhor não tá sozinho. — insistiu.

— Sempre estive sozinho.

— É assim que os órfãos se sentem.

Virou-se para ela e a encarou fundo nos olhos.

— Sou órfão, Melissa.

Viu-a esboçar um sorriso triste.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então pertencemos ao mesmo mundo de solidão. Por favor, me deixa retribuir o que fez por mim.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 16

Até então tudo que Melissa sabia sobre Sante Ferrari era o fato de ser um fazendeiro em crise, ter sido amigo do seu pai e criar uma filha que teve depois de se divorciar. Informações que não diziam muito dele, de quem ele era e sim se referiam mais ao seu estilo de vida.

A orfandade, por outro lado, era um dado valioso, pois lhe mostrava a essência.

— Tô jogando sujo, não quero que faça parte disso. — ele disse, mal descolando os lábios, o rosto numa expressão dura.

— Vai matar alguém?

— Não. — esboçou um sorriso como se ela tivesse falado uma besteira.

— Também quero me sujar.

— Entenda que lhe dei um emprego como qualquer pessoa o faria. Não fiz favor ou caridade.

— Sim, eu sei, mas a vaga exigia experiência e ainda assim me contratou.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Deus, tá treinando pra entrar em um convento?

— As freiras são bondosas?

— Você é bondosa, Melissa? — arqueou uma sobrancelha.

— Acho que sou mais justa do que bondosa.

Ele se aproximou a ponto de quase se tocarem. Ela teve que olhar pra cima a fim de encará-lo.

— Pois eu não sou bom nem justo, e não preciso da sua ajuda.

— Aceita, por favor. Quero me sentir útil.

— Seja útil na sua própria vida.

Dito isso, ele saiu da cozinha, deixando-a imersa nos pensamentos que se colidiam sem chegar a lugar algum.

Quando Sante precisava pôr a cabeça no lugar, buscava o refúgio de paz, a única paz que conhecia, no lombo de um cavalo.

PERIGOSAS ACHERON

Depois da conversa com Melissa, sentiu-se péssimo beirando à melancolia, havia uma aura de desamparo nela que o envolvia, levando-o de volta ao próprio passado.

Os velhos que o adotaram recebiam amigos todas as noites de sábado. Os móveis da cabana de madeira eram antigos, sofás e cadeiras, mesas e armários da década de 1960. Castiçais de velas, cortinas de tergal, a vitrola rodando música clássica, o chiado do vinil. No segundo andar, a mãe adotiva vestindo-o para a ocasião.

— Sabe de cor a letra da música, querido?

— Sei, mas não quero cantar.

— Seja bonzinho, querido.

— Por quê?

— Porque amamos você.

A mãe tinha olhos de águia no rosto encovado e flácido, enrugado, emoldurado pelos cabelos longos e grisalhos. Cheirava a talco, talco de velho. Gostava de usar vestidos até os joelhos, soltos, floridos, alegres. A voz suave e calorosa parecia hipnotizá-lo, e ele lhe fazia todas as

vontades.

— Não quero. — Por que insista em se rebelar se acabaria cedendo?

— Você tem apenas sete anos, não sabe que todas as crianças da sua idade divertem os adultos?

— Todas?

— Sim, principalmente, as que não tem ninguém no mundo.

— Mas eu tenho você e o papai.

— Até quando, querido? Somos velhos, não vamos durar muito. — Doçura na voz.

— Tudo bem, eu faço. — falou, baixinho.

— Meu querido, você é muito bonzinho. Nós te amamos. Sabe disso, não é?

— Sei. — fitou os seus pés descalços.

— Agora erga os braços. — obedeceu-lhe, e ela o vestiu, ajeitando-o na roupa. — Vou amarrar atrás pra ficar perfeito.

Ele se submeteu mais uma vez.

Diante do espelho, viu a própria imagem. Uma vez por semana, Sante fazia a vontade dos pais adotivos e divertia estranhos. O vestido azul

PERIGOSAS NACIONAIS

lhe alcançava a altura dos joelhos, era um modelo idêntico ao da velha que o resgatara do destino de ser mais um esquecido no orfanato. Ele sabia que não ficaria apenas no vestido de menina. Ela colocaria uma fita branca ao redor da cabeça dele e batom nos seus lábios.

Agora ele estava pronto.

Ela o pegou pela mão e o levou até a base da escada. Virou-se para ele e inclinou a cabeça pra baixo, afinal, Sante era pequeno e magro, um tanto miúdo para a idade.

— Cante com a alma, minha filhinha. Faça o seu melhor. — disse ela, na sua doce voz de protetora materna...

Sante apeou diante da cerca de arame farpado que fazia limite com a propriedade vizinha.

Tirou o chapéu e esfregou o suor da testa com o dorso da mão. Fitou o mundaréu de terras dos seus domínios, os olhos não as abrangiam de todo. Ali era o seu reino, casulo, lar e alma.

Ter se tornado fazendeiro o livrou da loucura dos outros.

PERIGOSAS ACHERON

O celular vibrou, e ele leu na tela o nome do investidor. Ainda não tinha uma solução para o caso, sabia apenas que lutaria pela sua propriedade até o fim.

— *Olá, sr. Ferrari. Tudo bem? Aqui é a Geraldine, esposa do John. Tomei a liberdade de ligar para o senhor, porque preciso muito de uma informaçãozinha pessoal.*

Sante fechou os olhos e retesou os maxilares.

— Sinta-se à vontade. — as palavras saíram esmagadas de sua boca.

— *Eu gostaria muito de levar um presente para sua esposa, tô empolgada pra conhecê-la e preciso da sua opinião.* — ela parou de falar, fazendo uma breve pausa, e continuou: — *Bem, ela costuma usar pulseiras ou prefere colares e brincos? Tô aqui na joalheria sem saber o que escolher, deslumbrada com uma joia mais linda que a outra.*

Droga, respira fundo, pensa rapidamente. Que tipo de joia Adriana comprava?

Aliança de casamento, anel de noivado... Enumerou mentalmente.

PERIGOSAS NACIONAIS

Coisas penduradas nas orelhas.

— Brincos. Ela tem uma coleção de brincos.
— mentiu.

— *Oh, então não vou levar mais um par, não é mesmo?* — riu-se. — *O que acha de um colar com pingente de Nossa Senhora Aparecida?*

— Ela vai adorar. — disse, a contragosto.

Quando falaria que a esposa viajou?

— *Que bom! Não vejo a hora de vê-la. John e eu temos apenas um filho, nunca conseguimos realizar o sonho de sermos pais de uma menininha, somos apegados à nossa nora, mas ela tá longe, então vamos grudar na... Como é mesmo o nome da sua esposa?*

Minha esposa sem nome tá viajando.

A sensação de xeque-mate o fez abrir a boca e falar de modo inconsequente.

— Melissa.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 17

Brenda tinha um dialeto próprio, cheio de palavras que começavam com “C”, *cocói*, *coica*, *colé-colé*, mas também falava *papá*, embora Melissa ficasse em dúvida se a referência era a papai ou à comida.

Depois de trocar a fralda descartável e lhe dar banho, deixou-a brincando na sala, sobre o tapete abarrotado de brinquedos de plástico. Ela levava todos à boca, experimentava-os, por assim dizer, mordendo forte e se babando. Os dentinhos estavam nascendo, a gengiva coçava e ela virava um pequeno triturador de objetos.

Melissa vestiu-a com a fralda e uma regata, penteou o cabelinho ralo avermelhado e a deixou descalça, uma vez que ainda não caminhava. Mas se surpreendeu ao vê-la de pé, segurando-se no sofá.

Imediatamente a filmou com a câmera do celular.

A garotinha olhou para ela, toda sorridente,

PERIGOSAS NACIONAIS

os braços esticados e as perninhas meio bambas, sem a firmeza de quem já tinha a prática de caminhar. Pendeu um pouco para trás, perdendo equilíbrio, mas logo se recuperou. Um brilho de vitória raiou em seus olhos tão expressivos.

— Coisinha mais fofa! Você tá indo muito bem!

A menina bateu a mãozinha no assento do sofá e o movimento a tirou do seu eixo, levando-a a cair sentada no tapete.

— Opa! Caiu de maduro!

No minuto seguinte, Brenda gargalhou e depois enfiou quatro dedos na boca, engasgando-se.

Melissa se agachou e a beijou no topo da cabeça.

— Vou pegar o seu mordedor.

Ao se pôr de pé, deu de cara com o patrão fitando-a com ar grave.

— O senhor viu? — Correu até ele ao mesmo tempo que localizava o vídeo no celular. — Ela ficou de pé sozinha, consegui filmar...

Ele a interrompeu a meio caminho, falando seco:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Depois eu vejo, agora tenho assunto sério para lidar com você.

Instintivamente Melissa se virou para trás, lançando um olhar de carinho ao bebê.

Voltou-se para o pai dela.

— Tudo bem. — disse, desanimada, guardando o celular no bolso do jeans.

— A dona Magnólia ficará de olho na Brenda enquanto conversamos. — disse ele, conduzindo-a para fora da sala. Passou pela governanta, que lhe endereçou um rápido olhar antes de se inclinar e pegar a bebê no colo. — Vamos à cidade, e eu lhe explico a situação no caminho.

Ela fez que sim com a cabeça.

— É sobre a minha oferta de ajuda? — arriscou saber, morta de curiosidade.

— A bem da verdade, é uma conversa de negócios. — Ele abriu a porta do carona e falou antes de ela entrar: — Mas antes de tudo, preciso dizer que se eu não conseguir o dinheiro do John Smith, o tal investidor, você, a Magnólia e a arrumadeira perderão os empregos.

PERIGOSAS ACHERON

— Ai, Cristo. — sussurrou.

Durante o início do trajeto pela estrada asfaltada, ladeada pelo acostamento cercado por um bosque, ele nada falou. Mas dava para sentir a tensão no ar.

Ela se contentou em admirar a natureza viva, parecendo pulsar do solo, as árvores antigas, o mato alto, os pássaros exóticos.

O tráfego àquela hora era praticamente inexistente, e o silêncio da estrada era quebrado apenas pelo som discreto do motor da picape.

Melissa sentiu uma ansiedade absurda na boca do estômago.

— Vou abrir o jogo com você. — começou Sante — Perdi muito dinheiro com o meu divórcio e acabei comprometendo as finanças da fazenda. O único modo de me livrar de uma possível falência é conseguir o suporte financeiro de um grande investidor como o John Smith.

— Essa parte o senhor já me disse, mas não sei como ajudá-lo com isso.

Ele a olhou de esguelha.

— O homem é preconceituoso. Sabe o que

isso significa?

— Sei, burrice.

— Pois é, mas é um asno milionário que pode me salvar da falência. Mas para isso tenho que me apresentar como pai de família nos moldes de antigamente ao estilo dos comerciais de margarina. Entendeu?

— Hum, mais ou menos.

— O que não entendeu, Melissa?

— O lance da margarina. Ele valoriza muito o café da manhã? — franziu o cenho, intrigada.

O sr. Ferrari a fitou como se acabasse de conhecê-la.

— Ele valoriza o tipo de família que te ensinaram a desenhar, lá no jardim de infância. Lembra?

— Ahhh, cacete, entendi! A mamãe, o papai, o filhinho e o cachorro.

— Excluindo o cachorro, o resto é bem assim que o John Smith espera ver na minha fazenda.

— Mas o senhor não tem esposa.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Isso mesmo.

— E é a dona Magnólia que cria a Brenda.

— Quem cria a Brenda sou eu, ela apenas cuida.

— Até agora não o vi com a sua filha no colo.

— Porque não a mimo.

— Isso é carinho de pai, e não mimo.

— Quer me ensinar a criar uma criança? Você, que não tem experiência nessa área?

— Diabos, sabia que o senhor ia me jogar umas verdades na cara! — bateu com a mão na própria testa.

— Melissa, eu preciso que você seja a minha maldita esposa.

— Jesus! Mary! And Joseph! — ela se abanou, sentindo o calor subir-lhe às faces. — Oh, my God!

— Imagino que essas palavras resumam o seu inglês. — concluiu ele, demonstrando impaciência.

— O senhor me pediu em casamento? —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

virou-se pra ele, a mão no peito, as bochechas quentes.

— Claro que não. — fechou a cara, parecendo ofendido.

— Mas acabou de me propor...

— Esposa de aluguel. Entenda que preciso apresentar uma esposa nessa merd... — Ele apertou a boca antes de continuar: — no jantar de hoje à noite. Você terá que decorar algumas falas, apenas isso. E obviamente se portar como se fosse minha mulher.

— Nunca fui esposa de ninguém. — preocupou-se. — Acho que vou estragar tudo.

— Inspire-se na sua mãe.

— Mas os meus pais se amavam. — argumentou.

— E nós fingiremos justamente isso, que nos amamos e somos uma família feliz.

— Vixe, vamos mentir. — concluiu.

— Exatamente.

— Mentir para salvar a sua fazenda.

— Sim, e salvando a minha fazenda, também salvamos o seu emprego. — foi mordaz.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bem, eu disse que ia ajudá-lo, mas tenho medo de atrapalhar tudo. Sou meio lenta pra certas coisas.

— Eu irei orientá-la e não a deixarei sozinha com o casal. — Ele reduziu a velocidade e entrou na avenida principal. — Só preciso saber se concorda em participar da farsa comigo.

Ela olhou para fora e observou as pessoas na calçada. Algumas carregavam sacolas, caminhavam decididas, sabendo para onde ir. Outras, paravam para olhar vitrines, acender um cigarro ou conversar com conhecidos. Movimento e cor. O vento morno, e a fragilidade de um sol que temia aparecer de todo naquele dia.

Se ela errasse na escolha, perderia o emprego de qualquer forma. O sim era um risco. Não se via no papel de esposa do fazendeiro, conversando em pé de igualdade com ele e um casal sofisticado. Ela era apenas uma órfã que tentava encontrar uma saída para a própria vida. Mas se dissesse não e fechasse a porta na cara do melhor amigo do seu pai, o homem que a ajudou quando estava na rua quase na sarjeta, se sentiria muito mal. E, além

PERIGOSAS ACHERON

disso, acabaria de vez com a esperança do sr. Ferrari de manter a propriedade.

No fim das contas, ela sabia que havia apenas uma resposta a lhe dar.

— Sim, aceito.

Capítulo 18

Sante saiu da picape, ajeitou o chapéu preto baixando a aba e se encaminhou para a entrada da butique de luxo. Vendo-a ainda sentada na cabine, deu meia-volta e abriu a porta do carona.

— O que foi?

— Tô confusa.

— O que não entendeu?

— A gente vai ter um contrato de casamento como nos filmes?

— Não.

— Mas eu serei a sua esposa, né?

— Apenas durante o jantar de hoje à noite.

— Ah, então continuarei solteira.

— Claro. — ele esboçou um sorriso divertido — Por isso mencionei que será uma esposa de aluguel, pois não irei comprá-la.

— Mesmo porque o senhor não tem dinheiro pra isso, tá falido, né? — provocou-o, acrescentando o mesmo tipo de sorriso.

Ele arqueou a sobrelanceira num sinal de que captou o tom da provocação dela.

— Ainda não tô falido, apenas à beira da falência. — corrigiu-a brandamente. — Agora temos que escolher a sua roupa para o evento de logo mais.

— Sabe o que ficaria mais fácil pra mim?

Ela o acompanhou até a calçada e parou ao vê-lo se virar para responder:

— Se recebesse uma parte da transação assim que eu fechasse negócio com o Smith? — indagou, sem inflexão especial na voz.

— Ofereci a minha ajuda sem pensar em recompensa financeira, sr. Ferrari. — disse, ofendida — Já lhe disse o motivo de eu querer ajudá-lo.

— Entendo, Melissa, mas é justo que receba uma grana.

— Prefiro o emprego, que é uma grana em troca do meu trabalho. — empertigou-se, toda digna.

— Por mim, tá ótimo. Depois de passar anos brigando com uma mulher gananciosa me

desacostumei das pessoas normais.

— Fala da sua esposa?

Ele empurrou a porta de vidro da loja para ela entrar, mas antes disso, declarou um tanto sério:

— Ex-esposa. Agora sou casado com você, Mel. — piscou o olho pra ela, de modo cúmplice.
— Mas, me diga, o que posso fazer para tornar essa experiência mais fácil pra você?

As rugas que sulcavam as têmporas do fazendeiro se acentuavam quando ele sorria. Mas, agora que estava sério, as linhas se suavizaram emprestando um ar charmoso ao rosto entalhado na rusticidade. Magnólia se referia ao patrão como um homem de uma beleza clássica, do tipo europeia, mas Melissa o considerava mais ao estilo caubói americano, quase loiro, rude e cheio de si. Bonito? Sim, com toda certeza.

— Isso que o senhor fez... Quero dizer, acho melhor já nos tratarmos como marido e mulher, assim encarno melhor o personagem.

— Ah, essa é a sua técnica de interpretação?

Notou o tom de deboche.

— Se quer saber, participei de algumas peças

de teatro na escola. — ergueu o nariz e entrou na loja.

Mas tropeçou no tapete e só não caiu, porque o sr. Ferrari a pegou pela cintura, puxando-a contra o próprio corpo.

— Opa, mocinha. — disse ele, junto ao ouvido dela. — Sugiro que ensaie melhor as suas saídas *teatrais*.

Segurou-se no braço dele, sentindo as veias salientes da parte interna, o relevo macio da pele tostada pelo sol cujos pelos eram aloirados.

Como acreditariam que aquele homem vivo, bonito e sensual era o marido dela?

Sante a soltou assim que a vendedora se aproximou com um sorriso simpático no rosto jovem.

— Esse tapete já derrubou várias clientes, mas a gerente insiste em mantê-lo. — disse ela.

— Ah, não se preocupe com isso, o meu esporte preferido é tropeçar nas coisas. — brincou Melissa, um tanto atordoada depois de ser agarrada pelo fazendeiro.

— Não tenho muito tempo. — começou ele,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sempre direto ao ponto. — Ela precisa de um vestido para um jantar casual, algo que valorize a sua juventude, mas não a faça parecer ainda mais jovem.

Melissa o olhou feio. E o plano de fingirem que são casados? O olhar que ele lhe endereçou pareceu responder à silenciosa pergunta. Como se passariam para todos que estavam casados se era uma condição temporária? A vendedora não precisava fazer parte da mentira. Quando os Smith zarpassem da fazenda, após o jantar, ela voltaria a ser apenas a babá da filha do patrão.

Tudo que podiam fazer era tão-somente ensaiarem entre si e não diante da cidade inteira. A farsa era um segredo que devia ser bem guardado.

Ela se desvencilhou da vendedora e o chamou para um canto.

— Que tipo de esposa eu sou? O que faço da vida? Você por acaso manda em mim? — sussurrou.

Ele esfregou os pontos de barba numa atitude avaliativa, depois a encarou e disse:

— Seja você mesma, ok?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não sabe o que tá dizendo. — sorriu sem graça.

— Se não acreditar em si mesma, ninguém fará isso por você, Melissa.

Ela sustentou o olhar dele.

— Foi acreditando nisso que o senhor ficou forte?

Por um momento considerou que ele pensava a respeito da pergunta, olhando para ela longamente, parecendo tentar desvendar-lhe a alma ou apenas descansar os olhos enquanto a mente processava a questão. Mas quando enfim respondeu, Melissa descobriu que o fato de serem órfãos não criava uma ponte entre ambos, e sim erguia um muro.

— Isso não é assunto pra você. Vá escolher a roupa do jantar. — mandou, com frieza.

Obedeceu-lhe certa de que a única alternativa que tinha era essa.

A clássica cena dos filmes de comédia
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

romântica, em que a garota vai com o cara a uma loja e faz várias trocas de roupa exibindo-se para ele, não aconteceu naquele dia. Pois enquanto Melissa se espremia para puxar o zíper do vestido, costurado nas costas, Sante voltou à calçada com o celular colado à orelha.

Quando ouviu o estalo dos ossos da coluna, resolveu pedir ajuda da vendedora.

— Ah, esses vestidos sempre dão trabalho para as clientes.

A mulher era uma simpatia, culpava o tapete e os vestidos em vez de considerar que a cliente em questão era uma panaca. Agradeceu-lhe e depois se voltou para o espelho.

O modelo do vestido lembrava os dos anos de 1950, bem a cara do tipo de mulher que se casaria com o fazendeiro casca-grossa. Sêrio, o sr. Ferrari não era estúpido nem nada, mas a personalidade arredia, sêria e seca estava longe de lhe dar o troféu de “pessoa adorável do ano”.

Além disso, mal chegava perto da filha, e tal atitude já estava lhe dando nos nervos.

Trocou de roupa e saiu do provador.

PERIGOSAS ACHERON

— Amei esse vestido!

— Você ficou muito bonita nele. — disse a vendedora, encaminhando-se para o balcão. — Pretende pagar no débito ou no crédito?

Lançou um olhar pra rua, mas o diabo do homem tinha sumido.

— Ah, o meu... — *Patrão? Marido? O meu patrão vai pagar o vestido. Hum, parece até que sou amante dele. Mas não posso escancarar uma mentira, então o marido tá fora de questão.* — Vou chamar o meu homem. — sorriu, sem jeito, se dando conta em seguida de que a frase ficou estranha.

Encontrou-o na calçada, de costas, fumando e falando ao celular.

— Não tive alternativa, Leonardo. Ou escolhia a pobre diaba, ou a falência. Será apenas por um dia... Até parece que eu aguentaria o falatório daquela menina por muito tempo.

Melissa recuou um passo e esse foi o movimento físico que retratou bem o seu abalo. Havia um tom de menosprezo na voz do fazendeiro ao se referir a ela. Por um momento, pensou que ele

fosse lhe agradecer por se dispor a fazer parte de uma mentira. Não podia negar que o ajudou pensando no próprio emprego. Temia perdê-lo caso a fazenda fosse pro brejo. Ela só tinha poucos meses de experiência como atendente de livraria. Mas, por outro lado, o sr. Ferrari foi amigo do seu pai e isso significava que tinham certa ligação emocional, o mínimo que fosse.

Voltou para o interior da loja e sentou no pufe da sala de espera.

A vendedora se aproximou, expressando curiosidade.

— Ele tá ocupado. — Melissa falou, desanimada. — Posso esperar aqui?

— Claro, sinta-se à vontade. — disse, solícita. — Quer uma água, um café ou prefere suco de laranja?

— Não, obrigada. Já tomei café da manhã.

— E que tal champanhe? Você tá com uma carinha de quem precisa sentir cócegas no nariz.

Ela achou graça da oferta, embora estivesse com o humor lá embaixo, arrastando no chão.

— É coisa com álcool?

A outra arregalou os olhos demonstrando espanto.

— Aham, e bastante, por sinal. — ela a fitou com olhar intrigado. — Você é bem novinha, não? É maior de idade?

— Sim, tenho dezoito anos.

— E os seus pais nunca a deixaram beber champanhe nas comemorações de final de ano? — agora ela sorria, com ar divertido e leve.

— Até os meus oito anos de idade eu só bebia suco e água. Minha mãe dizia que refrigerante estragava os dentes. E no abrigo não podia entrar bebida alcoólica.

— Abrigo?

— Orfanato, sabe? Fiquei órfã, saí de lá faz pouco tempo. Tem muita coisa de adulto que ainda não fiz. — disse, envergonhada. — Sou uma pobre diaba.

A vendedora sentou ao seu lado e a abraçou pelos ombros.

— Nada disso. Você é uma garota adorável e ficou linda naquele vestido. Acho que tá na hora de experimentar o gostinho do glamour.

— Eta, o que é isso? — perguntou, gostando da ideia.

— Champanhe, *girl*!

Minutos depois, Melissa já tinha emborcado a terceira taça da bebida borbulhante e engraçada, pois a fazia rir pra caramba. Era uma delícia! Cogitou inclusive comprar uma garrafa quando recebesse o primeiro salário.

As vendedoras fizeram um semicírculo em torno dela, exortando-a a beber e a se divertir e, num dado momento, uma delas disse:

— Tem um vestido desse mesmo modelo com um tecido mais sofisticado, é o dobro do preço, mas vai te deixar mais bonita!

— Vixe, o dono do cartão tá duro! — Melissa interrompeu-a, falando alto.

— E por isso a chamou de pobre diaba? Hômi grosso tem que perder dinheiro, mesmo que não o tenha. Vingança, *girl*! — disse a vendedora simpática.

— Uhuuu! Vingança! — ela ergueu a taça para o alto e virou um pouco da bebida no chão. — Ei, troca o vestido aí, a pobre diaba vai virar uma

rica diaba! — riu pelo nariz.

Quando levantou do pufe, notou a loja girar. Aliás, o tapete se mexeu debaixo dos seus pés parecendo prestes a decolar. Ela estava zonzá e ao mesmo tempo anestesiada. Mordeu o lábio inferior e não sentiu dor. Uma alegria arrebatadora a inundou como nunca antes. Estava feliz! Queria dançar! Queria cantar uma música em inglês! Queria beijar um padre! Não, um BISPO! Queria correr no mato descalça sem pensar nos espinhos! Queria fumar maconha!

— QUERO FUMAR MACONHA! — gritou, pulando no mesmo lugar, derrubando a bebida da quarta taça.

— O que tá acontecendo aqui?

Ela se virou ao ouvir a voz do fazendeiro. Como sempre, ele estava sério, as sobrancelhas juntas, o semblante de quem não relaxava nunca.

Imediatamente as vendedoras se dispersaram pelo ambiente, arrumando tarefas para se ocuparem até a chegada de um cliente. A boutique era caríssima, talvez demorasse para elas atenderem alguém.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Oh, o meu homem chegou! — zombou, pendendo um pouco para frente. — Escolhi o vestido mais caro da loja, agora não sou mais uma pobre diaba. Sou madame satã! — gargalhou e se virou para buscar a cumplicidade das vendedoras ao dizer: — É o nome de um filme, né, meninas? Ma-da-me Sa-tã! Como é que mesmo o nome do ator? Ai, minha cabeça tagarela... é... *perae* que já lembro! Ahhhh, é o Lázaro Moura!

— Lázaro Ramos, querida. — corrigiu-a a vendedora simpática, sorrindo sem graça.

Sante tomou-lhe a taça da mão e a colocou na mesa.

— Por acaso tá bêbada?

— Nãoooo! — fez que sim com a cabeça.

— Quantas taças bebeu?

— Bebi champanhe e não as taças... hahaha!
— debochou.

— Temos compromisso logo mais, e você ainda não decorou as falas. — falou, baixinho. — Como pode ser tão irresponsável?

— Relaxa, só bebi um tiquinho.

Ele a olhou com dureza.

PERIGOSAS ACHERON

—Senta aí enquanto vou pagar o vestido.

— É o mais caro, viu!

— Você já me disse. — declarou, retesando os maxilares.

Dava para notar que ele estava uma fera, mas uma fera que segurava o próprio gênio, demonstrando seus sentimentos apenas na feição constrita. Até mesmo o tom de voz mudou, mais baixo e perigosamente pausado.

Assim que se virou, encaminhando-se para o balcão para fazer o pagamento, Melissa deu uma boa olhada no traseiro dele, pressionado contra o jeans escuro e justo. A costas empertigadas exalando autoconfiança mesmo que estivesse se fodendo na vida.

Depois de ouvi-lo dizer para outra pessoa que ela era uma “pobre diaba”, o considerava sob um novo prisma. Ele era um grosseirão.

Se não fosse o fato de possivelmente ficar desempregada, o deixaria na mão logo à noite.

Melissa cruzou os braços diante do peito, amarrando a cara ao vê-lo lhe lançar um olhar

zangado e apertar o canto do lábio para baixo depois de ler o preço do vestido na etiqueta.

Toma, desavisado!

Assim que pagou uma nota altíssima pela roupa, ele pegou a sacola dourada com o vestido, abriu a porta da loja e cedeu espaço para ela passar meio que trocando as pernas.

E, na joalheria, outro fiasco.

Sante reclamou dos preços das alianças. Para ele, tudo era caro. Ainda mais em se tratando do acessório que seria usado durante poucas horas.

Ela se encostou na parede e ficou piscando o olho para um senhor de idade, que parecia ser o cliente da loja. Cabelo branco, rosto enrugado, aparentava uns oitenta anos. Usava calça social, camisa e colete. Ele levou um relógio antigo para o técnico da joalheira consertar. E quando foi ostensivamente paquerado, demonstrou constrangimento, baixou a cabeça e deu-lhe as costas.

— Vamos comprar as alianças num bazar. — Sante resmungou, contrariado, saindo porta afora.

Melissa abanou para o velhinho corado, que

não sabia onde enfiar a cara.

— Aliança de bazar? Não quero.

— Nós só precisamos ter uma porra dessas no dedo, pouco importa se é de ouro ou o lacre de lata de cerveja. — Ele caminhava na calçada a passadas largas.

— Ah, diabos, o chão tá mole, parece uma gosma de gelatina. — reclamou. — Por que o chão tá mole, cacete? A prefeitura tem que ver isso aqui!

Sante parou ao lado dela e a fitou com ar crítico.

—Bebeu champanhe de estômago vazio, só pode.

— Acho que tinha pão, frios e café com leite no meu estômago. — Levou o dedo aos lábios, pensativa.

— Bom, então é fraca para bebidas. Vamos almoçar em um lugar discreto e farei o roteiro com as informações que terá de memorizar. — foi prático.

Inesperadamente, ela viu-se dizendo de modo direto:

— Eu não sou uma podre diaba.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele suspirou fundo, esfregou a testa e a encarou, sério.

— Ouviu a minha conversa ao telefone?

— Isso aí. — admitiu, erguendo o nariz em desafio.

— Falei aquilo pra me livrar do discurso moral de um amigo. — justificou, pondo-se novamente a caminho do bazar.

Ela o seguiu.

— Discurso moral? Não entendi.

— Tenho um amigo que já foi da polícia, portanto, adora seguir as regras. E ele acha errado colocar uma funcionária da fazenda para fingir que é minha esposa.

— Mas eu aceitei, ora. Qual é o problema?

— O fato de você ser jovem demais e babá da minha filha. Para o Leonardo, esse é o problema.

— E para o senhor?

Ele endereçou-lhe um rápido olhar.

— É a solução de um problema. — disse, parando e a tocando levemente no queixo, erguendo-lhe o rosto ao lhe oferecer um sorriso.

PERIGOSAS ACHERON

Quando ele sorria, parecia que um arco-íris se abria em meio à tempestade. Os olhos clareavam, inundando-a de azul como se acabasse de sair de uma piscina. O efeito do álcool potencializou a sua sensibilidade, e Melissa sentiu vontade de beijá-lo. Beijar o homem mais velho. Beijar aquele que tinha idade pra ser o seu pai. Beijar o homem frio e obstinado. Beijar quem a tirou da rua.

Ela piscou o olho para ele.

E o fazendeiro piscou de volta. Em seguida, a conduziu pelo antebraço para o interior do bazar onde comprou um par de alianças ao preço de vinte reais.

Capítulo 19

— Patrão, eu acho que... Bem, isso que o senhor falou... Não entendi direito.

Magnólia acabava de saber sobre o plano da tal “esposa de aluguel” e parecia tão confusa quanto Melissa antes de encher a cara.

Durante o almoço, Sante escreveu num papel uma lista com as informações que Melissa deveria saber para o jantar. O efeito da champanhe não havia passado, mas ela fingiu que estava sóbria e concordou com tudo.

Agora, Melissa estava sentada no tapete ao lado de Brenda. O porre passou depois de almoçar e ingerir uma xícara de café amargo. O café era ruim demais. Fez careta, teve ânsia de vômito. Porém, Sante foi incisivo ao dizer pra parar de frescura. A paciência do ogro era limitada.

— A senhora servirá o jantar, e peça à Veridiana que prepare uma refeição leve.

— Sim, senhor.

Sante sentou na beirada da escrivaninha do escritório, e levou a mão queixo, pensativo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Caso precise fazer compras, o Murilo a deixará na cidade.

— Não, temos tudo. — Ela ainda parecia aturdida com as novas informações — Então eu tenho que me referir à menina Mel como “sra. Ferrari”? — perguntou, olhando para a menina Mel.

O fazendeiro acompanhou-lhe o olhar e, muito sério, respondeu:

— Somente hoje à noite.

— E posso saber o motivo?

— É um jantar de negócios, apenas isso. — disse, impassível.

Brenda engatinhou até o ursinho de pelúcia, pegou-o com a mãozinha gorducha e o levou à boca, mordendo-o com força e o encharcando de saliva.

— Entendi... mais ou menos. Não sei como irei servir o jantar e cuidar da bebê, digo, se a babá também estará ocupada.

O fazendeiro mais uma vez olhou para a babá em questão e foi assim que ele a viu de quatro, a bunda empinada, engatinhando pelo

PERIGOSAS ACHERON

escritório ao lado de Brenda.

Elas apostavam corrida, uma mais lerda que a outra. A bebê engatinhava, parava, sentava e ria, depois voltava a engatinhar. E tentando ser rápida, para escapar de Melissa, perdia o equilíbrio e tombava para o lado, rindo mais ainda. Era impossível não se divertir com a garotinha nem escutava mais a conversa, pois engatinhar era um exercício muito divertido, parecia que libertava a sua criança interior.

— Se a Brenda estiver acordada, participará do jantar.

Melissa não viu a borda do sofá e deu de cabeça nele.

— Puta que pariu! — ela deixou escapar, levando a mão à boca. — Desculpa.

— A Mel não tá preparada para fazer o papel de esposa de fazendeiro — a governanta falou, num tom de alerta. — Não seria mais conveniente ligarmos para a dona Adriana?

— Sou perfeitamente capaz de ser a mulher dele. — disse Melissa, olhando feio para Magnólia.

— Não falei por mal, só acho que é pressão

demais para uma garota que recém-saiu do orfanato.

— Ela foi instruída sobre como agir. — interveio Sante, gravemente, encaminhando-se para a porta, que foi aberta por ele assim que declarou: — Conversa encerrada, dona Magnólia.

A governanta lançou um rápido olhar para Melissa antes de sair.

Ela pegou Brenda no colo e foi até o pai da bebê.

— Acho que tá na hora de o senhor pegar a sua filha no colo. — ousou dizer.

Sante manteve o olhar direto nos olhos de Melissa.

— Suba para o quarto e faça a Brenda dormir. Não a quero fazendo manha durante o jantar. — determinou, secamente.

— Não preciso dormir pra ficar de bom humor. — ela respondeu no mesmo tom.

— Eu me referi a Brenda.

— Ah, tudo bem, me enganei. — Mesmo envergonhada pela mancada manteve o tom sério. — Agora, faça o favor de dar carinho a essa criança

PERIGOSAS ACHERON

que baba feito um Bulldog velho. — acrescentou ainda séria.

Ela inclinou o corpo para frente, oferecendo-lhe a bebê. Sante pegou a filha no colo e acomodou na dobra do braço o traseiro com a fralda descartável e a calcinha rendada debaixo do vestido de algodão.

— Satisfeita?

— Pensei que não soubesse pegar um bebê no colo. — devolveu a ironia.

— É normal que adolescentes, como você, tirem conclusões precipitadas.

— Isso acontece, porque não somos velhos e lentos pra raciocinar.

— O velho lento paga o seu salário, não se esqueça disso.

— E a adolescente precipitada vai salvá-lo da falência.

— Touché.

— Por acaso me xingou? — perguntou, desconfiada.

Ele esboçou um sorriso de canto de boca e saiu do escritório, carregando a filha. Coube a PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Melissa novamente o seguir. Viu-o subir a escadaria, alcançar o corredor e se encaminhar para o quartinho infantil.

— Como eu disse... — Ele deitou a bebê na cama de solteiro, que ladeava o berço — faça a Brenda dormir.

Ela se esticou atrás da garotinha, abraçando-a e a trazendo para junto do seu corpo antes que começasse a engatinhar pela cama.

— Vocês dois são bem parecidos. — Melissa disse, sorrindo.

Ele olhou para o relógio de pulso.

— Daqui a três horas começa a se arrumar. — ignorou o comentário dela.

— Sim, senhor.

Ao chegar à porta, voltou-se para dizer:

— Não me chama de senhor durante o jantar.

— Posso chamá-lo de “ursinho”?

Ele contraiu o canto do lábio num esgar de menosprezo.

— Se eu tivesse quinze anos, sim.

— Bom, então de “amoreco”?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Me chama de Sante, ok?

— Sem graça.

— Mais alguma coisa? — cortou a conversa.

— Sim. Pode me chamar de “meu amor”?

— Não.

— Eles vão pensar que a gente não se ama.

— alertou-o.

— Somos casados, é óbvio que não nos amamos.

— Epa, não é bem assim... As pessoas casam, porque se amam, ora.

—E, depois de casadas, descobrem que se odeiam. — concluiu, com cinismo.

—Não quero fingir um casamento fracassado. — emburrou-se. — Vamos encenar uma história de amor.

— Você já amou, Melissa?

Ela ficou surpresa com a pergunta dele.

— Claro, amei os meus pais.

— Me refiro a amar um homem?

— Ainda não.

— Viu, temos algo em comum, não sabemos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

como fingir uma experiência que não vivemos. —
piscou o olho pra ela e saiu.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 20

Melissa tomou um longo banho de chuveiro. Podia ter usado a banheira, mas temia pegar no sono dentro dela. Ainda estava meio sonolenta depois de adormecer agarrada à Brenda.

Lavou o cabelo enquanto se decidia entre prendê-lo ou secá-lo e o deixar solto, caindo nas costas. Ainda não havia decorado metade das informações inventadas por Sante. Considerou também que não tinha produtos de maquiagem nem perfume chique, apenas o desodorante antitranspirante.

Saiu do banho e se enrolou numa toalha branca e macia, fazendo um turbante na cabeça com outra da mesma cor.

Havia deixado as janelas abertas e o vento noturno, menos abafado, enchia o ambiente de frescor. A pele úmida do banho recente, os pés descalços e a sensação de leveza após se livrar da sonolência, do cansaço e da fina camada de poeira no corpo.

Soltou a toalha do cabelo e as mechas longas e molhadas caíram-lhe nas costas.

O vestido que usaria logo mais estava esticado na cama, as sandálias de salto alto, indicadas pelas vendedoras da boutique, ainda dentro da caixa.

De repente sentiu um frio na barriga ao bater os olhos numa manchinha na roupa. Era só o que faltava! Não notou nada de estranho ao experimentá-lo. Mas como notaria se não o experimentou? Sim, ela provou o vestido mais barato, e não o mais caro! *Merda! O vestido tá sujo!*

Cuspiu na ponta do indicador para limpar a manchinha. Mas ao aproximar o dedo, a mancha voou! Melissa se tremeu toda de susto, captando num segundo que era um inseto pousado no vestido. Não houve tempo para se sentir aliviada ao constatar que a abelha vinha na sua direção.

Ela tinha péssimas lembranças das vezes que foi picada por abelha. A dor da ferroadada era inesquecível. Portanto, não havia motivo para ficar calma e ponderar sobre o que fazer. Tudo indicava

que tinha de correr, fugir do inseto antes do pior acontecer.

O problema era que a abelha foi pra cima dela, o que a deixou em pânico. Sacudiu a cabeça, correndo em círculos pelo quarto a fim de se livrar do bicho. E, de repente a viu grudada na toalha quase entrando por baixo, nas suas partes íntimas.

Puxou a toalha do corpo e a jogou para trás, sem ver onde caiu. Continuou pulando, era o único jeito de se desvencilhar do inseto que vinha até ela e se afastava como uma mariposa atraída pela luz da lâmpada.

— Sai de mim, capiroto! — o pavor só aumentou quando ela imaginou a abelha entrando no seu ouvido.

Levou a mão ao sexo, numa forma de proteção, e começou a dar tapas no ar. Talvez acertasse um tabefe no inseto, o deixasse zonzo e caísse no chão. Aí era só se vestir e correr pra fora do quarto. Exorcismo feito.

— O que foi?

Melissa não ouviu a porta ser aberta, tampouco os passos no corredor. Levou um susto

daqueles ao ouvir a voz grave ligeiramente rouca ecoar pela suíte.

A constatação de que estava completamente nua a fez ter a sensação de que todo o sangue do seu corpo subiu pra cabeça, os pensamentos sumiram, as bochechas pegavam fogo, o rosto quente e inchado. Queria morrer. Queria um buraco para se enfiar e depois se cobrir de terra. Queria matar a abelha idiota!

Viu Sante juntar a toalha do chão. Ele a encarou, varrendo-lhe o corpo com o olhar, no canto das pálpebras um rastro de malícia.

Ele notou o vermelhidão de seu rosto devido à vergonha de estar nua, não se moveu do lugar, segurando a toalha que protegeria a nudez dela.

Melissa imediatamente tapou os seios com o braço sem deixar de cobrir o sexo com a mão.

— Uma abelha. — disse, como que querendo justificar a toalha atirada do outro lado do quarto.

— A que acabou de voar pela janela? — indicou o lugar com uma leve inclinação da cabeça.

Ela acompanhou-lhe o olhar e não avistou o bicho.

— Acho que sim. — virou-se para ele. — Fui picada por abelha várias vezes e dói muito. — admitiu, constrangida.

Ele se manteve em silêncio, os olhos fixos nos dela.

— O perigo acabou, pode se vestir para o jantar. — disse, com toda tranquilidade do mundo.

— Eu preciso da toalha. — falou, com timidez.

Sante foi até ela e, no momento em que lhe entregava a toalha, a abelha voltou ao quarto, sobrevoando a cabeça dela. Melissa tentou fugir do inseto e impulsivamente se jogou nos braços do homem. Mas se desvencilhou com rapidez ao se dar conta do que havia feito.

— Me desculpa. — pediu, constrangida.

Ela estava plenamente consciente da sua nudez e agora nem adiantava se tapar com as mãos. Havia mostrado tudo para o patrão, frente e verso, em cima e embaixo.

A verdade era que a timidez e o constrangimento iniciais cederam passagem para a vaidade. Sim, vaidade. Quando ele a fitou,

demonstrando aprovação e desejo, sentiu-se bonita. A vontade de se mostrar para ele foi maior que a estranheza de ela estar sem roupa diante de praticamente um estranho.

Ela aceitou a toalha estendida por ele. Assim que a pegou, Sante deu uma puxada mais forte e a trouxe pra si, enlaçando-a pela cintura.

Ele a puxou com força como se a laçasse com uma corda, a outra mão enganchou-se na nuca feminina, firmando-a para o que aconteceu a seguir. Olhando-a nos olhos, baixou a cabeça e roçou os lábios entreabertos nos dela. Depois os deslizou na curva do pescoço até alcançar o ombro e voltar pelo mesmo caminho.

A garota o enlaçou no pescoço e deitou a cabeça para trás, oferecendo-se.

— Preciso parar. — ouviu-o falar baixinho, a boca colada na têmpora dela.

— Não precisa, não. — pediu, sentindo o coração acelerado.

Ficaram se olhando por um tempo, os rostos muito próximos, mas sem se tocarem. Até que ele deslizou os lábios entreabertos nos lábios dela. Um

toque suave que lhe despertou o apetite por mais. Mais dele. Mais daquela boca macia e firme. Os dentes frontais lhe mordiscaram o canto dos lábios e a ponta da língua a penetrou. Ao encontrar a língua dela, ele a sugou com vontade, aprofundando o beijo.

Ela deixou um gemido baixo escapar junto à respiração pesada. Os braços em torno do pescoço do fazendeiro, trazendo-o para junto de si, colando um corpo no outro.

Ele se afastou com a boca úmida e os olhos azuis mais escuros. Havia tormento em seu olhar, mas nada tinha de dramático. Era um tormento sexual, uma necessidade de posse carnal.

Sem deixar de fitá-la, ela sentiu o toque da ponta dos dedos masculinos no bico do seio. Fechou os olhos e se deixou levar pela sensação que quase a jogava ao chão sem forças. A palma da mão se apossou do seio todo, sovando-o, manipulando o bico e depois voltando a agarrá-lo, apertá-lo.

Ele sugou o mamilo com força, enquanto ela arqueava a coluna e deitava a cabeça para trás

numa atitude de entrega irrestrita. Depois teve o outro mamilo dentro da boca do homem, que o chupou, lambeu e o bolinou com a ponta da língua e os dedos.

O clitóris pulsou em resposta ao toque dele.

Embaralhou os dedos no cabelo de Sante, aspirando o delicioso cheiro do banho recente, deixou a respiração pesada escapar num jato em meio a um novo gemido de prazer.

Ele a suspendeu do chão com as mãos no traseiro dela e a levou para a cama. Deitou-a de costas e se pôs de joelhos, encaixado entre as coxas de Melissa. Ele as afastou e as colocou sobre os próprios ombros, levando o indicador à fenda entre os lábios vaginais, escorrendo-o de cima a baixo.

Ela sentiu um espasmo elétrico lhe percorrer o corpo inteiro. Jogou os braços para trás e inclinou a cabeça para fitá-lo. Sante tinha o rosto tomado pelo tesão, os olhos mais escuros, as narinas arfantes, os sulcos profundos na testa, parecia um selvagem com fome.

— Alguém já lhe deu prazer, Melissa?

— Tive um namorado... — Começou a falar,

mas parou ao sentir o ar morno soprado no seu sexo. — Fizemos sexo. Uma vez só. — Em seguida, ele levantou a cabeça e a encarou com olhar de predador e, sem deixar de a encarar, esfregou o polegar sobre o clitóris. Ela gemeu e fechou as pernas, prendendo-o entre elas. — Não senti prazer, só dor. — admitiu, apertando os próprios seios.

Sentiu que enlouquecia.

— Pobre garota. — ele disse, pouco antes de baixar a cabeça, pegá-la no quadril, apertando-a nas nádegas para firmar o seu corpo ao mesmo tempo que lhe dava uma longa lambida na boceta.

— Ahhhhhh....Ahhhhhhh... Por favor. — *continua, não para, não para nunca.*

Ela se contorceu na boca que golpeava a língua contra o botão rosado e inchado de tesão para depois chupá-lo, friccionando-o com firme delicadeza. Um dedo lhe masturbava o ânus enquanto ele aumentava e reduzia o ritmo da chupada, fazendo círculos preguiçosos ao redor do clitóris antes de voltar a acariciá-lo.

Foi como uma descarga elétrica, ondas de

PERIGOSAS NACIONAIS

calor, de sensação quente e boa, febril e intensa quando ela atingiu o orgasmo, as mãos para trás segurando-se nas grades da cama, a cabeça do fazendeiro entre as suas pernas, a língua chupando, lambendo, sugando e friccionando o clitóris, fodendo a boceta com a boca, a barba roçando na pele fina entre as coxas.

Morreu por alguns minutos.

E voltou.

Trêmula, suada, exausta e saciada.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 21

A esposa de John Smith adiantou a Melissa que não queria ser chamada de “dona” nem “senhora”, e sim pelo nome.

Geraldine tinha o porte atlético, e o rosto havia passado por algumas intervenções cirúrgicas. Não aparentava os seus sessenta e poucos anos. Maquiada, vestida com simplicidade na calça social preta e a camisa branca, botas de couro, exalava jovialidade.

John Smith tinha um aspecto de quem gostava muito de comer. A camisa social estufada na barriga era deselegante e não combinava com a imagem que se fazia de um investidor milionário. O chapéu de caubói de copa alta lhe dava mais centímetros para além dos prováveis um e noventa e poucos.

Melissa ainda estava sob o efeito do que havia acontecido no quarto uma hora atrás. A imagem de Sante com a boca no seu sexo, tocando-a nos seios e a beijando se misturava à recordação da sensação de prazer que jamais experimentou.

Então, ela estava no modo piloto automático quando ele fez as apresentações.

O fazendeiro trocou um rápido olhar com ela, do tipo cúmplice, como se lhe dissesse *chegou a hora da nossa atuação*. E foi por causa desse tipo de olhar que ela começou a tremer de nervosismo.

Para a sua sorte, no entanto, o casal era adorável. Geraldine, de cara, a conquistou com o seu charme e a personalidade extrovertida e falante. De fato, ela falava muito e por todos. John era mais caladão e observador. E Sante mantinha a feição impassível beirando à frieza, era como se parte dele estivesse presente no jantar, e a outra, refugiada em si mesma, distante de todos.

O ardor de antes havia se dissipado. Mas ela ainda o via como o homem que a tocou intimamente. Jamais voltaria a vê-lo de outra forma. Eles transpuseram uma barreira, jogaram-se na garganta do vulcão e se queimaram sem dor.

— Eu simplesmente amei o seu vestido! — Geraldine juntou as mãos num gesto de apreciação um tanto exagerado. — Parece aquelas esposinhas de antigamente, as que Graças a Deus não existem mais! — riu alto, sacudindo os brincos de pérola.

— E quem *sentir* falta delas? — interveio John, esboçando um sorriso simpático.

— Não se enganem, aqui no interior tem muito cabra que dita as regras e as mulheres apenas lhes obedecem. — disse Sante, trazendo os drinques para os convidados.

O casal estava sentado no grande sofá da sala. Geraldine cruzou as pernas, aceitando com um sorriso a bebida oferecida. John deixou o chapéu na mesinha de centro e sorveu o uísque em duas goladas.

— Imagino que prefira as moderninhas, não? — observou a esposa do investidor. — Quem casa com uma garota tão jovem não espera ser servido, e sim servi-la. — piscou o olho para Melissa, que corou violentamente.

Sim, ele me serviu há pouco.

Envergonhada, lançou um rápido olhar para Sante.

— Tem razão, Geraldine. É um prazer servir a minha jovem esposa. — pareceu galante ou debochado. Ela não soube como interpretar.

— Tô morta de curiosidade pra saber como vocês se conheceram. — disse ela, olhando

diretamente para Melissa.

Ela sentiu o estômago se contrair. Sabia o que tinha de responder, essa era uma das respostas que decorou. Mas, agora que tinha de mentir, havia esquecido o que devia falar. Esfregou as mãos nervosamente e baixou os olhos, sabendo que acabava de estragar os planos de Sante.

Não sabia o que dizer.

— A gente se conheceu em um evento de caridade na prefeitura. A Melissa fazia estágio no gabinete do prefeito, e acabamos literalmente nos esbarrando. — disse o fazendeiro na maior calma do mundo.

— Oh, que romântico! Me diz, Melissa, qual é o seu trabalho na prefeitura? — A mão na coxa da garota era um gesto que demonstrava a exigência de uma resposta por parte *dela*.

— Levo os papéis para o prefeito assinar. — disse, baixinho.

— É secretária dele?

— Não, eu... só levo os papéis. — repetiu, emborcando o suco de laranja. — Quero champanhe. — pediu a Sante.

— Acho melhor que se mantenha no suco,

meu amor.

— *Feirari, dar* champanha pra *seu* esposa.

— John estava com as bochechas vermelhas após o terceiro copo de uísque sem gelo.

— Ela já bebeu muito hoje, John.

— Meu bem, você regula o quanto a sua mulher bebe? — Geraldine sorriu ao fazer a ácida pergunta.

— Na verdade... — Começou o fazendeiro, esboçando um ar cínico. — eu cuido da saúde dela. A Melissa tem um estômago sensível para o álcool.

— Tenho nada. — Melissa reclamou.

Notou o estreitar de pálpebras de Sante.

— Não seja *má*, Sante, ela *querer*.

— Enquanto o seu marido lhe serve de champanhe, me diga uma coisa. — Geraldine falou, e Melissa sentiu o coração parar de bater. — E a sua família? Ela mora por perto? Você é filha única?

— Meus pais morreram anos atrás.

— Oh, que horror. Sinto muito! — Geraldine pegou a mão de Melissa entre as suas.

— Faz dez anos, tô bem agora, me recuperei. — Ela não gostava quando a viam como uma

coitadinha.

— Você era uma criança. — A mulher constatou — Quem a criou depois da morte dos seus pais?

— Eu tava num abrigo, saí de lá faz pouco tempo...

Ops, saí faz pouco tempo... Ai, ai, ai! Tempo o suficiente para arranjar emprego na prefeitura, participar de um evento, conhecer Sante, me apaixonar e casar com ele?

Olhou ao redor e percebeu que Sante fora atrás do champanhe. Sozinha e em maus lençóis, sentiu que transpirava na nuca, um suor quente e pegajoso.

— Deve ter sido muito difícil superar essa perda, não?

— O Sante era amigo do meu pai, então ele me ajudou bastante.

— Amigo do seu pai, como? Ele a viu crescer?

Pelo olhar dela a coisa não ia bem.

— Depois vamos *dar volta* fazenda. — disse o americano, alheio à conversa delas. — *Querer ver tudo di nofo*.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, sim, John. — concordou com o marido, fazendo um gesto vago com a mão. Voltou-se novamente para Melissa, o olhar intrigado. — O Sante a viu criança e depois casou com você?

— Ele não é um pedófilo. — defendeu-o, apreensiva.

Geraldine levou a mão ao brinco da orelha esquerda, pensativa.

— Eu não sabia disso. Sinceramente acho muito estranho que ele tenha se interessado afetivamente pela menina que viu crescer, digo, parece uma fantasia sexual.

— Como assim? — indagou ela, tolamente.

— A Geraldine acredita que o amor entre duas pessoas acontece dentro das convenções da sociedade. — declarou Sante, serenamente, assim que entrou na sala. — É óbvio que não me interessei pela Melissa quando ela ainda era uma criança. O amor entre nós nasceu faz pouco tempo, mas é forte o suficiente para seguir pelo resto de nossas vidas.

Parecia até que eles se amavam de verdade. O modo enfático como o fazendeiro falou não

PERIGOSAS ACHERON

deixava dúvida de que eram um casal feliz.

Ele foi até ela e lhe entregou a taça de champanhe. Melissa sorveu a bebida em meia dúzia de goles, as borbulhas novamente lhe fizeram cócegas no nariz.

— Você tem razão, meu bem. Quando existe amor de verdade, nada importa. — Geraldine pareceu concordar, embora parecesse mais com um gesto de educação, e não que avalizasse as palavras dele.

Sante balançou a cabeça levemente em sinal positivo, os olhos sérios pousados na mulher mais velha, a ruga do meio da testa mais saliente.

Ela percebeu certa tensão no ar. Era como se Geraldine tivesse se esforçado para dar razão ao fazendeiro. Na verdade, ela ainda parecia abalada. Talvez na cabeça dela relacionasse à amizade com o pai de Melissa com uma espécie de sentimento paternal em relação à filha dele. Era fácil compreendê-la ao imaginar que o cara mais velho viu a esposa quando era criança e, anos mais tarde, transou com ela.

Mas havia esses dez anos em que ambos não se encontraram, o que rompia completamente o

vínculo emocional entre eles.

Geraldine, portanto, via apenas o que queria ver em vez de analisar a situação por todos os ângulos.

Melissa deu cabo da champanhe e arrotou baixinho, a mão trancou a saída do gás e as bochechas inflaram.

Quando Magnólia avisou que o jantar estava servido, ela se pôs de pé e pendeu um pouquinho para frente.

— Tudo bem?

— Sim, senhor... amor. — corrigiu-se rapidamente.

Recebeu um olhar de reprovação de Sante e teve vontade de provocá-lo de alguma forma.

— Não tô bêbada. — sentia-se menos nervosa.

O casal se encaminhou para a sala de jantar atrás deles, de mãos dadas, comentando algo em inglês. Melissa não entendia patavina de outro idioma que não fosse o português.

Num dado instante, Sante se voltou para os Smith e falou:

— A temperatura à noite é mais amena do

que durante o dia.

Hum, o casal tá falando do clima, e eu pensando que era sobre o tamanho minúsculo da minha bunda. Afff!

— Eu *torrar* hoje na sol.

— Porque não quis entrar nas lojas comigo.

— Geraldine devolveu de modo brando a reclamação do marido.

Sante afastou a cadeira para Melissa sentar.

— Espero que gostem do jantar que a minha cozinheira preparou especialmente para a ocasião.

— Tenho certeza de que vou amar.

— Geraldine *comer* feito *uma* boi.

— Feito uma vaca, John. — corrigiu-o a mulher, toda sorrisos.

O fato de ter se atrapalhado toda durante a conversa antes do jantar deixou Melissa insegura à mesa. Quando isso acontecia, ela se atrapalhava ainda mais. Ao servir-se de salada, derrubou metade das alfaces na mesa, juntou-as com a mão e as colocou de volta na travessa. Depois perdeu boa parte do arroz da colher, e a pequena concha de molho tremia na sua mão, sujando a toalha como se fosse respingo de sangue. Sentia o olhar duro de

PERIGOSAS NACIONAIS

Sante sobre si a cada mancada. O que a deixou mais tensa. Num dado instante, percebeu de soslaio a troca de olhares entre o casal.

Era certo que desconfiavam de algo. O nervosismo que ela demonstrava era desproporcional à ocasião.

Ao longo da refeição, ela nada falou, não se sentia à vontade nem tinha o que dizer. A conversa se restringiu à economia nacional. Quando o assunto pareceu interessar o fazendeiro, a esposa do investidor o desviou para algo pessoal, parecendo um tipo de estratégia para evitar transformar o jantar em uma reunião de negócios. Melissa, contudo, sabia que Sante considerava aquilo meramente um jantar de negócios.

— Soube que você tem uma filha? — O olhar de Geraldine cravado no homem à cabeceira da mesa.

— A Brenda é linda. — Melissa interveio a fim de parecer útil depois de disparar uma mancada atrás da outra. — E muito simpática e sociável!

— É sua filha também?

— Ah, não, *Geraldina*, é só do Sante e de uma mulher que morreu.

PERIGOSAS ACHERON

— Como?

— Minha noiva... — Sante disse. — Ela morreu depois do parto.

— Oh, que pena. — lamentou. Mas não demorou a voltar à expressão de curiosidade. — Você ficou noivo logo depois de se divorciar e em seguida se casou novamente com outra mulher? Deve sentir falta de ter um compromisso sério, não? Me parece um comportamento estranho para um homem jovem, bonito e rico.

Hum, viu Sante estreitar as pálpebras ao fitar a mulher e isso significava que ele havia captado algo ruim no ar. A bem da verdade, John Smith estava mais concentrado em comer e beber do que participar da conversa. Sua esposa, por outro lado, parecia uma detetive particular atrás de pistas e provas sobre o caráter do fazendeiro.

— Foi um romance de verão que se transformou num noivado relâmpago. — disse apenas, baixando os olhos para o próprio prato.

— Mas resultou em uma filha, não? — insistiu Geraldine.

— Exatamente.

— E a família da sua noiva não quis ficar

com a criança?

— Não.

— Mas você entrou em contato com eles?

— Não.

Geraldine então encarou Melissa.

— Os avós da garotinha precisam saber que têm uma neta, não acha?

— O que eu acho é que a senhora tá fazendo perguntas demais. — deixou escapar, respirando rápido prestes a sucumbir à crise de ansiedade.

— Oh, me desculpa, você tá certa. Tô sempre sozinha, John viaja muito e quando tenho a oportunidade de socializar, exagero na curiosidade. — riu-se, aproveitando para terminar o drinque e dar atenção ao seu prato de comida.

Melissa não ousou olhar para Sante. Certamente receberia mais um olhar de reprovação.

Capítulo 22

John Smith era o homem do dinheiro. Mas era Geraldine quem lidava com a parte das relações humanas, ou seja, a esposa do milionário tinha a missão de analisar o perfil do dono do negócio que receberia ou não o investimento.

A fama de conservador estendia-se ao casal. Geraldine os investigava sobre o que considerava como uma “vida correta” e, por enquanto, o suposto casal Ferrari não havia caído nas graças dos Smith.

Melissa foi ver se Brenda estava acordada, a ideia era entretê-los com a bebê. Sante então pediu licença e aproveitou para deixar o casal a sós. Fechou a porta entre a sala e o corredor. Queria lhes dar liberdade para trocarem impressões sobre ele e Melissa. Precisava saber as intenções deles em relação ao investimento previsto. Mas para isso ele teria que escutar a conversa atrás da porta.

Não se sentiu constrangido ao colar a orelha na madeira trabalhada, tampouco ficou surpreso ao

PERIGOSAS ACHERON

descobrir o quanto o jantar estava indo de mal a pior.

Eles falavam em inglês, baixinho, num tom cúmplice. Geraldine mencionou o fato de Melissa parecer excessivamente nervosa e falsa. Sim, ela disse a John que *a garota mal olha para o marido, parece que tem medo dele, não vi sentimentos entre eles. Eu acho que ela é apenas uma namoradinha que foi convidada para o jantar. Para um casal recém-casado, a falta de intimidade e carinho é muito estranha. Lembra aquele executivo de Los Angeles, que contratou uma atriz para interpretar o papel de sua esposa por que ele era homossexual? Se eu não tivesse descoberto, farejado a tramoia no ar, você teria sido enganado, John.*

Sante contraiu os maxilares, desapontado com o rumo dos acontecimentos.

Precisava do dinheiro, era verdade, mas não iria se rebaixar, bajulando-os. Ter que se sujeitar à mentira sobre ser casado lhe deixava mal-humorado. Aliás, o fato de estar à beira da falência por causa de um maldito divórcio o deixava nos cascos. E depender de uma adolescente para atingir os seus objetivos jamais lhe pareceu uma boa saída.

Mas era tudo de que dispunha até então.

Foi até o quarto infantil e quase esbarrou em Melissa que saía porta afora, distraída.

— Por que não trouxe a Brenda?

— Ela tá dormindo. — respondeu apenas, passando por ele.

A ideia era a de levar a filha à sala de jantar. Uma criança às vezes amolecia o coração dos mais velhos. Mas antes que a tirasse do berço, Melissa já estava ao seu lado.

— Vai acordá-la para bancar a bobinha da corte para aquela gente? — havia rispidez no tom da voz.

— Se você tivesse sido eficiente no seu papel, eu não precisaria apelar para atuação de um bebê. — Sante foi rude.

— Avisei que não sou uma boa mentirosa.

— Só tinha que decorar algumas frases, isso se chama atuação, interpretar um papel. — pegou a bebê no colo, aconchegando a cabecinha no seu ombro. — Mas tudo que fez se resumiu a gaguejar, corar, encher a cara e falar besteira.

— Oh, então eu envergonhei o meu marido? — zombou.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você estragou tudo.

— Como assim? — ela ficou pálida, demonstrando se dar conta da seriedade da circunstância.

— Eles não acreditam que sejamos casados. — disse apenas, saindo do quarto com Brenda no colo.

— O que eu tenho que fazer para que acreditem? — pareceu preocupada, caminhando atrás dele.

— Nascer de novo.

— O quê?

Ele parou no meio do corredor, suspirou resignado e se voltou para ela.

— O problema é a sua juventude e inexperiência. Ainda não percebeu que a Geraldine é uma cobra?

— Achei ela metida, sim, mas é apenas curiosa como toda velhota. — deu de ombros.

— Precisa aprender a não subestimar ninguém. — retesou os maxilares, observando a sua feição entristecida. — Ela é a parte dominante do casal. Se a Geraldine dá o aval para o investimento, o marido somente a segue. Entendeu?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mais ou menos.

— Ela tá nos analisando, Melissa. E não passamos no teste.

— Merda! — ela baixou a cabeça e, quando a ergueu, mirou os olhos dele com os seus. — Vou fingir que sou apaixonada por você. Acha que ajuda?

Ele lançou um olhar para Brenda e somente então para Melissa.

— Pra falar a verdade, acho que ela só tá esperando a confirmação de que você foi contratada pra bancar a minha esposa e eu, na verdade, sou o pai solteiro que trepou com a desconhecida de um bar.

— Acha que ela sabe a verdade?

— Alguma coisa aquela mulher já sabe. — admitiu, a contragosto.

— Vou tentar fazê-la mudar de ideia.

— Acho que não, você não tem personalidade pra isso. — falou, sério.

— É só me orientar. — pediu, quase numa súplica.

Ele a olhou demoradamente.

Sante percebeu que Melissa precisava de

PERIGOSAS ACHERON

orientação, sim. E, mais do que isso, de emoção, de sentimentos, de viver uma aventura que a tirasse nos eixos e os vinculasse afetivamente. Faltava-lhes a intimidade de um casal de apaixonados. Cabia a ele criar essa situação.

— Vamos voltar à sala, e tente se manter calma, ok?

Ela fez que sim com a cabeça.

A comida estava perfeita, os talheres de prata e os pratos de porcelana, impecáveis. A mesa retangular para oito pessoas foi coberta com a toalha branca, barra de renda, e dois pares de castiçais de cobre. Um luxo comedido, de acordo com a propriedade rural de grande porte, mas também sem fugir do cenário de simplicidade rústica.

Magnólia pensou em todos os detalhes, até na sobremesa, ambrosia e sorvete de creme com calda quente de chocolate.

Brenda, contudo, não cooperou com o seu

pai. Assim que ouviu a voz da visita, abriu o berreiro, agarrando-se ao pescoço de Sante. Um choro alto, estridente, que a deixou com o rosto vermelho.

A governanta a tomou no colo e rapidamente voltou com a garotinha para o quarto. Coube então a Melissa servir a sobremesa aos convidados.

Agora, alertada pela visão crítica de Sante, ela percebeu que Geraldine tinha olhos de águia. Antes havia se sentido analisada e, de certo modo, foi por isso que se intimidou. Cogitou inclusive que a pergunta sobre a sua família fosse em relação à sua aparência. Melissa tinha plena consciência de que não era bonita nem desejável, assim era difícil entender como atraía um homem como Sante Ferrari.

A mulher do investidor também devia se fazer essa pergunta. Mas de repente o que ela anunciou, pegou a todos de surpresa.

— John e eu planejamos descansar antes de voltarmos para Nova Iorque. Pensei então em estender a nossa estadia aqui na sua fazenda, Sante. O que acha?

Melissa viu o gogó do marido de mentirinha

subir e descer enquanto ele olhava sem expressão para Geraldine.

— E as suas malas? — ele se voltou para John.

— *No problem*, eu *mandar* trazer.

— Adoraria tê-los mais tempo aqui. — antecipou-se Melissa, mentindo com naturalidade.

Recebeu o olhar intrigado do fazendeiro.

— Bom, é só o seu marido nos convidar. — disse Geraldine, jovialmente.

— Claro. Sintam-se à vontade. — o rosto de Sante permaneceu sem expressão.

Após o jantar e a conversa de cunho trivial no alpendre, Magnólia mostrou ao casal o quarto de hóspedes que ocuparia. A cama tinha um dossel romântico, rendado, e as cortinas e os tapetes combinavam a mesma estampa.

O problema começou quando Melissa se deu conta de que a suíte dos Smith ficava de frente para a do dono da fazenda e a alguns metros do quarto que ela própria ocupava. Isso significava que eles desconfiariam do jovem casal caso dormisse em quartos separados.

Sante imediatamente resolveu a questão.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 23

— Amanhã, com bastante discrição, buscaremos a sua roupa para o meu closet. — disse Sante, depois de fechar a porta do próprio quarto atrás de si.

Melissa parou no meio do ambiente rústico e admirou a decoração discreta. Atrás da cabeceira da cama de casal, a parede feita com espessas traves de madeira escura que se encontravam com as vigas de madeira ornamentando o teto. A mesa-de-cabeceira com a delicada luminária de ferro era uma peça de tronco de árvore. Havia também a cômoda antiga com o espelho na parede e, do outro lado, a janela com cortina branca. Um tapete escuro encobria parte do piso de madeira.

— Vou dormir no seu quarto? — perguntou, sem coragem para fitá-lo.

— Sim, até o dia em que o casal de abelhudos se mandar. — pareceu contrafeito.

— Pois é, ela é meio sem educação para alguém com dinheiro, não?

Ele exibiu um meio sorriso de lado.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Meio? Educação, Melissa, nada tem a ver com dinheiro. Meus peões são mais educados que muitos fazendeiros da região.

Viu-o entrar no closet e olhou ao redor, curiosa para descobrir onde dormiria, já que havia apenas uma cama.

Ela entrou no banheiro e vestiu a camisola de algodão, curta até os joelhos, o tecido encardido devido ao tempo de uso.

Ao voltar para o quarto, encontrou o fazendeiro vestido na calça de pijama azul marinho. O tórax largo estava nu, o abdômen era enxuto, a musculatura definida dos braços, a cintura estreita e a elegância de um corpo esguio sem vestígio de gordura desnecessária.

Ele estava recostado em dois travesseiros na cama e, assim que a viu, bateu com a mão no colchão.

— Vai dormir no meu quarto e na minha cama.

— Dormir mesmo? — sondou-o, esfregando os braços como se sentisse frio, mas era ansiedade misturada à excitação.

Não conseguia parar de pensar nas carícias

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

trocadas, nas coisas que ele fizera com ela e no prazer, intenso prazer, que sentiu. Queria mais. Queria tudo dele. Porém, ao mesmo tempo, o temia. Sante era um homem fechado que não demonstrava os sentimentos. Ela não o conhecia de verdade. O medo e o prazer se intercalavam, o que a deixava zozua e confusa.

— Depois, sim, vamos dormir. — o semblante sério, o olhar esquadrinhando a sua feição.

— Depois do quê?

— Vem, Melissa. — Ele sentou e lhe estendeu a mão. — Você sabe o que vamos fazer. Só quero ter certeza de que *quer* fazer. Entendeu?

Ela aceitou a mão que tocou a sua e a puxou levemente para a cama. Sentou de frente para o homem e admirou as sardas da pele clara tostada do sol.

—Precisa usar protetor solar. — disse, tolamente, apontando para os ombros dele.

— Quer cuidar de mim? — havia um ar de zombaria na voz arrastada.

— Tô nervosa. — justificou-se.

— Hum, eu a deixo nervosa?

PERIGOSAS ACHERON

— Muito.

— E excitada? — Acariciou-lhe a bochecha com o dorso da mão.

— Também.

— Você sabe que precisamos de mais intimidade um com outro, não é mesmo? Caso contrário, a Geraldine vai descobrir que não somos um casal.

— Sim.

— Mas você sabe também que só haverá sexo entre nós dois se você quiser. — admitiu, sério.

Ele enganchou a mão atrás da nuca feminina e trouxe o rosto dela para si, beijando-a na boca.

Ao se afastarem, ela disse:

— Eu quero que dê tudo certo para você.

— É mesmo? Irá se sacrificar para que eu não perca a fazenda?

— Por que tá sorrindo? Eu falo sério. — resmungou.

— Sei disso, mas parece mais uma coelhinha ingênua se entregando ao lobo mau do que uma garota em busca do prazer.

— Quero sentir prazer com você. — baixou

PERIGOSAS NACIONAIS

a cabeça, envergonhada. — Mas não sou bonita.

— Não, você realmente não é bonita. — ele disse e, erguendo-lhe o queixo, cravou seus olhos nos dela. — É linda. Você é muito linda, menina.

— Mais do que a sua ex-esposa?

Ele roçou os lábios nos lábios dela e os deslizou até a concha da orelha para sussurrar:

— Você é única.

Virou o rosto para encará-lo e teve a boca coberta pela dele num beijo sexual e urgente. O lábio inferior recebeu uma leve mordida antes da língua a penetrar e sugar a dela.

As mãos de Sante se enfiaram por baixo da camisola e a ponta dos dedos se arrastaram pelo ventre feminino numa carícia suave até encontrar os seios que subiam e desciam na respiração arfante. Tocou o seio pequeno, esfregando o mamilo com o polegar.

Ela deixou o ar escapar pela boca, tomada por um sem-número de sensações. Não era apenas o toque dos dedos experientes no seu corpo, e sim o cheiro do homem, a fragrância amadeirada misturada ao odor natural de sua pele. Sante cheirava a homem limpo e gostoso.

PERIGOSAS ACHERON

Ele se pôs de joelhos na cama, carregando-a consigo. Puxou a camisola dela e a retirou pela cabeça.

O olhar que lhe endereçou tinha todos os vestígios da luxúria e uma admiração muda que a encantou.

— Gostou?

— Tudo em você é perfeito, Melissa. — disse ele, numa voz rouca, beijando-a na curva do pescoço.

Ela se afastou ligeiramente e o encarou.

— Eu quero lhe dar prazer.

Dito isso, enganchou os dedos no cós da calça dele e a baixou devagar, olhando-o nos olhos. Fervia por dentro. Parecia que pegava fogo, porque fervia muito por dentro. Expectativa, medo, ansiedade e tesão. Avançou o sinal com um homem adulto e experiente, não era mais o seu namoradinho do abrigo.

Melissa pegou o pênis na mão e o admirou na ereção volumosa. Automaticamente o comparou com o único rapaz com quem fez sexo. Aos 17 anos, ele tinha um membro pequeno e rosado, muito duro, que a machucou quando lhe tirou a

virgindade. Mas o de Sante Ferrari em nada lembrava o do moleque, era um pau grande e macio ao mesmo tempo firme, coroadado pelos pentelhos castanhos. Colocou-o tudo que pôde na boca enquanto a mão lhe acariciava as bolas rosadas e pesadas, manipulando-as com firme delicadeza. Deslizou a língua pelo cilindro de carne que latejava dentro da sua boca até voltar à cabeça do pau onde lambeu a gota brilhante de sêmen.

— Garota... vai acabar comigo...

Ouviu-o gemer.

Ela começou a sugá-lo com força, as mãos agora o seguravam nas nádegas, dando-lhe firmeza para manter o rosto colado à virilha dele, aspirando o cheiro morno do sexo, o odor de macho que a excitava sobremaneira.

— Espera... — ele disse, afastando-a ligeiramente da fonte que também lhe dava prazer, o prazer de chupá-lo.

— Não. — choramingou.

— Tenho algo pra você. — falou, piscando o olho para ela, o rosto expressando o inchaço do tesão.

Sante tirou a calcinha dela e a deitou na

cama, colocando-a na posição em que ambos recebiam sexo oral simultâneo.

Ela então deslizou a língua por todo o diâmetro do pau, circulando a glândula e lambendo o furinho na sua ponta. Ouviu-o gemer em resposta, um gemido abafado, pois tinha a boca enfiada entre os lábios vaginais, acariciando-a com a língua e o nariz a fenda úmida e rosada. Sentiu o ardor subir-lhe na face quando Sante brincou com os dedos na entrada da boceta sem deixar de golpear o clitóris com a língua, alternando o toque com uma longa lambida que alcançava o monte de Vênus. Pegando-a pelas laterais das coxas, lambeu-lhe o ânus e lhe deu pequenas mordidas nas nádegas.

Melissa gemeu com o pau na boca, chupando-o com força, ordenhando-o. Sentiu o apertão das mãos dele na sua bunda e a urgência da língua friccionando o clitóris. Gozou, encharcada de sumo, escorrendo na parte interna da coxa.

No instante seguinte, Sante a pegou pelos ombros, puxando-a para cima, e a girou para debaixo dele. Deslizou as mãos pelo tórax e seios, nas costelas aparentes e no abdômen, pegando-a em seguida pelo quadril e abrindo suas pernas, encaixando-se entre elas.

Ele baixou a cabeça e a chupou o clitóris. Melissa se contorceu, atirando os braços para trás, arqueando a coluna. O segundo orgasmo cavalgou pelo seu corpo até levá-la a gritar à beira da insanidade. Em seguida, sentiu a cutucada da cabeça do pau no buraco apertado da boceta.

— Ahhhh, me come...sr. Ferrari.

Por entre as pálpebras semicerradas viu o sorrisinho malicioso dele. Sabia agora que a sua juventude o excitava.

Ele se agarrou ao quadril dela e, aos poucos, meteu o pau grande, preenchendo-a, consumindo-a e a enlouquecendo. Sentiu-o todo, até o fundo, as bolas esmagadas contra o períneo. Então começou o vaivém sexual lânguido do deslocar do quadril masculino tirando o pau e o colocando, pressionando o clitóris e tornando a penetrá-la, voltando e quase se retirando, masturbando-a antes da punhalada dura. Ela o segurou com os músculos da vagina, e ele gemeu baixinho, deitando a cabeça pra trás, fechando os olhos, as rugas se acentuaram.

Deus, como esse homem é bonito.

— Quero tudo de você. — ela repetiu, num gemido.

— Terá o que quiser.

Cruzou as pernas em torno da cintura de Sante e ele se afundou novamente nela. O ritmo das estocadas aumentou, e ela se segurou nas grades de ferro da cama, suportando as batidas do pau na boceta. O suor porejava dos corpos, o cheiro do sexo impregnou o ar de luxúria e o barulho erótico da fricção das carnes úmidas incendiou de devassidão o ambiente.

— FORTE! FORTE! ASSIM, SR. FERRARI! BEM ASSIM! AHHHHHHHHHHH!

Gozou, encharcada de suor.

Sante empurrou fundo o pau, o corpo estremeceu e os olhos se fecharam numa expressão de sofrimento bom quando atingiu o orgasmo.

Capítulo 24

O barulho da ducha do banheiro da suíte a fez considerar se juntar a Sante no banho. Acontecia apenas que, por mais que tivessem feito sexo, não sentia que tinha intimidade para tal atitude. Melissa então se espreguiçou debaixo do lençol, sentindo-se toda mole, um tipo de moleza gostosa.

Era a segunda vez que transava. Não houve dor nem culpa nem sensação de vazio. Era como se tivesse feito a coisa certa com o homem certo.

— Tá pensando na morte do bezerro?

Voltou dos devaneios ao ouvir a voz brincalhona do homem com a toalha enrolada na cintura. O cabelo bagunçado, as mechas úmidas, os pingos d'água nos ombros.

—Lembrei do meu ex-namorado. — admitiu, achando importante não mentir para ele.

— Hum, nada como um marido saber a verdade sobre a sua esposa. — comentou, com ar divertido, sentando-se na beira da cama. — Ele foi o seu primeiro?

— Sim. Uma droga, por sinal.

— A primeira vez é diferente de todas as outras. — disse, tirando a toalha e deitando ao lado dela. — É ruim para ambos, se quer saber.

— Agora há pouco foi a nossa primeira vez, e eu adorei.

— Eu também gostei muito. — ele a tocou entre as pernas, fazendo um carinho nos seus pelos. — Gosta de um visual mais natural ou prefere um mais... moderninho?

Ela olhou para onde a mão dele estava e franziu o cenho.

— Não entendi.

Sante sorriu e a beijou no monte de vênus.

— Penso em raspar os seus pelos.

— Ah. — ela levou as mãos ao rosto, sentindo-o que pegava fogo. — Desculpa.

Ele afastou as mãos dela do rosto e a beijou e, por entre os seus lábios, falou baixinho:

— Não peça desculpas para um perverso.
— notou o tom jocoso da voz dele.

Sante a tomou no colo, levando-a para o banheiro. Deixou-a sentada na longa bancada de mármore com duas pias e abriu o armário aéreo,

PERIGOSAS NACIONAIS

retirando a espuma e o aparelho de barbear.

— O meu pau fica duro só em pensar na sua bocetinha rosada e lisa. — disse, separando-lhe as pernas e passando a ponta do dedo indicador pela greta úmida entre os lábios da vagina.

Melissa deitou a cabeça para trás contra o espelho.

— Vou te chupar enquanto me depila. — falou, por entre as pálpebras semicerradas.

— Garota, se fizer isso, ficarei tão duro que não conseguirei me mexer. — rebateu, mergulhando o pincel grosso na espuma de barbear. Antes de usá-lo nela, ele tocou no clitóris proeminente com dois dedos, friccionando-o sem deixar de fitá-la. — Gosta disso?

— Gosto. — lançou a palavra num jato de respiração pesada, segurando-se nos próprios tornozelos. — Gosto de tudo que você faz comigo.

— Ainda não fiz *tudo*. — disse, numa voz sacana.

Ela sentiu a gelidez macia e molhada do pincel com a espuma. Ele aplicou com leveza e malícia o creme branco, deslizando-o por todo o sexo. Depois a raspou suave e lentamente.

PERIGOSAS ACHERON

Sante admirou o trabalho feito com um esboço de sorriso e a beijou nos grandes lábios. Em seguida, separou as dobras com os dedos e a lambeu toda, mordiscando-lhe a pele recém depilada.

Melissa se debruçou para trás e mergulhou os dedos nos cabelos dele, absorvendo as ondas de calor que irradiava da boceta.

As mãos masculinas a puxaram pelo traseiro para a beirada do balcão e, se inclinando para baixo, ele continuou a fodê-la com a boca.

Antes que atingisse o orgasmo, Sante levantou e a pegou por baixo dos joelhos, erguendo-lhe as pernas para descansá-las nos ombros dele. Meteu o pau fundo nela, bombeando com força enquanto a segurava nos joelhos.

Melissa o abraçou no pescoço e o beijou, sentindo que cada parte dela derretia em brasa até alcançar o ponto máximo do prazer.

Sante estava diante do forno elétrico à espera do salmão grelhado ficar pronto. A salada verde,

PERIGOSAS NACIONAIS

com tomate cereja e azeite de oliva, foi preparada por Melissa, que vestia a blusa do pijama masculino e a calcinha.

Eram três horas da manhã, e eles estavam na cozinha fazendo uma boquinha.

Dois cálices de vinho branco na mesa, e a casa em silêncio.

— Pretendo comprar uma bicicleta com o meu primeiro salário. — disse ela.

Ele se virou para fitá-la com um sorriso misterioso nos lábios.

— Você odiava bicicletas desde que caiu feio de uma delas, ralou os dois joelhos, dava pra ver a carne brilhando.

— Nossa, que nojo.

— Bem nojento, e ainda tinha terra por cima. Sua mãe ficou doida e, como sempre, preocupada em excesso.

— Acho que por isso sou meio dramática.

— Todas as mulheres são dramáticas, tá no DNA de vocês.

— Certo, e os homens são o quê? — indagou, com ar brincalhão.

— Na maior parte das vezes são uns cretinos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela não gostou da resposta, parecia uma indireta em relação a ele próprio.

— Cretinos com as mulheres? — pôs-se em alerta.

Ele deu de ombros antes de responder.

— Às vezes.

— O meu pai era um cretino?

— De jeito nenhum.

— E você é?

— Quando não tenho alternativa, sou. — encarou-a com ar safado. — Qual a finalidade desse interrogatório?

— Nada.

— Que seja então. — deu-lhe as costas a fim de pegar os pratos e talheres e os colocar na mesa. — Quanto menos soubermos um do outro melhor.

— Você sabe mais sobre mim do que eu sobre você, então isso é injusto. — reclamou.

— Pois é, tá em desvantagem. — pareceu não se importar.

— A Geraldine pode começar a fazer perguntas sobre você. — começou, fingindo-se de inocente, pois queria arrancar algumas informações sobre ele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É certo que ela irá fazer isso.

— E, como sua esposa, vai ser estranho eu não saber as respostas.

— Então minta. Por acaso sabe mentir? — retirou a assadeira do forno e a colocou na mesa.

— Bom, faço parte de uma grande mentira, não? Acho que sei mentir um pouquinho.

— Se deixar de bancar a puritana, conseguirá se passar muito bem como a sra. Ferrari.

— Não sou puritana nem sei que diabo é isso. Só não sei mentir direito, tem gente que nasce assim.

— Assim como? Sem colete de salva-vidas?
— Ele se virou para encará-la. — Mentir é sinal de falta de caráter, mas também um recurso de sobrevivência no planeta. Você não pensa assim, porque é muito jovem.

— Nada disso, você me fez pensar assim quando me pediu para...

Ele a puxou pela cintura e a calou com um beijo agressivo. Depois deslizou a boca até a orelha dela e falou:

— As paredes têm ouvidos. Jamais toque no assunto da *esposa de aluguel*, entendeu?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Desculpa. — baixou os olhos e viu os pés descalços do fazendeiro. — Seus pés são grandes. — comentou, impulsivamente.

Ele também olhou para os próprios pés.

— Grandes como o meu pau. — disse, sem inflexão especial na voz.

— Gosto do seu pau.

Recebeu um olhar quente que lhe percorreu o corpo.

— Ele também gosta de você.

Ela sorriu, se sentindo toda derretida.

Sante afastou a cadeira para Melissa sentar e depois se pôs na cadeira diante dela. Serviu-lhe a comida e um pouco mais de vinho.

Comeram em silêncio, embora ela sentisse que o ambiente inteiro era tomado pela figura forte e imponente do fazendeiro. O cheiro dele impregnava-lhe a própria pele.

Não estava mais zozza e confusa.

Agora se sentia viciada.

— Você tem namorada? — sussurrou, inclinando-se como se fosse ouvir um segredo.

Sem deixar de comer, misturando a salada ao peixe, ele respondeu com descaso:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não namoro, eu trepo.

— Ah... E tem trepado com alguém exclusivamente?

— Não.

— Ainda ama a sua ex-mulher?

— Nunca amei.

— Nossa! E por que casou?

— Ela queria casar.

— Ah... Mas se você não queria, por que casou?

Ele a fitou sem pressa.

— A gente se dava bem na cama, e ela ia embora, fazer carreira na capital. Pedi para ficar, mas a condição que a moça estabeleceu foi a do casamento. Aí casei.

— Sem amor?

— Exatamente.

— Já amou alguém?

— Come mais e fala menos, ok?

— Você fala comigo desse jeito, porque tenho idade pra ser a sua filha. — resmungou, contrariada. — Só que acabou de trepar comigo, sou a sua amante.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Esposa.
- Ah... merda, esposa alugada.
- O que eu falei sobre isso, hein?
- Até quando vamos brincar de casamento?
- Vou avisá-la em breve a respeito. Agora termina de comer para voltarmos ao quarto. — ordenou.
- Pra transar? — sorriu.
- Não, para dormir, taradinha.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 25

Ela acordou e se virou na cama, espichou o braço para encontrar o vazio. Abriu um olho, verificando que estava sozinha. Cheirou a fronha do travesseiro de Sante e tornou a fechar os olhos.

Sentia-se relaxada e ao mesmo tempo tensa. O que era estranho. A mentira em si a deixava nervosa e em estado de alerta, pois sabia que a qualquer momento poderia ser desmascarada pelos Smith. Por outro lado, passar a noite com o fazendeiro foi um experiência inesquecível.

Abriu a porta do quarto com cuidado, uma vez que teria que dar uma corridinha até o seu para trocar de roupa. O combinado era que Magnólia levasse as roupas de Melissa para o closet de Sante enquanto Geraldine estivesse distraída longe do casarão.

Ela passou pelo quarto de Brenda e entrou, encontrando a bebê de pé no berço, sacudindo-se flexionando os joelhos e cantando num dialeto só dela.

— Bom dia, minha linda! — A garotinha

PERIGOSAS NACIONAIS

jogou os braços para frente, e Melissa prontamente a tirou do berço, pegando-a no colo. — Dormiu bem? Sonhou com os anjinhos?

— Cói-cói.

— Ah, que bom, não teve insônia. — fingiu entender, levando-a para o trocador. — Vamos ver como tá essa fraldinha?

— Tá limpa, sra. Ferrari. — disse Magnólia, fitando-a com ar de censura. — Agora não sei mais se você é a babá ou a amante do sr. Ferrari. São nove horas da manhã, e o expediente começa às sete.

— Sou a babá da Brenda e amante do seu patrão. — sorriu a fim de amenizar a resposta torta.

— Você não precisava ir pra cama com ele só para representar direito a tal esposa de aluguel.

— É verdade. — *Ah, mas eu quis e foi bom, muito bom!*

— Saiba que pisou na bola, menina. Assim que a negociação acabar, levará um pé na bunda e ficará desempregada.

Melissa olhou para a bebê que mordida os dedinhos, babando-os.

— Ele não é um cretino.

PERIGOSAS ACHERON

Só quando não tem alternativa.

— Por favor, ele é homem e conseguiu o que queria sem dificuldade alguma. — suspirou, resignada. — É isso que dá crescer sem a mãe e sem o referencial de família. Você não soube se valorizar, Mel. — Antes que pudesse reagir, ela continuou: — Não volta para cama dele, sim? Faça-o rastejar por você. Ah... e tem mais uma coisinha... — Olhou em direção à porta e depois se voltou. — A sra. Smith veio me perguntar sobre vocês, como viviam, há quanto tempo se conheciam e se você fica só no casarão, reclusa... Senti que ela deu a entender que vocês não têm um relacionamento sério. Vê se faz tudo certo para o patrão não perder a fazenda, viu?

A governanta saiu deixando para trás o clima pesado que até então não tinha.

Faça-o rastejar por você.

Que tipo de mulher respeitaria um homem-lagartixa? Ela não conseguia imaginar Sante Ferrari rastejando pelo chão, implorando por seu amor. Ninguém falou em amor. A bem da verdade, nenhum dos dois. Desejava-o muito, terrivelmente, de um modo absurdo. Era como uma droga que se viciava no primeiro uso. Parecia tão natural e certo

PERIGOSAS ACHERON

que fizessem amor.

Pôs um vestidinho em Brenda e foi para o próprio quarto, trocar de roupa. Optou por um vestido leve, de alça, e a calcinha de algodão quase do tamanho de um paraquedas.

Brenda ficou na sua cama, batendo palminhas e engatinhando até a beirada do móvel e voltando para o meio. Melissa ficou de olho nela com o coração aos pulos. Depois a levou para a cozinha. Tomaria café com a bebê.

A meio caminho, a governanta novamente a interpelou.

— A Geraldine tá fazendo o desjejum no alpendre. A mesa tá pronta lá, sugiro que acompanhe a visita.

— Certo. — disse, a contragosto. — E os homens?

— O patrão e o sr. Smith tomaram café antes das seis da manhã. Agora estão por aí, na fazenda, com os peões. — informou antes de voltar à cozinha.

— Você pode trazer a mamadeira da Brenda?

— Ela já mamou. — novamente o olhar de

censura.

Ela mamou enquanto a babá estava dormindo na cama do patrão.

— E por que tava no berço depois de mamar? Podia ter regurgitado um pouco do leite ou se engasgado com o vômito.

— Nunca aconteceu isso, Mel. Conheço a Brenda desde que nasceu.

— Mas sabe que pode acontecer.

— Por acaso tá me dando uma bronca? — estreitou os olhos, avaliando-a.

— Não, claro que não. — disse apenas, tomando o caminho para o alpendre.

Era só o que faltava bater de frente com o braço direito do patrão.

Encontrou Geraldine ao celular, lendo alguma coisa na internet, os olhos de armação chique na metade do nariz.

Sentou à mesa e colocou a bebê nas suas coxas. Brenda imediatamente espichou a mão e pegou uma faca.

— Nada disso, hoje não mataremos ninguém.

— Oh, meu Deus, que amor! Agora que não
PERIGOSAS ACHERON

tá chorando dá pra ver como é bonitinha!

— É o bebê mais lindo do planeta Terra! E logo começará a andar. — comentou Melissa, toda orgulhosa.

— E quando isso acontecer, você não terá mais paz. — riu-se.

— Imagino que não. — sorriu, adorando a ideia de ver Brenda caminhando pelo pátio e depois correndo atrás da bicharada.

Serviu-se de café e o ingeriu aos golinhos. A bebê apontou o dedinho para um pedaço de mamão. Cortou-o ao meio e o raspou com a colher de chá, oferecendo-lhe aos pouquinhos.

Ela fazia um biquinho ao mastigar a fruta. Beijou-a na testa e ganhou um apertão na bochecha.

— Cói-cói, colé-colé.

— É mesmo, meu amorzinho?

— Dá para perceber que você adora a sua enteada. — disse Geraldine, observando-as. — Me diz uma coisa, há quanto tempo tá casada com o Sante?

— Cinco meses. — Não hesitou em mentir.

— Hum, ainda estão em lua de mel. — piscou o olho, de modo camarada. — Bem, o que

PERIGOSAS NACIONAIS

ouvimos ontem me pareceu que estão se entendendo muito bem.

Melissa não sabia onde enfiar a cara.

— Me desculpa.

— Que nada! Tem casal que precisa de várias noites de núpcias até cair na rotina. O Sante é um garanhão, mocinha, terá que se virar nos trinta para mantê-lo pastando apenas aqui na fazenda. — sorriu.

De que século eram Magnólia e Geraldine?

Ou melhor, de que planeta?

— Se o meu marido pastar em outra fazenda, ele será confundido com um touro por causa do par de chifres que receberá. — rebateu, convicta.

Geraldine bateu palmas de modo teatral.

— Pois é, eles casam com as novinhas e querem o quê, né?

— Amor e sexo, é o que eles querem.

— É verdade. — baixou a cabeça, dando atenção ao celular.

Merda, tô agressiva demais!

— Tá gostando da fazenda? — Nada melhor lhe passou pela cabeça a fim de se livrar da saia justa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É uma fazenda, né? Como todas. — respondeu, digitando algo no celular. — Mas eu já não tava mais aguentando aquele hotel. John e eu viajamos muito, e cansa esse tipo de vida.

— Verdade, hotel é um saco. — *Que mais a se dizer, cacete?*

— Onde vocês passaram a lua de mel? — virou-se para encará-la.

Caralho, isso não tava no roteiro!

— Pensei em levar a minha garota para a Europa... — disse Sante, chegando com o norte-americano. Ele a beijou na boca e continuou: — Mas achei melhor que fôssemos para a Ilha de Porto Belo. Não precisamos sair do Brasil para encontrar o paraíso.

— A Brenda comeu mamão.

Ela chamou a atenção do fazendeiro para a sua filha, pois ele parecia sempre distante dela.

Inesperadamente ele tomou a bebê no colo, sentando-o na dobra do seu braço.

— Realmente o Brasil é lindo, mas perde feio para os Estados Unidos.

— *Non achar, mia Geraldine, eu gostar mucho do Bresil. Até casar com uma brasileira.* —

PERIGOSAS ACHERON

riu-se.

— Você *casar*, mas não *falar* direito o português, não é, John? — ralhou com o marido, evidenciando o carinho que sentia por ele. — Estamos casados há mais de trinta anos, e levei quase metade desse tempo ensinando o nosso idioma para o gringo velho. — brincou. — A língua portuguesa é muito complicada.

— E *mucho* bela também. *Gostar* da expressão... dinheiro *na bolso*! — bateu a mão na coxa, rindo muito.

— Eu também gosto muito dessa expressão. — afirmou Sante, olhando significativamente para o investidor. — Mas agora vou roubar a minha mulher de vocês. — acrescentou, lançando-lhe um olhar cheio de ardor.

— Isso, roube essa garota linda. Se quiser, posso tomar conta da Brendinha.

Melissa preferia chamar Magnólia para cuidar de Brenda. Não sabia aonde Sante queria levá-la, e mal conhecia aquela senhora de ares não confiáveis para deixar a bebê com ela. Certo, era um exagero da sua parte, a ricaça não a sequestraria. Mas a sua intuição dizia para se

manter afastada da *brasilena*.

Notou que o pai da criança cogitava deixá-la nos braços de Geraldine.

— Tá na hora da Magnólia levá-la à pracinha. — interveio, pegando Brenda dos braços de Sante e entrando rapidamente no casarão.

Foi até a cozinha e disse a Magnólia:

— O patrão quer que você leve a Brenda para a pracinha.

— Mas tô fazendo o almoço. Ele dispensou as outras funcionárias até o casal partir. — reclamou, secando as mãos no avental.

— A visita acabou de tomar o café da manhã, então a preparação do almoço pode esperar. A prioridade sempre será a Brenda. — foi firme.

— Tá falando como se fosse a minha patroa, não gosto disso. — resmungou.

—Penso apenas no que é melhor para a bebê. — justificou-se.

— Desde que dormiu com o patrão, tá mandona que só.

— Eu tava mandona ontem?

— Tô falando sério, Melissa. O seu cargo é abaixo do meu, entendeu?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quer dizer que você ganha mais do que eu?

— Claro que sim. — pareceu ofendida. — Eu administro a casa, ora.

— E eu cuido da filha do dono de tudo, ora. A filha é mais importante que a casa.

— Não é assim que funciona o mercado de trabalho. Agora me deixa cozinhar. — deu-lhe as costas.

— O que tá acontecendo aqui?

Magnólia se virou para trás, assim que ouviu a voz do patrão.

— Eu não quero deixar a Brenda com gente estranha. — disse Melissa.

O fazendeiro olhou para ela e depois para a governanta.

— Larga o que tá fazendo e fica com a criança até voltarmos. — mandou, sério.

— E o almoço?

— Chama a Veridiana para o trabalho e não a deixa sair da cozinha.

— Sim, senhor.

— Quero um aumento. — Melissa estufou o peito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O quê?

— Isso mesmo, sr. Ferrari. A Brenda é mais importante que as tarefas domésticas. A Magnólia cuida da casa, e eu da sua filha. Portanto, tenho que ganhar mais do que ela.

Ele estreitou os olhos perigosamente, baixou a cabeça e lhe sussurrou junto ao ouvido:

— Você vai ganhar é um pau na boceta e depois no rabo.

— Jesus! — deixou escapar, sentindo as bochechas pegarem fogo.

Uma hora ou outra entraria em estado de combustão espontânea.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 26

Por um momento, Melissa considerou que Sante fosse lhe mostrar a propriedade. Isso ainda não havia acontecido, e ela tinha curiosidade em conhecer o lugar tendo o próprio dono como guia. Sabia que fora ele quem planejou e ajudou a erguer os estábulos do haras, a pista de treino, a área da piscina dos animais e o celeiro. Um arquiteto e um paisagista meteram a mão na massa ao fazerem o casarão, o jardim em torno e a piscina com deck de pedras italianas.

Para a sua surpresa, no entanto, ele a levou diretamente para o celeiro de madeira rústica, que cheirava à palha, feno e a couro, pois era lá também que se guardavam os acessórios de montaria.

Ela olhou ao redor, curiosa, mas também lembrando vagamente de já ter entrado num lugar assim.

— Acho que eu brincava muito no celeiro de casa.

— Não sei. — ele falou, fechando as portas duplas atrás de si. — Mas imagino que sim.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Meus pais tinham uma fazenda bacana, né? — Buscou com o olhar a cumplicidade dele.

— Sim, mas infelizmente o Marcelo investia mais do que lucrava com ela. — disse, com pesar.

— Como você?

Ele esboçou um sorriso cínico.

— Não, sei administrar a minha propriedade, só fui um idiota ao me casar com uma sanguessuga.

— Ah, entendi. Imagino que jamais se casará de novo.

— Você devia imaginar outras coisas. — disse ele, numa voz insinuante. — O fato, por exemplo, de estar trancada num celeiro comigo. Acha que vamos apenas conversar sobre a sua implicância com a Geraldine e a Magnólia?

— Não entendi. — Saiu pela tangente.

— Briga de fêmeas alfas, não? Você tá disputando território com a minha governanta de anos e foi grossa com a minha convidada, que tem o poder de me foder ou me deixar enriquecer em paz. — Ele a olhava como um felino de grande porte diante de uma presa que insistia em se rebelar.

Ela deu um passo para trás, batendo de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

costas na viga de madeira.

— Não vou pedir desculpas, tô protegendo a sua filha.

— A Brenda não precisa da proteção de uma garota. Você tá aqui há menos de um mês e acha que pode cagar regras? — sorriu com o canto da boca, embora os olhos se mantivessem sérios beirando o cinismo. — O fato de fodermos não lhe dá poder algum, Melissa.

— Tudo bem, o senhor... você tá certo. Vou me comportar.

Ele a olhou de cima a baixo, avaliando-a.

— Quero que se desculpe com Geraldine e Magnólia.

— Sim, claro, tudo bem... Sou humilde, não me importo de pedir desculpas. — deu de ombros, de modo displicente, porém, louca de vergonha, o que a fez falar sem parar. — Posso me desculpar com o sr. Smith também, beijar a mão dele, sentar no colo, baixar a minha calcinha, quem sabe, foder com ele pra você conseguir o tal investimento.

— Potranquinha, não me irrita. — alertou, ameaçadoramente, os maxilares retesados, o olhar duro cravado nela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não foi a minha intenção. —Baixou os olhos, sentindo cada parte do corpo tremer.

Só não sabia se era de medo ou excitação. Talvez ambos, já que era normal se sentir assim perto dele.

— Tira a roupa.

A voz rouca e serena de quem sabia que seria obedecido. O pior de tudo era que ela ansiava por ouvir tal ordem dele. Mas precisava fazer um charminho antes.

— Por que você mesmo não tira?

Nossa, que coragem a minha! Afff!

— Sou um bruto, vou rasgá-la.

Ela engoliu em seco e puxou uma alça para baixo, exibindo o seio em formato de pera, durinho e empinado, contudo, pequeno demais para o seu gosto. Solto a outra alcinha e deixou o vestido escorregar aos pés.

— E agora...senhor? — Sustentou o olhar quente que escravizava o seu, mantendo-o cativo no fundo do azul.

Ele foi até ela e tomou-lhe o rosto entre as mãos.

— Penso em cobri-la de forma rude. —

PERIGOSAS ACHERON

Esfregou a palma da mão no bico que de imediato endureceu. — Mas antes serei delicado e não sabe o quanto isso me custa, Melissa.

Ela segurou o ar nos pulmões, atenta aos movimentos dele pelo celeiro. Viu-o quando se aproximou das cordas penduradas no alto de uma viga no teto e as puxou, parecendo testá-las.

— Vem aqui.

Mordendo o lábio inferior, insegura, aproximou-se dele. Sante a pegou no pulso e o amarrou com a corda para, depois, fazer o mesmo com o outro braço.

Melissa estava agora na posição de *Cristo na cruz*, com os pés firmes no chão.

— Isso é algum tipo de sacanagem? — indagou, vendo-o de pé, bem próximo dela.

— Bem, você é muito esperta. — disse ele, de modo displicente. — Esse é o celeiro da sacanagem.

— Ah, o lugar para onde traz as suas esposas de aluguel. — provocou-o.

— Na verdade, até agora eu só trouxe putas. — rebateu no mesmo tom para, em seguida, rasgar a calcinha dela. — Viu, sou um bruto mesmo. —

debochou.

— Mas eu não sou uma puta. — falou, baixinho, magoada.

Ele ergueu-lhe o rosto.

— Você é a minha esposinha. — Havia uma nuance de zombaria maliciosa na maneira como a olhava e falava. Postando-se diante dela, continuou: — Quero lhe mostrar uma coisa.

Sante foi até a mesa de madeira que ladeava um armário e a parede com selas, chapéus, mantas, cabrestos, cabeçadas, embocaduras, o bridão, o freio-bridão e as botas de vaqueiro, de couro legítimo.

Abriu a gaveta e retirou uma pena longa. Quando voltou, trouxe-a na mão, assim como um sorrisinho malicioso nos lábios.

— Sabe o que é isso?

— A pena de um bicho grande. — chutou.

— Uma pena de ganso. — esclareceu, segurando-a no ar como se a admirasse. Depois ele a deslizou na ponta do bico do seio de Melissa, que sentiu a maciez gostosa do toque.

Ela fechou os olhos, segurando a respiração, excitadamente tensa.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Durante muito tempo as penas de ganso foram usadas como as principais formas de se escrever. — disse ele. — E quando vi uma dessas em uma das minhas raras viagens para o exterior, pensei que teria melhor utilidade como acessório erótico. O que acha?

— Acho... — Soltoou o ar com força quando ele deslizou a pena no outro bico, deixando-o duro a ponto de doer — que funciona pra isso.

—Para escrever no seu corpo. — falou, baixinho, a boca encostada na têmpora dela, a pena tocando-a no ventre, um pouco abaixo, no monte de vênus raspado e agora na parte interna da coxa.

— Ahhhh... — arfou, sentindo uma tempestade de raios lhe percorrer o corpo.

— Falei que seria delicado.

Ele manejou a pena para entre as pernas dela, na racha da boceta, deslizando-a pra cima e pra baixo na pele sensível e sobre o clitóris túrgido.

— Abre mais as pernas pra mim. — pediu, num sussurro. As pálpebras semicerradas, a boca colada junto ao lóbulo da orelha dela.

A garota se contorceu, puxando os pulsos das cordas, ofegando, a cabeça deitada pra trás

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

contra a coluna de madeira.

Sante se livrou do Stetson preto, jogando-o longe. Abaixou-se diante dela e colocou a cabeça entre as coxas femininas. Abriu as dobras da vagina com os dedos e se fartou, chupando-a no clitóris, sugando-a e lambendo-a intercalando a língua com a pena, a boca com o sopro do ar morno até enfiar dois dedos fundos nela.

Ela pendeu o corpo para trás, buscando o equilíbrio nas cordas que a seguraram para não cair. Deixou escapar um grito rouco.

Ele então se pôs de pé, a boca úmida do sumo dela, os olhos injetados de tesão. Teve o seio apalpado, agarrado com força enquanto o mamilo foi mordiscado pelos dentes frontais.

— Moleca tesuda. — disse ele, afastando-se ligeiramente dela.

Todo o seu corpo clamava pelo dele. Era como se ela fosse um pedaço de terra cujo dono era Ferrari. Ansiava pelo seu toque, as mãos, a boca, a língua, o pau e o corpo inteiro. Precisava ouvir a voz grave e rouca, o tom sarcástico e cínico, a escolha sutil das palavras de comando. Ardia no fogo do desejo ao se ver no azul dos olhos dele.

PERIGOSAS ACHERON

— Entra em mim. Por favor. — implorou, num fiapo de voz como um viciado pediria à sua droga mais letal, vendo a ereção grande e dura marcando o jeans.

Ele soltou o cinto de couro com a fivela dourada e o retirou do cóis da calça, baixando-a, deixando à mostra a boxer escura. Desvencilhou-se do jeans e puxou o pênis para fora, pegando-o na base.

— É isso que quer? — exibiu o mastro rígido, a glândula rosada e úmida, as veias pulsando debaixo da pele macia.

Foi até ela e dobrou levemente os joelhos apenas o suficiente para roçar a cabeça do pau na fenda molhada da boceta.

— Quero. — lambeu os lábios.

Ele a içou no colo, pegando-a debaixo do traseiro, e com a mão livre conduziu o pênis para dentro dela, enfiando tudo num único golpe duro.

Melissa segurou o ar nos pulmões como se tivesse levado uma porrada contra o corpo, mas que não lhe causou dor, e sim um prazer devastador.

— Você é gostosa demais, porra. — ele gemeu, tendo a cintura rodeada pelas pernas dela,

aprofundando a penetração.

Ela gritou e o som ecoou pelo celeiro.

Ele baixou a cabeça e a chupou no pescoço, depois no mamilo, enquanto ela se contorcia com os braços presos nas cordas. Fodeu com força, apertando-lhe as nádegas e cravando os dentes no ombro dela.

Melissa gozou ordenhando o pau com a vagina molhada, o sumo se misturou ao sêmen, escorrendo-lhe pelas pernas.

Sante descansou a cabeça no ombro dela, ofegante, a camisa úmida de suor.

— Eu devia focar nos negócios, mas só penso em foder com você. — confessou, num tom de lamento.

— Desculpa?

— Você só sabe pedir desculpas e corar? — ele a fitou com um meio sorriso. — E foder gostoso?

— Minha cabeça tá vazia. — respondeu, o coração acelerado e a respiração pesada.

Ele continuou segurando-a no colo quando a soltou das cordas. Beijou-a na boca, carregando-a para os fundos do celeiro, perto dos fardos de feno

empilhados.

Colocou-a no chão, abraçando-a por trás.

— Você disse que quer tudo de mim.

— Quero, quero tudo, sr. Ferrari... Sante.

— E eu quero tudo de você. — mordeu-lhe levemente na dobra da orelha. — É capaz de me dar o que preciso?

— Sim, tudo. — prometeu.

— Vou comer a sua bundinha. — disse à sua orelha. — Se nunca fez isso, é só me dizer que tomarei todo cuidado para que não sinta dor da primeira vez.

Ela estremeceu toda.

— Nunca, nunca mesmo. — Ficou nervosa e soltou a língua. É sodomia, não? Tá na bíblia, acho que é Sodomia e *Gangorra*, né? Tivemos palestra sobre sexo, nos ensinaram a colocar camisinha numa banana nanica.

Por que ele tá apertando a boca como se fosse rir?

— Então vai me dar o seu rabinho. — concluiu ele, pegando-a por baixo do queixo.

Fez que sim, sentindo uma nova onda de excitação lhe percorrer cada vértebra da coluna,

PERIGOSAS NACIONAIS

pois, ao seu ver, cometeria um pecado daqueles mesmo não acreditando em nada disso.

Não precisou de indicação alguma, inclinou-se sobre o fardo de feno.

— Assim, patrão?

Levou um tapa na bunda.

— Isso, égua gostosa. Mas terá que baixar um pouco o lombo e empinar a bunda.

Égua gostosa! Diabo de apelido sexy, pensou, obedecendo-lhe.

Um dedo lubrificado massageou-lhe a entrada do ânus, masturbando-o sem, no entanto, se enfiar. Era uma sensação gostosa que a fez levantar um pouco mais o traseiro, oferecendo-se toda para ele. Depois o mesmo dedo a penetrou e se retirou.

Ela perdeu a força nos braços e caiu de cara no feno.

— Meu Deus, o que foi isso?

—O meu dedo no seu cuzinho, Melissa. — ele enfiou novamente o dedo, agora com mais lubrificante, e foi fundo nela. Em seguida o retirou, besuntando o aro de músculos com mais gel. — Agora vou colocar um plug anal pra dilatar o seu buraquinho para aguentar o meu pau...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que é um *pluganal*? — interrompeu-o, virando a cabeça por cima do ombro.

— “Plug” “anal”, duas palavras, ok? — corrigiu-a, piscando o olho para ela. Ele lhe mostrou o objeto: — É um brinquedinho sexual.

— Oh, parece divertido.

— Aham, divertido e prazeroso. — Viu-o espalhar o gel lubrificante no plug — Agora levanta bem a bunda e relaxa.

— Acho que não vou aguentar o pau na minha bunda. — choramingou.

— Hum. — Ele lhe deu um tapa na nádega. — Não diga isso, mocinha — E enterrou a ponta do plug no orifício dela.

— Arde. — gemeu.

Sem qualquer aviso, foi preenchida pelo pau que a penetrou, por trás, na boceta. Ele a pegou pelo quadril e bombeou forte enquanto tinha o plug enfiado no cu. O prazer e a dor se misturaram numa combinação enlouquecedora. O corpo inteiro pegava fogo ao mesmo tempo que pingava suor.

Ela se atirou para frente, mas ele a puxou pelos ombros, golpeando-a duramente até gozar forte, encharcando-a de sêmen.

PERIGOSAS ACHERON

— Vista-se. — foi tudo que ele disse, depois de se retirar dela. — E não tira o plug da bundinha, senão receberá uma punição sem prazer. Ah, e a sua calcinha ficará comigo. — disse, impassível, guardando a lingerie no bolso.

Melissa caiu para frente, apoiada no feno, esgotada.

Capítulo 27

Melissa tinha um objeto estranho acoplado ao corpo. Era como se tivesse ainda os dois dedos de Sante enterrados lá dentro. A sensação de desconforto então se transformou em prazer.

Até que ela deu de cara com Geraldine, e saber que tinha um plug anal debaixo do vestido a deixou desconfortável.

— Eu queria me desculpar com a senhora. Fui rude ao não deixar a Brenda aos seus cuidados.

— Não se preocupe com isso. — disse a outra. — Você agora é a mãe da filhinha do Sante.

Ah, é mesmo.

— Pois é, me apaixonei por ela assim que a vi.

— E dá para notar que ela gosta muito de você.

— Sério?

— Como? — a mulher pareceu aturdida.

— Ela gosta mesmo de mim?

— Sim, claro. — franziu a testa, olhando-a

com estranheza. — John e eu vamos fazer compras na cidade, e voltaremos à noite.

— O que acha de fazermos um luau?

Os olhos da mulher brilharam, dava para perceber que era uma festeira.

— Seria maravilhoso!

— Vou falar com o... Sante a respeito. — disse, agora incerta se devia ter aberto a boca antes de falar com o fazendeiro.

— Fiz amizade com a dona do hotel onde ficamos. Gostaria muito de convidá-la.

— Ótimo! Chama a moça, sim.

Mais um pouco e Geraldine começaria a saltitar no mesmo lugar, tomada por uma súbita empolgação.

— O patrão tá te chamando no escritório. — Magnólia avisou-a com a cara de quem comeu e não gostou.

Melissa estava deitada na cama de solteiro do quarto infantil, tinha acabado de fazer Brenda dormir e por pouco não adormeceu junto.

Teve que ficar de lado ao deitar, temendo enterrar ainda mais o plug na bunda.

— Obrigada.

Levantou da cama e pegou Brenda no colo, deitando-a no berço. Ela se mexeu como se fosse acordar, mas continuou dormindo profundamente.

Nunca pensou em ter filhos, pois parecia algo distante da sua vida. Agora, no entanto, queria ter uma filha como a ruivinha.

— Por que tá caminhando torta?

Magnólia fez questão de acompanhá-la pelo corredor.

— Torta nada.

— É, parece que tá toda mijada.

— Eu só me mijo quando sonho que tô na privada, Magnólia. — defendeu-se.

— Tá com hemorroidas?

— Que diabo é isso?

— Cu inchado.

— Tá brincando, né? E tem cura?

— Pomada. Mas às vezes só operando.

— Operar o cu? — levou a mão à boca. — A gente fica de bunda pra cima e o médico mexe no nosso cu? Nossa, que vergonha!

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas vergonha de trepar com o patrão, um homem mais velho, você não tem, né?

— Por acaso queria trepar no meu lugar? — riu, nervosa.

— Atrevida! Você não era assim antes, era uma menina doce e educada. — balançou a cabeça, com pesar.

— Eu cresci, ora. E mudei, as pessoas mudam.

— Mas você não mudou para melhor, Melissa.

— Bom... — sorriu com ar malandro. — Isso aí terá que perguntar para o patrão.

Antes que levasse uma chinelada na bunda com o plug, ela se afastou da governanta tomando o caminho para o escritório.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 28

— Temos um problema.

Foi o que Sante disse, assim que Melissa entrou no escritório.

— Geraldine?

Ele fez que sim com a cabeça, indicando o sofá para ela sentar.

— Ela me perguntou se casamos na fazenda, eu respondi que sim pra encerrar logo o assunto. — Ele se acomodou ao lado de Melissa — Não satisfeita com a minha resposta, quis detalhes, perguntou sobre a sua roupa, o número de convidados, como foi a festa... E, por fim, disse que adoraria *ver as fotografias da cerimônia*. — suspirou, resignado.

— Vixe, ferrou tudo. — disse, desanimada.

— Ainda não, mas falta pouco pra isso. — considerou, retesando os maxilares.

— O que faremos?

— Não sei. — balançou a cabeça com pesar.
— Essa mentira tá crescendo como bola de neve e

vai acabar nos engolindo junto.

— Mas é por uma boa causa, sr. Ferrari.

— *Sante*, Melissa. Somos íntimos, não? — lançou-lhe um olhar quente que a atingiu em cheio entre as pernas. — E por falar nisso, como tá se sentindo com o plug no rabinho?

— É gostoso. — falou, baixinho, as mãos no rosto.

— Hum, é mesmo? — a voz tinha o tom da sem-vergonhice quando ele se aproximou e tirou as mãos dela da face corada. — Você é um garota bem safada. — Puxou as pernas dela para o sofá e lhe baixou a calcinha até os pés, retirando-a. — Uma rapidinha antes do almoço. — disse, fitando-a através das pálpebras semicerradas.

Antes disso, porém, ele trancou a porta do escritório e parou diante dela, baixando o jeans e a boxer na altura dos joelhos. O pau estava duro, pronto para ação.

Ele se ajoelhou no assento do sofá e se encaixou entre as pernas dela, agarrando-a por trás das coxas. Deu-lhe uma longa e lenta lambida na vagina, na racha entre os lábios, no contorno macio do clitóris e na parte interna das coxas.

Melissa sentiu o sangue se agitar nas veias, contraiu os dedinhos dos pés, esmagada pelo prazer lancinante. Arfou e embaralhou os dedos no cabelo curto do amante. Ergueu a perna até a beirada do encosto do móvel, abrindo-se toda para ele, para ser explorada pela língua, boca e dentes do homem.

Quando ela estava molhada da saliva dele e dos próprios fluidos, Sante a fodeu duro. O prazer de ter o plug no cu e o pau grande na boceta a enlouqueceu, e a garota gritou selvagememente, as unhas cravadas nos ombros do fazendeiro, protegidos pela camisa de botões.

Ele fumava no sofá, o cabelo bagunçado, a camisa por cima do jeans fechado, os olhos semicerrados após a avalanche de sensações sexuais.

— Tive uma ideia, que me parece tão absurda quanto a de ter uma esposa de aluguel, mas é o que se tem pra hoje. — declarou, pesaroso.

Melissa estava atirada na almofada, as pernas no colo do amante, o corpo se recuperando aos

poucos do orgasmo recente.

— Topo!

— Claro que sim. — Ele a fitou com um meio sorriso. — Você é meio maluca, não?

— Aham.

— Bem, vamos alugar um vestido de noiva pra você, eu tenho um terno escuro. Depois é só juntar a peonada, e a Magnólia nos fotografa como se fosse a recepção do nosso casamento.

— Entendi. A Geraldine saiu com o marido, temos que fazer isso antes que voltem para o luau.

— Que luau?

Será que deveria ter pedido autorização do dono da fazenda para a realização do evento? Hum, droga!

— Fui me desculpar com a Geraldine e de repente a convidei para um luau. — sorriu, sem jeito.

— E o que é um luau? — franziu o cenho.

— Ah, é um tipo de reuniãozinha a céu aberto em volta da fogueira, com música e coisa pra comer e beber.

— Uma roda de viola, você quer dizer.

— Afff, é um troço de jovem, legal, não tem

nada de caipirada junto.

— Roda de viola é *troço* de caipira? — Ele ergueu a sobrancelha com ar divertido.

— Nossa, muuuito de caipira, nível jacu. — revirou os olhos.

— E a senhorita é da cidade grande por acaso?

— Sou da cidade pequena, mas ainda cidade.

— Nasceu no meio do mato, garota.

— Acho que nasci na cidade mesmo, garoto, porque não tem maternidade no meio da mato. — deu-lhe nas guampas, bem ao estilo sabichona.

Ele riu alto.

— Me pegou, safada.

— Pensei que fosse ficar zangado comigo.

— Olha, temos que fazer o diabo para agradar a Geraldine. Ela gostou da ideia do luau?

— E como! Parecia uma garotinha toda empolgada, vai até convidar uma amiga.

— Ótimo, assim ela nos deixa um pouco em paz. — suspirou, expressando cansaço emocional.

— O John se fechou, não quer mais falar de negócios, é óbvio que tá esperando a aprovação da

esposa.

— Acho que ela não acredita em nada do que falamos. — observou, vendo o semblante dele se anuviar.

— Essa situação tá acabando comigo.

Melissa o beijou com carinho na bochecha.

— Vai dar tudo certo, viu?

Ele a fitou demoradamente, percorrendo com o olhar sério todo o seu rosto até inclinar a cabeça e beijá-la nos lábios.

Capítulo 29

O plano de manter a discrição sobre o suposto casamento de Sante caiu por terra. A ideia de ele próprio levar Melissa para comprar o vestido de noiva deu margem às vendedoras da loja para especulações a respeito do seu estado civil. E, juntando um mais um, elas concluíram que os dois estavam noivos à beira do altar. Como um rastilho de pólvora, ele considerou que em breve a cidadezinha saberia do seu matrimônio.

Problema maior seria se a fofoca chegasse aos ouvidos de Geraldine, pois, para ela, Sante e Melissa já estavam casados havia pelo menos cinco meses.

Precipitou-se ao dar as caras na loja de noivas, devia era ter pedido a Leonardo que fizesse a tal compra com Melissa. Assim, pelo menos livraria o seu pescoço.

Um dos vaqueiros aportou no jardim, nos fundos do casarão, e era o cabra que ficava na guarita durante a noite.

— O Zeca disse que o patrão queria me ver.

PERIGOSAS NACIONAIS

— disse, afobado, quase sem ar, pois devia ter corrido da porteira até lá, depois de receber o recado.

— Sim, Tonho. Quero que fique de olho bem aberto na entrada da fazenda, não deixa os Smith entrarem.

— Sim, patrão. Mas e se eles quiserem entrar?

—Tranca o portão e se esconde como se não tivesse ninguém na guarita pra abrir a porteira.

— Ah, entendi. Eu fazia isso em casa quando tava devendo para um cara que vendia tapete de porta em porta. — riu-se, tirando e colocando o chapéu de vaqueiro na cabeça.

— Essa sua experiência de enganar credores é valiosa pra mim. — disse Sante, a contragosto.

O vaqueiro tocou na aba do chapéu com um sorriso de agradecimento, parecia até que tinha recebido elogio, mas era mera constatação da merda de situação em que Sante se encontrava.

Havia reunido os vinte e poucos vaqueiros da sua fazenda e distribuído cerveja nos copos, a fim de parecer que participavam de uma celebração. Não tinha tempo para vesti-los adequadamente e

PERIGOSAS ACHERON

eles então apareceram com a roupa da lida. A bem da verdade, o plano era “encher” a foto de gente, de figurantes parecendo se divertir em um casamento.

Leonardo se aproximou com dois dedos enganchados no cós do jeans, o olhar cabreiro debaixo da aba do chapéu preto e gasto.

— E a noiva?

— Tá se vestindo.

— Eu trouxe os meus vaqueiros, temos então mais de cinquenta cabras. Acho que tá de bom tamanho. — Olhou ao redor, de modo crítico.

— Me sinto um idiota diante dos meus empregados. — reclamou.

— Por causa do terno de executivo besta?

— Não, Jeca Tatu. — torceu o canto do lábio pra baixo, num esgar de amargor. — Essa encenação de casamento é ridícula. Os peões tinham que tá trabalhando, e não fingindo que são atores. Tô de saco cheio dessa Geraldine.

— Falta pouco para se livrar do abacaxi, aguenta firme.

— Nunca dei satisfação a ninguém, sou dono da porra das minhas pegadas e agora tenho que me humilhar para ter uma merda de um sócio que vai

PERIGOSAS NACIONAIS

se meter nos meus negócios como se eu fosse empregado dele.

— Isso tudo é um chique, Sante? Ei, acalma o coraçãozinho! Você precisa do dinheiro desses abutres e, depois de conseguir, corta as asinhas dos dois.

— A vontade que tenho é de cortar a língua dela.

— Olha, a Geraldine não caiu cem por cento no seu plano de casório inventado, tá andando pela cidade atrás de pistas que comprovem que você é um pai de família exemplar, cidadão modelo, o melhor dos maridos e não tá conseguindo confirmar nada sobre o seu casamento com a filha do Marcelo.

— Melissa.

— A filha de 18 anos do nosso melhor amigo. — salientou.

— Maior de idade e amigo morto.

— Porque se estivesse vivo, você não teria o topete de olhar pra ela como homem.

— Teria, sim. Eu não a criei. — foi taxativo.

— Mas tem idade para ser o pai dela. — enfatizou Leonardo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Só que não sou o pai dela nem parente.

— Uma garota inocente que mal saiu de um abrigo e caiu na cova do leão.

— O leão tá cuidando dela.

— E se aproveitando sexualmente também?

— Somos adultos.

— Pelo amor de Deus! Você levou a filha do Marcelo pra cama?

— Somos adultos e amantes, se quer saber.

Leonardo tirou o chapéu da cabeça e secou o suor da testa com a palma da mão.

— Você a viu crescer, homem, a engatinhar... Meu pai do céu, você a viu chegar da maternidade ainda bebê... E a ensinou a cavalgar, a nadar no rio da fazenda, a limpar as baias. Como pôde fazer sexo com uma menina sem pai nem mãe, que tinha somente você como referência do passado?

— Cagando moral pra cima de mim, ô ex-delegado matador de bandido? Tudo isso que listou, o meu passado com a Melissa, me incentivou a desejá-la. Porque é uma mulher que conheço desde que nasceu, sem os vícios e defeitos das *Adrianas* que andam por aí caçando divórcios e

PERIGOSAS ACHERON

fodendo a fazenda dos cabras.

— O que te excita é o fato de trepar com a menininha que te chamava de tio Sante? É, seu pervertido?

— Um pouco. — deu de ombros. — O que me excita mesmo é ter ao meu lado uma pessoa em quem posso confiar.

— Até parece! Você tem a Magnólia.

— Mas ela não tem a bundinha da Melissa.

— Filho da puta! — Leonardo jogou o chapéu no chão e fechou os punhos. Dava para notar que estava à beira de se jogar contra o amigo e rolar no chão num confronto físico. Mas ele pareceu conter o próprio gênio e falou: — Quero ter uma conversa com ela. Não vou deixa-la à sua mercê de canalha com as mulheres.

— Santo do pau oco. — xingou-o.

— Eu também não presto, mas jamais me aproveitaria da filha do meu melhor amigo que, por sinal, tá morto. — foi ácido.

— Claro que não, você e a Geraldine se merecem. — resmungou, irritado.

— Tá iludindo a menina, enchendo a cabeça dela de sonhos e, depois que os Smith partirem, o

que fará com o caso de amor entre ambos? Hein, me diz?

Sante ajeitou o chapéu, baixando a aba para encobrir parte dos seus olhos cínicos.

— Vou telefonar para você vir buscá-la, assim ela terá um pai adotivo virtuoso.

Deixou o amigo para trás, pois acabava de ver a noiva saindo de casa, segurando o vestido branco e longo, sorrindo como se fosse se casar.

Foi tomado por uma súbita emoção, não soube como analisar o que sentia. Melissa parecia uma princesinha, a coroa de flores miúdas em torno da cabeça, o cabelo escuro e longo caído nos ombros de fora, e o buquê de margaridas.

Como podia ser tão linda?

Desejava-a como nunca desejou uma mulher. Louca e safada. Menina e mulher. Esposa e amante.

— Ainda bem que não temos um padre aqui. — ele disse, fazendo graça.

— É mesmo, acho que a igreja não aprova o uso de plug na bunda, né?

— Que inocente. — Beijou-a nos lábios e depois a encarou, sério: — Quis dizer que eu correria um grande risco de casar com você.

Ela bateu de leve no peito dele.

— Ei, garoto, já somos casados.

— Falo que me casaria de verdade, garota.

— Piscou o olho pra ela.

— Sêrio?

— Aham.

Mas, em seguida, ela o olhou de modo desconfiado.

— Ah, você é o cara que casa sem amar. Muito obrigada, mas prefiro continuar solteira, sou jovem demais pra ser laçada. — devolveu a piscada de olho pra ele.

Por essa Sante não esperava, chegou a se virar para encontrar o olhar severo de Leonardo sobre si. *Pois é, amigo, você não ouviu o que a donzela inocente acabou de me dizer.*

O lobo mau ficou sem palavras.

— Leonardo Albuquerque? — Ela estreitou os olhos como se buscasse a informação na memória. — Albuquerque. Sobrenome de gente rica. Não me lembro do senhor, não. — e,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

voltando-se para Sante, perguntou: — O meu pai tinha amigo rico?

— Sim, eu, ora bolas.

— Você já foi rico?

— Até me divorciar e perder boa parte da minha fortuna, sim.

— Eu não sou rico, Melissa. — disse Leonardo. — A minha família que é. Talvez não se lembre de mim, porque eu morava em Sacramento e, de vez em quando, vinha visitar os meus compadres daqui.

— Ele era da polícia.

— Uau, sempre quis ser presa.

Os homens se entreolharam.

— A maioria das pessoas tem medo de ser presa. — disse o amigo de Sante, sorridente. — Talvez tenha visto muito filme e romantizou a prisão.

— Ou ela é chegada num par de algemas. — interveio Sante, com ar malicioso.

— Os dois estão certos. — sorriu. — Leonardo, você é muito bonito, viu?

— Obrigado, Melissa. — ele tirou o chapéu, num gesto de cavalheirismo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acho um charme homens mais velhos. Me sinto protegida e segura, sabe? Vocês não são como os moleques da minha idade que se exibem no skate ou na moto e, quando nos beijam, estão tremendo nervosos. — riu um riso nervoso.

Notou de novo a troca de olhares entre os dois.

— Mas não pode confiar em todos os caras mais velhos, ok? Alguns são traiçoeiros e maliciosos e podem te enganar.

— Por que olhou para o Sante?

— O Leonardo acredita que tô me aproveitando de você, Melissa.

— Como? Não vai pagar o meu salário?

Sante riu baixinho.

— Não é bem sobre isso.

— Vocês estão dormindo juntos? — Leonardo foi direto ao ponto.

Melissa olhou para o amante e depois para o amigo dele.

— Sim, dormimos juntos, mas antes fazemos sexo. Por quê?

Sante novamente riu.

Por acaso ele tá rindo de mim?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E vocês têm um relacionamento? Já perguntou para ele em que pé tá a relação de vocês? Ou é apenas uma aventura sexual que vai durar até o casal de investidores irem embora?

Ela voltou o olhar para Sante que, agora sério, a encarou.

— Faça a sua pergunta, Mel. — disse ele, incisivo.

— Não sei que pergunta quer que eu faça.

— Aquela que vai acalmar o meu amigo preocupado com a sua virtude. — zombou.

Ela se aproximou de Sante, ficou na ponta dos pés, e declarou bem séria.

— Eu já disse que não quero compromisso. Quero orgasmos.

Viu os olhos azuis brilharem como labaredas de fogo. Sabia que o havia excitado e que ele não poderia extravasar o desejo, não naquele momento.

Deixou os homens para trás, juntou a barra do vestido e se encaminhou de volta para casa após a sessão de fotos. Sentiu que Leonardo acompanhava-a com o olhar, mas não se virou para ter certeza.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 30

Melissa deixou Brenda sentada na grama, cercada por seus brinquedinhos de borracha, enquanto enfeitava o jardim onde normalmente se fazia a roda de viola. Era lá também onde fariam a fogueira.

Teve ajuda de vários peões, que trouxeram a mesa do refeitório para debaixo da tenda improvisada. Ela jogou uma toalha por cima e espalhou várias frutas naturais, dando um toque tropical na decoração. Distribuiu pelo chão esteiras e cadeiras de praia, pufes e todo tipo de móvel que podia carregar pra fora da casa.

Magnólia e Veridiana cuidavam dos salgadinhos, canapés, tortas e salada de frutas que seriam postos na mesa. Melissa pediu para a governanta separar pedaços de frutas para espetar nos palitos de churrasco e colorir a mesa.

Sante encomendou um barril de chope e vários engradados de cerveja. Afinal, a peonada e seus familiares que moravam na fazenda também

foram devidamente convidados.

Ela tinha muito trabalho pela frente, mas estava entusiasmada com a preparação do evento. Fazia tempo que não se divertia e, mais do que isso, jamais teve a chance de organizar uma festa. Sentia-se importante com a missão dada por Sante, que veio em sua defesa quando Magnólia se ofereceu para organizar o luau.

Assim que anoiteceu, Melissa entrou em casa com Brenda. Já havia passado da hora do banho dela e não queria se estressar com a governanta.

Resolveu encher a banheira com sais de banho, os mais cheirosos, fazendo uma leve camada de espuma. Deitou na água com a bebê, que riu alto e bateu as mãozinhas, jogando espuma para todos os lados.

— Olha só, ô Ferrarinha, a gente tá no mar. Eu sou uma baleia, e você um...jacaré? Jacaré anda no mar? Anda? Jacaré anda? — A bebê sorriu, mostrando os dentinhos e a gengiva rosada. — O que a senhorita acha? Jacaré não vive no mar, é no rio, cacete. Certo, então eu sou uma baleia, e você um golfinho. — Sentou a bebê sobre a sua barriga. — A gente vive no mar há anos, desde que o Pedro

PERIGOSAS NACIONAIS

Bandeira descobriu o Brasil. Lembra disso, golfinho? — Brenda apertou a ponta do nariz de Melissa, se jogou para frente com a boca aberta dando a entender que o morderia. — Ai, vampira doida, não tenho culpa que a gengiva tá coçando! — gargalhou.

E em meio às risadas, não notou a presença do pai da garotinha. Até que ele disse:

— John e Geraldine chegaram.

— Ah, certo, estamos acabando aqui.

Ele olhou para o chão e ela fez o mesmo, vendo o aguaceiro no piso.

— A arrumadeira foi liberada, e a governanta jamais limpará um banheiro, logo... — ele a olhou significativamente.

— Acha que me importa passar um pano no chão? Mas não vou deixar de brincar com a Brenda por causa de frescura.

— É bom que pense assim, não gosto de gente fresca. — sorriu, aproximando-se da banheira. — Ouvi de longe as suas gargalhadas, mocinha. — disse para a filha.

— Ela é um golfinho, e eu, uma baleia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Baleia sexy.

— Obrigada, tubarão. — forçou uma voz sensual.

— Tá me atiçando?

— E preciso?

— Não, não precisa. Mas não nego que ver os seus peitinhos debaixo d'água endureceu o meu pau.

— Por que então não seca e veste a sua filha e depois vem esfregar as minhas costas? — deslizou a língua no lábio inferior, mas o gesto não foi sexy, porque Brenda bateu as perninhas na água e Melissa engoliu um pouco dela, se engasgando. — Ô cacete!

— Cuidado, moça, pra não se afogar. — debochou ele, pegando Brenda no colo. — Vai tentar morder o meu nariz?

Ela olhou fixo para o pai, não sorria mais, parecia hipnotizada. Depois foi possível se ouvir o barulho de um pum.

Sante e Melissa riram juntos, e a bebê arregalou os olhos, assustada, para depois gargalhar deitando a cabeça para trás.

PERIGOSAS ACHERON

Melissa pensou em mil posições sensuais para esperá-lo na banheira, e estava ensaiando uma delas, fingindo que era um submarino, a cabeça imersa na água e o traseiro com o plug pra cima, quando sentiu o toque de um dedo nas suas costas. Levou um susto daqueles.

— Virgem Maria! Pensei que fosse o dedo da Magnólia! — O coração acelerou feito um carrinho de fórmula um.

— Temos mais um problema.

— Desse jeito vou ter um AVC. — resmungou, saindo da banheira e se enrolando na toalha. — O que a Geraldine aprontou agora?

Ele não respondeu de imediato, e ela notou a feição tensa e ligeiramente pálida.

— Merda, ela descobriu sobre nós? Que sou apenas a babá da sua filha?

— Não sei, Melissa. — Ele apertou a nuca numa forma de aliviar a tensão muscular. — Ela apareceu com uma mulher indesejada.

— Ah, é só uma amiga.

— Isso não é nada bom.

— Eu sei. Aquela ideia de alugarmos o

vestido de noiva deve ter levantado suspeitas por aí. O povo acha que vamos casar e, no entanto, já somos casados.

Ele a pegou nos ombros e a encarou com seriedade.

— Não é isso.

— O que foi então? O pessoal do abrigo descobriu a mentira? O Leonardo contou tudo para os Smith? Ai, meu Deus, fala logo, senão vou ter uma catarata no coração!

— Tive um caso com a tal amiga da Geraldine. — disse, de modo sereno e firme.

A frase caiu como uma pedra no estômago dela.

— Passado é passado, bola pra frente que atrás vem gente. Agora tenho que me vestir, você demorou pra vir esfregar as minhas costas. — reclamou, sentindo-se estranhamente incomodada.

Saiu do banheiro, enrolada na toalha e foi para o closet pegar a roupa.

Ele veio atrás.

— O plug tá desconfortável?

— Você coloca esse plug na bunda de todas
PERIGOSAS ACHERON

as suas amantes? — virou-se para fitá-lo.

— *Esse especificamente não.* — esboçou um sorriso triste. — Vamos enveredar por esse tipo de assunto?

— Não fui eu que comecei com isso, ora. Pouco me importa com quem fodeu antes de mim, sou apenas a esposa alugada.

Idiota! Por que ele não ficou de boca fechada! Não quero encarar uma mulher que transou com você, que te beijou, abraçou, que te tocou!

As lágrimas marejaram-lhe as pálpebras, ela baixou a cabeça para ele não as ver.

— Há pouco me disse que só temos um relacionamento sexual e agora tá demonstrando ciúme. — analisou, secamente. — Espero que saiba o que quer de mim.

— Quero que me deixe em paz. — disse, emburrada.

— Isso tá fora de cogitação.

— Vou jogar um sapato na sua cabeça.

Ele a abraçou por trás.

— Foi apenas uma trepada ocasional. —

confessou, gravemente.

— Como aconteceu com a mãe da Brenda? Houve intimidade, troca de carinho... — ela respirou fundo. — Eu preferia não saber de nada do seu passado.

— Nem que os meus pais adotivos me vestiam de garota?

Intrigada, ela se virou para o encarar.

— O quê?

— Um casal de velhos me adotou quando eu era criança. No início foi tudo normal até o dia em que me tiraram da escola e me isolaram de todos, até dos filhos biológicos deles.

— Eram loucos?

— Sim, mas do tipo dissimulado, que engana todo mundo.

— Você foi estuprado?

— Não.

— E por que eles te vestiam de menina?

— Eu não sei. Apenas me vestiam e me exibiam para os amigos loucos deles. Odiava isso, me odiava, queria morrer. Acabei fugindo. — disse,

o olhar distante e cheio de dor.

— A sua vida também não foi fácil. — considerou, acariciando-lhe a face com a barba por fazer.

—E continua no mesmo ritmo. — suspirou, profundamente, olhando-a sem pressa. — Se quer saber, quando fez charme para o Leonardo senti ciúme.

— Não fiz charme, achei o moreno bonito.

— Vai traçar todos os coroas da região? — ele retesou os maxilares e isso era sinal de irritação.

— Isso realmente vai depender de você. — foi seca.

Tentou se soltar dele, mas não conseguiu.

— O que quer dizer? É um tipo de ameaça? Terei que me sujeitar às suas vontades para merecer exclusividade da sua boceta?

— Cretino! — A mágoa foi maior que a raiva. Levou as mãos ao peito dele, empurrando-o para se desvencilhar do abraço.

Pegou o vestido e a calcinha, vestindo-os rapidamente. Ajeitou as alças, sentindo o olhar de Sante sobre si. Naquele momento não tinha como

falar sem demonstrar os seus sentimentos por ele. Nem todos eram bons.

Sentou na cama para calçar as sandálias, segurando no meio da garganta um soluço. Se ele a feriu com palavras, significava apenas uma coisa: ela o permitiu. E a permissão veio, porque o amava.

Ele sentou ao lado dela.

— Vou controlar o meu ciúme e as minhas grosserias.

— Tanto faz.

— Me perdoa, Melissa. — pegou a mão dela e a beijou no dorso. — Não quero estragar o que existe entre nós.

— É? — virou-se para ele ao perguntar: — E o que existe entre nós?

Ele manteve os olhos presos nos dela, sondando-a por certo. Era um tipo de olhar investigativo que não revelava nada de si mesmo, do que lhe passava pela cabeça.

— Se fosse mais velha e experiente, saberia. — Levantou-se, dando a entender que bateria em retirada.

Ela, porém, não o deixou sair sem uma

PERIGOSAS ACHERON

resposta.

— Você é mais velho e experiente, então pode me dizer em que pé estamos.

— Sim, eu poderia dizer, mas prefiro que descubra por si mesma. — Ele foi até a porta e, por cima do ombro, falou: — A Magnólia vai cuidar da Brenda, e você será a anfitriã da festa.

Capítulo 31

O luau mais parecia uma festa de São João com tantos chapéus de caubói, a fogueira e a animação da peonada. Um deles teve a ideia de tocar violão, e outro o seguiu cantando. Escolheram “Evidências”, e Melissa se obrigou a sustentar o olhar intenso de Sante sobre si durante a música inteira.

Ela procurou se concentrar em manter a mesa farta enquanto o fazendeiro cuidava das bebidas. John se distraiu com Murilo e, pelo que ouviu por cima, falavam sobre cavalos. Geraldine ria alto depois da terceira latinha de cerveja e parecia bem íntima da antiga amante de Sante, uma morena boazuda, do tipo que frequentava academia. O cabelo longo e liso, muito preto, os olhos amendoados e a boca grande. Os seios tinham silicone, eram redondos demais e pesados. A maquiagem suave realçava a beleza marcante. O jeans colado, as botas de couro e o top preto mostravam um corpo curvilíneo. Aparentava trinta e poucos anos, ou seja, era mais velha e experiente.

Vê-la lhe despertou o sentimento de posse em relação a Sante. E imaginá-lo fazendo com aquela mulher o que ele fazia com ela a deixou mal. Ele beijou aquela boca falsa, que parecia ter preenchimento de colágeno. Ele a penetrou na vagina enquanto a beijava e a tocava nos seios artificiais. Ele gozou dentro dela, olhou para ela, acariciou-lhe o rosto. Talvez até tenham dormido abraçados após o sexo.

Notou que a cretina lançava olhares para ele, tentava chamar a sua atenção, jogando o cabelo para trás e rindo alto de alguma merda que Geraldine lhe falava.

Melissa queria arrancar os olhos dela por não respeitar o fato de ele agora ser um homem casado. Afinal, ela não sabia sobre a mentira inventada. Dava para notar que era aquele tipo de pessoa que se sente a última bolacha do pacote, caso contrário não teria investido tanto na própria aparência.

De sua parte, não mudou em nada o modo como cuidava de si mesma. Prendeu o cabelo longo num rabo de cavalo, contornou os olhos com lápis preto e optou pelo gloss incolor. O vestido era simples, mas confortável. Ela seria uma doida se

tentasse competir com a outra.

Respirou fundo, procurando controlar o ciúme e a vontade de mandar Geraldine e a fulana pastar, pegou uma das travessas de canapés quase vazia e a levou para a cozinha.

Encontrou uma garrafa de champanhe na geladeira, soltou a rolha e a bebeu direto do gargalo. Precisava se acalmar, esfriar a cabeça e parar de imaginar os dois juntos. Sentia-se febril, com vontade de chorar, de correr até cair e esfolar os joelhos, a dor física era melhor que a emocional. Mas também queria se jogar nos braços do fazendeiro e beijá-lo, se fundir nele para se tornarem um só.

— Pelo visto você sabe sobre a Fabiana e o Sante.

Melissa se virou e deu de cara com Geraldine, que lançou um olhar significativo para a garrafa de champanhe aberta. Abriu o armário e pegou uma taça, servindo-se sem oferecer à mulher. Encheu até a borda e bebeu tudo.

— Gosto de champanhe, só isso.

— A Fabiana não tá aqui por acaso. — disse

a outra, gravemente. — É uma questão de irmandade feminina, minha querida. Você precisava saber que foi traída no segundo mês de casamento. Eu nunca soube de um caso de adultério tão... Bem, um ato indigno de um pai de família. Sei que deve estar se sentindo apunhalada, sinto muito, de verdade. É muita humilhação.

— O seu marido pretende ou não se tornar sócio do meu? — ela conseguiu falar com serenidade, embora estivesse a um passo de fazer uma tremenda besteira.

Geraldine franziu o cenho.

— O que isso tem a ver com a traição do Sante?

— E o que a vida pessoal do meu marido tem a ver com um possível investimento na fazenda?

— Somos cristãos e por isso temos critérios ao escolher para quem daremos o nosso dinheiro. — disse, com rispidez.

— Dar? Vocês esperam ter lucro também, não é presente nem caridade.

— A mocinha sabe a lista de empresários

que recorrem a nós? Não, não sabe, mas o Sante, sim. Somos bastante seletivos em relação aos nossos parceiros de negócios. E eu, particularmente, não aceito lidar com adúlteros.

— Vão desistir de investir na fazenda? — Levou a mão ao peito, sentindo o coração na garganta.

— O John quer cinquenta por cento de participação, mas depois disso tudo... — Ela fez um gesto vago com a mão — Jamais pensei que você fosse apoiar o seu marido. Parece até uma esposa da minha juventude, que aceitava chifre e ainda agradecia pelo traidor não pedir o divórcio. Tô pasma!

Melissa tornou a encher a taça de champanhe e, ao colocar a garrafa no balcão, deixou-a cair, espatifando-se e lançando o resto da bebida no chão. O barulho ecoou alto na cozinha, mas não foi por isso que Magnólia apareceu à porta.

— Desculpa interrompê-las. — A governanta olhou de uma para a outra — Posso dormir no quarto da Brenda? A casa tá vazia, e talvez ela acorde por causa do barulho da festa.

— Sim, sim, claro. — disse, começando a

PERIGOSAS ACHERON

sentir os efeitos da bebida — Vou limpar essa sujeira, não se preocupa, tá? — abaixou-se para catar os cacos de vidro.

— A Veridiana limpa tudo amanhã, *senhora Ferrari*.

Teve a impressão de que Magnólia enfatizou o sobrenome e a posição de Melissa naquela casa a fim de lhe dar apoio moral. Se era isso, ela escutou a conversa antes de entrar na cozinha e já sabia que Sante estava a um passo de perder a fazenda.

Quando a governanta saiu, Geraldine comentou, olhando-a criticamente:

— Acho estranho o modo como a sua funcionária lhe trata, é como se ela não levasse a sério a sua autoridade.

Aquela mulher a esgotava.

— Preciso de ar. — resmungou, abanando-se.

A sensação de asfixia combinava com a angústia que lhe apertava o peito. Não aguentava mais lidar com Geraldine. Saiu por fora, deixando-a plantada na cozinha. Carregou consigo a taça de champanhe, ingeriu dois goles a caminho de volta à

tenda.

Viu de soslaio quando Sante levantou da cadeira, de olho nela, mas o foco de Melissa era outro.

Fabiana estava encostada em um dos pilares da tenda, de pé, encarando Sante com as pernas ligeiramente afastadas. Uma postura que, para Melissa, era como se a mulher mandasse um silencioso recado ao ex-amante: *minha vagina tá com saudade de você*.

— SAI DA MINHA CASA! — Não era para ter gritado. E assim que o fez, percebeu um estranho silêncio. O cara da viola imediatamente parou de tocá-la. — AGORA!

Desta vez bateria muito antes de apanhar e não seria jogada numa calçada.

— Tá louca, é? — A morena lhe lançou um olhar de menosprezo. — A casa é do Sante, garota. Que falta de educação, não sou uma penetra, fui convidada pela minha amiga.

— RESPEITA A MINHA CASA E A MINHA FAMÍLIA! — disse Melissa, possessa, trêmula, arrasada e louca para chorar.

— Quem desrespeitou a sua família foi o seu marido, meu amor. — Fabiana sacou o celular da bolsinha, clicou na tela e mostrou o vídeo no volume máximo. Dava para se ouvir o barulho das respirações pesadas e dos gemidos do casal fazendo sexo na cama. Sante aparecia de trás da mulher que, de quatro, era fodida com violência.

Melissa endereçou um olhar cheio de dor para ele. Tudo que havia imaginado estava ali, naquele vídeo, e era real. Por outro lado, como culpá-lo de algo que ele não tinha culpa? Eles não se conheciam, ela ainda trabalhava na livraria e ele era um homem solteiro. A sua mente dava voltas e mais voltas, buscando todos os pensamentos mais lógicos. O coração, no entanto, era um besta que só sabia sangrar, doente de ciúme.

Podia recuperar a dignidade perdida se dissesse à Fabiana que o casamento deles era uma mentira. Contar a verdade a libertaria da humilhação. E acabaria, contudo, com a chance de Sante reerguer a fazenda.

Ela jamais trairia o homem que amava.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 32

— Olha, se quer saber, contei a Geraldine sobre o meu caso com o seu marido, mas eu não sabia que ele era casado. Fui enganada, assim como você. — disse a outra, tentando parecer solidária.

— Não fui enganada. — defendeu-se. Melissa respirou fundo a fim de firmar a voz enquanto as lágrimas rolavam pela face — Ele me contou sobre você. E sabe o que mais? O Sante nunca me traiu, o que ele fez foi trair a si mesmo, se perdendo na cama com alguém que não sabe nada sobre ele. Às vezes a gente faz merda, é normal, e no fim a vida se encarrega de nos ensinar a caminhar na estrada certa.

— Adorei o discurso, mas você continua corna.

— E você continua vazia. De minha parte, tô absurdamente cheia de amor. — Deixou escapar um soluço, contudo, logo se controlou. — Eu amo o Sante do fundo do meu coração. E amo a Brenda. Ninguém vai destruir a minha família. A família de órfãos, entendeu? E no nosso mundo, de solidão e

esperança, você jamais entrará.

Tudo então aconteceu rapidamente.

Antes que pudesse assimilar o motivo de Fabiana arregalar os olhos, transparecendo surpresa, Melissa teve o antebraço agarrado pela mão que a fez girar para trás. Deu de cara com o semblante fechado e os olhos azuis úmidos de Sante. Um sulco profundo no meio da testa e o pulsar das veias nas têmporas mostravam o quanto ele controlava a própria emoção.

Ele enganchou a mão de trás da nuca de Melissa, puxando um punhado do cabelo para baixo a fim de erguer-lhe o rosto. Ela entreabriu os lábios, surpreendida com o gesto rude.

— Eu também amo você, porra. — disse ele, numa voz cascuda, esmagando a boca na dela num beijo rude enquanto enterrava as mãos nos seus cabelos.

O braço então desceu e a envolveu pela cintura, trazendo-a para o corpo dele, moldando a delicadeza feminina à força rústica masculina.

Melissa entregou-se sem reservas, sem se preservar, sem meio termo. Envolveu-o no pescoço, se pôs na ponta dos pés e o agarrou como se

tencionasse jamais soltá-lo.

A emoção de amar e ser amada atingiu-a feito um raio, destruindo o seu frágil autocontrole e ela começou a chorar, beijando-o como se fosse a última vez.

A vida enfim era generosa.

Mas até quando?

Ele se afastou ligeiramente dela, limpou as lágrimas do seu rosto com a ponta dos dedos. Os olhos ternos e amorosos e, no canto da boca, um sorriso charmoso.

— Não quero que pensem mal da minha garota. — falou, baixinho, acariciando-lhe a face com o dorso da mão. — Foda-se tudo. Você é o meu bem mais precioso, a minha riqueza, a parte boa de tudo que aconteceu.

Ela sorriu por entre as lágrimas.

— A gente chegou até aqui com um propósito, e vamos até o fim.

Sante fez que não com a cabeça e, virando-se para John Smith, declarou impassível:

— A armadilha da sua esposa foi desprezível. — Notou o vermelhidão no rosto do norte-americano. — A Melissa nunca foi traída por

PERIGOSAS NACIONAIS

mim e jamais será. — Ele apontou para Fabiana sem a fitar — Tive um relacionamento casual com essa mulher antes da Melissa vir trabalhar como babá da minha filha. E até então, era só isso, mais uma funcionária da fazenda.

— Como assim?

Melissa sentiu um arrepio na coluna ao ouvir a voz de Geraldine, o tom de surpresa e, como sempre, desconfiança.

Mas Sante a ignorou, fixando a atenção no investidor.

— Se você fosse uma pessoa decente, não julgaria os outros de um modo tão hipócrita e injusto. Por causa disso tive que mentir.

— Oh, sim, mentiu para a sua mulher. — acusou-o Geraldine.

— John, a sua esposa me forçou a inventar um casamento e uma esposa para conseguir o investimento na minha fazenda. Eu me sinto um idiota manipulado por ter envolvido a mulher que eu amo numa mentira ridícula, que serve apenas para avalizar o comportamento preconceituoso de vocês dois.

— Então *ser* pai solteiro. — concluiu John.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, a Brenda é minha filha e de uma moça que encontrei num bar.

— Mas vocês transaram que ouvi! — acusou-o Geraldine.

— Não devia ouvir atrás das portas, Geraldine. — ironizou Sante sem se voltar para a mulher.

— Ouvi a gritaria da minha cama mesmo. — disse, ofendida. — Então tava transando com uma empregada?

Sante apertou a boca.

— Não. — interveio Melissa. — Ele transou comigo.

— Mas você é uma empregada da casa, a babá, não é?

— Chega de perguntas. — Sante parecia à beira de perder a paciência — Não vou mais me submeter às regras de vocês. É impossível, para mim, imaginar ter que vê-los mais uma vez, então não vejo sentido em abrir mão da mínima porcentagem que seja da minha propriedade.

John Smith se pôs de pé, enfiou as mãos nos bolsos laterais da calça e firmou seus olhos em Sante.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Fechar a porta na mia cara, amico?*

— Mais do que isso, John. — respondeu o fazendeiro. — Tô fechando a porta e chutando a sua bunda pra fora da minha casa.

— Isso é uma atitude extrema! — Geraldine pareceu indignada.

— Voltem ao hotel onde estavam hospedados, por favor. — disse, mal descolando os lábios.

— É o que *fazer*. — John parou diante de Sante, esboçou um sorriso debochado, e falou: — Eu *pensar de comprar metade do sua negócia. Bein, fazer quê, non é? Como diz brasilenos... fudeu.*

— Infelizmente, sim. — Ele estendeu a mão ao investidor, o semblante fechado, a coluna empertigada, a postura de um homem que não se vendia.

Murilo conduziu o casal e Fabiana para o interior da casa. Os Smith pegaram suas malas e partiram na própria picape, deixando para trás um rastro de poeira e insegurança quanto ao futuro do Rancho e Haras Ferrari.

Sante atingiu o seu limite e chutou o balde.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Melissa sentiu orgulho dele.

Tudo daria certo, ela confiava nisso. Pois os órfãos, antes de tudo, eram sobreviventes.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 33

O luau continuou após a saída dos Smith e a acompanhante deles. A peonada sabia como se divertir e logo o barril de chope foi substituído por outro, alguém trouxe uma churrasqueira portátil e salsichões no espeto, e os canapés também foram largados de mão.

Sante conduziu Melissa pela mão até a pracinha. Sentou no balanço e a colocou no seu colo, abraçando-a pela cintura.

A lua estava enorme no céu repleto de estrelas e, vendo-as de onde eles estavam, a impressão era de que os pontos brilhantes ameaçavam se jogar sobre todos. Um vento refrescante soprava os galhos das árvores, o farfalhar das folhas combinava com a sinfonia dos grilos e um ou outro relincho que vinha do estábulo.

— Então você me ama? — ela contornou com o dedo o maxilar dele.

— Pensei que já soubesse. — sorriu, beijando-a na ponta do indicador. — Em meio a

tanta mentira, enfim, encontrei a minha verdade.

— Jura? — ela encolheu os ombros num gesto de timidez.

— Acho que não preciso jurar, pois acabei de decretar falência, não é mesmo? — riu-se.

— A gente vai vencer essa parada.

— Durante muito tempo me foquei apenas no John Smith, a única alternativa que eu via era o investimento desse cara na fazenda, embora eu não quisesse tê-lo como sócio. — suspirou, resignado.
— Agora terei que começar do zero, pensar e pôr em prática outra estratégia que me tire da crise.

— Ouvi por aí que é na crise que a gente descobre as melhores oportunidades.

Ele a olhou demoradamente como lhe era o hábito fazer.

— Faz anos que me sinto pressionado, vivendo no limite de um esgotamento emocional e, agora, no momento mais crítico, tô calmo quase indiferente aos problemas da fazenda. Você é o sopro de brisa em meio ao meu inferno pessoal.

— Quero ser o seu amuleto da sorte.

— É o amor da minha vida e meu amuleto da sorte, Melissa.

Eles encostaram uma testa na outra, curtindo o sentimento de plenitude que os envolvia. Ela deixou escapar um suspiro longo e profundo, e Sante riu baixinho, beijando-a na boca.

Os cabelos de Melissa eram soprados pelo vento que entrava pela janela da picape. Era uma imagem que ele jamais esqueceria, o rosto belo e juvenil congelado num sorriso leve, os olhos brilhando de amor toda vez que o fitava.

Sante não cogitou sequer uma única vez lutar contra os sentimentos que nutria pela garota. Aceitou-os de peito aberto, confiante de que desta vez estava certo, acreditando inclusive em teorias que somente os apaixonadas acreditavam como verdades inabaláveis: o fato, por exemplo, de ela ser o amor da sua vida para sempre.

A ideia então de casar com Melissa lhe pareceu lógica.

Antes, contudo, a levou para um bar à beira da estrada.

O lugar era uma construção de madeira

PERIGOSAS NACIONAIS

rústica com um amplo deck sobre o rio. As mesas eram ornamentadas com pequenos abajures e um vasinho de flor. Ao redor da amurada havia imensas folhagens e, no tablado a poucos centímetros do piso de madeira, um cantor tocava música country romântica ao violão.

Estacionou o veículo em oblíquo, saiu dele e o contornou para abrir a porta do carona.

Melissa pulou nos seus braços, e ele a beijou.

Quando ela se voltou para a fachada do bar, expressou o contentamento típico de quem sabe aproveitar os pequenos momentos da vida. Era apenas um bar sobre o rio, mas ela bateu palmas e pulou no mesmo lutar, demonstrando empolgação.

— Que lugar lindo! O que é aquilo? — perguntou, apontando para os globos brancos feitos de nylon, pendurados estrategicamente em vários cantos da parede.

— São lanternas shoji.

— Ah, interessante, mas o que é?

Ele sorriu e apertou-lhe o queixo.

— Um tipo de luminária japonesa.

— Vivendo e aprendendo. — disse ela, lançando-lhe um sorriso de gratidão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Depois que pediram os drinques, Sante estendeu o braço por cima da mesa a fim de pegar a mão da garota.

— Talvez você não se lembre, mas uma vez os seus pais vieram para cá e a deixaram comigo na fazenda. Eu fiz pipoca que, por sinal, queimou... Então tive que arriscar rapidinho um cachorro-quente. Você me obrigou a ver um filme de terror, coisa mais horrível, não terminava nunca. Seus olhos ficaram arregalados durante o filme inteiro, e eu lhe disse que era masoquista. — Ele levou a mão dela aos lábios e imprimiu-lhe um beijo no dorso. — Você me chamava de “tio Sante”.

— Não lembro desse nosso programa... esquisito, tio Sante. — Fez uma careta engraçada.

— Ainda bem. Não quero que alimente sentimentos paternais em relação a mim.

Ela riu alto.

— Esqueça isso. Já disse que amo o seu pau.

— E ele ama você. — piscou o olho pra ela, maliciosamente. — O que quer comer?

— Você.

— Certo, mais tarde, safada. Precisa se alimentar, pretendo seguir firme na montaria diária.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela sentiu um frio na espinha.

— Oh, meu Deus, fala de novo. — pediu, numa voz arrastada.

— Não. Eu a trouxe aqui para um programa romântico, e não pra falar putaria.

— Gosto de putaria.

— Eu sei, mas quero ser romântico também, ô tesuda.

— Molhei a calcinha. — fez manha.

— Por que a chamei de tesuda?

— Sim, tio Sante.

— Diaba. — ele balançou a cabeça, resignado. — Vê se me ajuda a ser um bom marido. Ferrei o meu primeiro casamento, porque eu não era romântico. Ela queria admirar as estrelas, e eu só me preocupava se ia chover ou não. Sou um velho cheio de manias, e não um adolescente com flores do campo no coração.

— Acho que você tem flores do campo no coração, sim.

— Pois é, senti o meu coração florir semanas atrás, quando uma menina veio para a entrevista de emprego e ficou empacada no sofá.

—Ai, que vergonha. — tapou o rosto com a

PERIGOSAS ACHERON

mão, observando-o por entre os dedos. — Que bela primeira impressão!

— Gosto muito das suas atrapalhadas. Elas combinam com o seu jeitinho de garota desamparada, embora eu tenha visto uma leoa ontem.

— Me dá champanhe que fico corajosa. — brincou.

— Melissa, acredite em mim, você é uma garota forte. Não tem nem vinte anos e já passou por muita coisa.

—Preciso ser um bom exemplo pra Brenda. — admitiu.

O garçom chegou e anotou os pedidos. Depois se afastou discretamente por entre as mesas.

Sante tirou um estojo revestido de veludo do bolso do jeans, abriu a tampa e lhe estendeu.

— Agora o anel é valioso e o pedido de casamento também.

Por um momento, ela não soube como reagir, tomada pela surpresa do gesto. Viu a aliança de ouro e o anel de noivado com trinta e um diamantes em torno do diamante principal, todos cravados em aro de ouro branco 18 quilates. Era nítido que as

joias eram caras, assim como a atitude de Sante era autêntica.

Ele estava sério, os olhos concentrados nela pareciam desafiá-la a contestá-lo. Dava para notar que era um camarada que dificilmente aceitava um “não”.

— Meu Deus, são maravilhosos! — arregalou os olhos, admirando as peças. Mas como ela era pé no chão, já que sabia o que era não ter dinheiro, preocupou-se: — Esse dinheiro não teria sido melhor empregado na fazenda? Digo, você gastou uma nota alta só comigo...

— Sei o que faço. — tranquilizou-a. — Você só tem que dizer sim.

Ela mordeu o lábio inferior, hesitante.

— As joias são... nem sei o que dizer... — As lágrimas molharam os seus olhos. — Me sinto uma princesa sendo pedida em casamento pelo fazendeiro encantado, mas... — parou de falar, balançando a cabeça com pesar.

— O que foi? — A sobrancelha se arqueou num ricto de desconfiança.

— A gente já conversou sobre isso, casamento... — começou, com bastante cuidado,

pois não queria espantá-lo.

— Informalmente, sim.

— Bem, eu falei sério.

— Entendo. — Ele fechou a tampa do estojo e tornou a guardá-lo no bolso. A feição demonstrava contrariedade. — Acha que é jovem demais para casar, não é? Quer ter a chance de viver a sua vida de solteira, talvez conhecer outros caras até ter experiência o suficiente para amarrar o cavalo na minha baia.

— Eu só quero estudar, me formar e ter um emprego legal antes de me tornar a sua esposa.

— Casar comigo não a impedirá de nada. — argumentou.

— Mas ainda assim me sentiria abaixo de você. Afinal, até pouco tempo você era o meu patrão.

— Amigo da sua família. — rebateu, expressando impaciência.

— Você me pagava um salário para cuidar da sua filha, sou uma empregada da fazenda como a Magnólia. Eu ganho até menos que ela. Quero um relacionamento que nos coloque em pé de igualdade e por isso preciso me formar e arranjar

PERIGOSAS NACIONAIS

um emprego legal, ser produtiva em vez de viver do seu dinheiro.

— Pronto, arranjei uma feminista. — reclamou.

— Nem todos os caras têm essa sorte.

— Acho que não tenho estrutura emocional para deixá-la solta pelo pasto.

— Se o pasto é seu, não sei por que o medo. — deu de ombros.

Ela examinou-lhe o rosto com o cenho franzido.

— Quando chegou à fazenda, parecia uma garotinha assustada, com medo de tudo, ficava corada por qualquer coisa. E agora tá ditando as regras do nosso relacionamento... — balançou a cabeça, parecendo procurar uma explicação para a mudança do comportamento dela.

— Você me inspirou, Sante. Vê-lo lutar pela fazenda me deu vontade de querer mais pra minha vida. Ser a esposa de um fazendeiro é maravilhoso, mas é pouco pra mim. Quero ter uma profissão e ser o melhor exemplo para a nossa filhinha. — estendeu a mão pegando a dele e entrelaçando os dedos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O garçom voltou com a cerveja e o refrigerante. Depositou os copos na mesa e ia começar a servi-los, quando Sante o despachou com um resmungo mal-humorado.

— Tô velho demais para namorar, Melissa.

— E eu sou jovem demais para casar.

Ele tomou um bom gole da cerveja, olhando-a por cima do copo.

Melissa sorveu o refrigerante aos golinhos, consciente da força do olhar de Sante sobre si.

— Amo você. — disse, olhando-o nos olhos.

— Às vezes, amar não é o suficiente. — declarou, devolvendo-lhe o mesmo tipo de olhar.

Voltaram para a fazenda em silêncio.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 34

Sante acordou no meio da madrugada sozinho na cama. Acendeu a luz do abajur, bocejou e esfregou os olhos. Ao ouvir o choro de Brenda, jogou o lençol para o lado, vestiu o robe por cima da boxer e foi até o quarto dela.

Encontrou Melissa embalando-a numa vã tentativa de acalmá-la.

— Não sei o que ela tem. — disse ela, sonolenta e ao mesmo tempo preocupada.

Às vezes ele considerava se a tarefa de ser madrastra de um bebê não era uma carga pesada demais para uma garota de 18 anos. Antes, como babá, não passava de um trabalho que teria apenas que se adaptar. Mas agora, que tentavam estabelecer um relacionamento sólido entre ambos, a ideia de sobrecarregá-la com a filha o incomodava.

— Ela deve ter tido um pesadelo. — Aproximou-se e pegou a criança por baixo das axilas, tomando-a nos braços. — Volta para cama,

que eu cuido dela.

— Tem certeza?

— Sim, vá dormir. — Melissa demonstrou hesitação, então ele reafirmou: — Tá na hora de eu me tornar um bom pai, não é mesmo? Me ajuda com isso, ok?

— Claro. — ela sorriu. — E o que quer que eu faça?

— Divida as tarefas comigo em vez de fazer tudo sozinha. Pode ser? — lançou-lhe um sorriso.

— Tá certo, Sante. — Antes de sair, ela se pôs na ponta dos pés e o beijou de leve nos lábios. — Vou te esperar acordada. — disse, com olhos de promessa.

Brenda o fitou por entre os cílios grossos de água, as bochechas e a ponta do nariz vermelhas.

— Se não teve um sonho ruim, só pode que acordou assustada. — Beijou-a na mãozinha gorda.

Foi até a cadeira de balanço e sentou, aconchegando-a deitada junto ao tórax.

A bebê parou de chorar, olhava para o seu pai parecendo não acreditar que ele lhe dava atenção. Por fim, começou a piscar em meio a um

longo bocejo.

— Vou contar uma história pra você dormir, ok? É meio entediante, por isso acabará dormindo. — falou, tocando com o dorso da mão no rostinho dela. — É sobre o seu nascimento.

Brenda bocejou novamente e levou o polegar para a boca, sugando-o.

— Fui buscá-la na maternidade num dia que chovia pra cara... chovia muito. — corrigiu-se a tempo. — Quando eu a vi, enrolada na manta do hospital, fiquei apavorado. Pensei que não conseguiria cuidar de você, tão pequena, frágil e desamparada. Torci para que aparecesse algum parente da sua mãe e ficasse com você. — parou de falar, absorvendo as ondas de torpor do passado — A sua mãe era uma mulher muito bonita, chamava a atenção de todos no bar, mas só se interessou por mim. Ela me contou sobre a vida que levava, mas eu não ouvi quase nada, porque pensava no quanto a queria. Fui um cretino, Brenda. Mais pra frente você me perguntará sobre ela, e eu não terei muito a lhe dizer. Só sei que durante a gravidez ela me disse que te amava, que você lhe era o maior presente que poderia ganhar. Sei que ela colocava

música clássica pra você ouvir dentro da barriga dela... Maria Callas, acho eu. — Deitou a cabeça contra o encosto da cadeira. — É por isso que você se acalma quando ouve ópera.

A bebê fechou os olhinhos e respirou fundo.

— A Melissa não quer casar comigo. — desabafou, olhando para um ponto vazio no ar, imerso na melancolia. — Talvez ela tenha razão. Se a Valéria não tivesse me conhecido, hoje ela estaria viva, ainda frequentando o mesmo bar, namorando e trabalhando, tendo uma vida, e não morta e enterrada. — concluiu, com amargor.

Balançou-se bem devagar na cadeira, aspirando o cheiro de xampu do cabelinho da filha.

— Fodi também a vida da minha ex-mulher. Não lhe dei os filhos que queria, o amor que merecia nem atenção. E com você, Brenda, quase fiz o mesmo. Mas tô disposto a mudar a nossa história. Quero levá-la para todos os lugares comigo e criá-la para ser uma fazendeira, o meu braço direito. Entendeu, filha? — baixou os olhos e a viu dormindo, beijou-a na testa. — Espero apenas ainda ter uma fazenda para lhe oferecer no futuro.

Melissa o esperava nua na cama.

Depois da última noite, em que voltaram do bar um tanto estremecidos, parecia que caminhavam sobre ovos. Mas a última coisa que queria era vê-lo se afastar.

Sante entrou no quarto e tirou o robe, deixando-o sobre a cadeira.

— O que acha de retirar o plug?

Ela não se fez de rogada e se pôs de quatro pra ele, estirando o corpo para frente como uma gata assanhada pedindo para ser acariciada pelo dono.

— Tome o que é seu. — empinou o traseiro e ouviu um gemido baixo escapar dos lábios do homem.

— Levanta um pouquinho mais a bundinha.

Assim que o fez, notou o colchão ceder ao peso dele e quase gritou de tesão ao senti-lo agarrar as suas coxas e a lambar na boceta, friccionando o clitóris com a boca.

— Deus do céu! — arfou, enterrando a
PERIGOSAS ACHERON

cabeça no travesseiro.

Sante se ajoelhou entre as pernas dela e as afastou mais um pouco, a ponta do dedo indicador deslizou por entre os lábios vaginais.

— Tá molhada, minha garota. — disse, numa voz arrastada. — Vou comer a bocetinha e depois o rabinho. — deu-lhe uma palmada na nádega, ela se contraiu e levou outra palmada. — Por que é tão gostosa, hein? Pra me deixar cada dia mais louco?

Ele escorregou as mãos por baixo dela até pegar os seios e apertá-los enquanto penetrava o pau na entrada da vagina. Melissa sentiu um fio de eletricidade atingir cada músculo e o sangue quente subiu-lhe ao rosto, parecendo inchá-lo, mas era apenas a sensação de prazer, de um tórrido prazer.

Antes que atingisse o orgasmo, ele se retirou.

— Você é cruel, sr. Ferrari. — gemeu em meio à respiração pesada.

Ouviu-o rir baixinho.

Virou a cabeça ao senti-lo se movimentar na cama e o viu pegar o lubrificante na mesinha de cabeceira.

O plug anal também foi retirado.

Sante separou-lhe as nádegas e soprou o ar morno, depois a lambeu no cu, masturbando-o com a ponta da língua.

Melissa contraiu os esfíncteres, tomada pela sensação quente, como se uma lança de fogo a penetrasse sem dor, apenas gozo, molhado, intenso e insano. Mordeu a ponta da fronha, apertou os olhos e quase enlouqueceu ao sentir a língua dele no seu orifício anal e os dedos manipulando o clitóris.

— ME FODE! ME FODE DURO! POR FAVOR!

Ele se afastou ligeiramente, e ela sentiu a sua falta. Mas foi por pouco tempo, o suficiente apenas para ele passar o gel no cu dela, enfiando o dedo lentamente. Depois pegou o lubrificante de novo e o espalhou no pênis.

A primeira cutucada da cabeça do pau na entrada do ânus a fez soltar um gritinho abafado contra o travesseiro. Ele apenas o experimentou sem se aprofundar.

— Será que aguenta o meu pau na sua

bundinha?

— Sim. Eu quero. — excitou-se ao ouvi-lo gemer em meio à respiração ofegante.

As mãos masculinas estavam possessivamente agarradas no quadril da moça, puxando o traseiro dela contra o tronco masculino. Dois dedos deslizaram por cima da vagina e pressionaram o botão sensível. Ele então empurrou o pau, dilatando o ânus apertado dela.

— Quero que goze enquanto como o teu cuzinho. Enfiei tudo... — ele parou fundo nela sem se mexer.

— Tá doendo.

— Você aguenta.

— Aguento. — choramingou.

— Agora vou me mexer dentro do seu rabinho quente e gostoso.

Ele deslocou os quadris, puxando o pau até quase à beirada do aro de músculos e o meteu de novo, bombeando devagar, eroticamente, como se estivesse em câmera lenta.

Ela o sentiu avançar, as bolas baterem contra as suas nádegas. O suor quente se espalhou por

PERIGOSAS NACIONAIS

suas costas, na nuca, e nos mamilos duros. O cabelo estava úmido, e o resto do corpo parecia em brasa.

Por um instante pareceu que tinha ficado surda, não ouviu mais os barulhos do fazenda, do vento batendo contra as janelas nem dos galhos das árvores e, em seguida, veio a explosão. E como uma avalanche de sensações beirando à loucura, Melissa gozou com o pau de Sante enterrado fundo, grande e duro ardendo a cada estocada, mas também a molhando de gozo.

Sante gozou logo depois, o sêmen escorreu do buraco dela, deslizando pelas coxas e manchando o lençol.

Ele a abraçou por trás e a beijou na têmpora, deslizou os lábios nos cabelos dela até alcançar a orelha, e sussurrou:

— Amo muito você, Mel.

Ela o beijou no dorso da mão, de costas para ele, pois assim era possível esconder as lágrimas de emoção.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 35

Spartacus, o ex-campeão do haras Ferrari, foi enfim vendido. Porém, por um valor abaixo do mercado. Um cavalo como aquele não merecia apenas trinta mil reais. O novo dono, no entanto, sabendo da situação financeira de Sante, tirou proveito dela. Aliás, a partir daquela negociação, os demais fazendeiros fariam o mesmo, jogando pra baixo o valor dos seus cavalos de raça.

Murilo saiu da picape, ajeitou o chapéu de vaqueiro pra trás, o cigarro esmagado na boca e o olhar pesaroso.

— Me doeu deixar o campeão na fazenda de um mão de vaca.

Sante se aproximou arrastando as botas. Sentia cada parte do corpo latejando de cansaço após trabalhar na fazenda desde às seis da manhã.

Depois de Melissa adormecer nos seus braços, ele saiu bem devagar da cama e rumou para o escritório. Uma pilha de contas e o relatório do contador da fazenda o aguardavam para uma sessão

de tortura emocional. E ele então se chicoteou de preocupação, angústia e vontade de chutar o balde. Sim, por um momento, considerou vender a propriedade de porteira fechada e comprar uma fazenda menor, além de umas vacas para a produção de leite. Mas aí pensou no tipo de vida que daria a Melissa e a Brenda, bem abaixo do padrão de agora. Por Deus, ele tinha uma garota de 18 anos como namorada... Namorada? Ô termo besta! Um cabra com mais de quarenta anos não é namorado de ninguém, cacete! É amante, amigo, noivo, marido e não um termo que se aplica à gente jovem. Sante nunca foi um cara moderno e não começaria a ser agora. Era sim um cavalo velho, cansado de guerra, que só via adiante mais estrada para trilhar sem qualquer sinal de uma sombra agradável para relaxar e curtir a vida.

— Acho que só me resta apelar para agiotas.

— Pelo amor de Nossa Senhora, patrão, agiota é bandido.

— E eu não sei? — entortou a boca num gesto de amargor. — Mas você tem razão, se eu ainda fosse sozinho no mundo, até me meteria com essa gente. Mas agora tenho as minhas garotas... —

balançou a cabeça, resignado. — Merda, que tipo de vida vou dar a elas?

— A vida honesta.

— O único jeito de ter uma vida honesta, no meu caso em especial, é vendendo a fazenda.

— Aí o senhor morre. Sinto muito dizer, mas a fazenda também mora no seu coração.

— E pra falar a verdade, antes da Brenda e da Melissa, era só a fazenda que me importava. — admitiu, sentindo uma dor profunda no peito. — O que vou fazer com o dinheiro da venda? Comprar um apartamento na cidade? Me enjaular entre quatro paredes? Morar em uma casa com um bando de vizinho chato e ver a minha filha andar de bicicleta num quintalzinho de merda? Sinceramente não me vejo envelhecendo na cidade, tampouco num sítio meia boca.

—Entendo tudinho, patrão. E a peonada tá preocupada demais da conta também.

Sante esfregou a testa, tenso.

— Vamos ver o quanto consigo com o nosso garanhão no próximo leilão. Será tudo ou nada. Os lances começarão a partir de cem mil reais, e tem

comprador com bala na agulha de olho no Imperador.

— A menina Melissa vai com o senhor?

— Pedi para ela ficar com a Brenda, afinal, voltarei no mesmo dia.

— Tenho certeza de que o senhor vai voltar com a conta bancária cheia de dinheiro.

Sante não era dado a demonstrações de afeto, mas se sentia realmente abalado com a perspectiva de perder a sua terra. Aceitou o incentivo do velho treinador e o puxou para um abraço fraternal.

— Sou rude, cabra, mas você e os peões também são a minha família. — falou, meio emocionado, aos tropeços, envergonhado e, acima de tudo, angustiado.

Brenda dormiu na rede do alpendre depois do almoço. Já lhe era um hábito tirar uma sonequinha assim que enchia a barriga. E como ela comia!

Normalmente Veridiana lhe fazia uma
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

papinha com pedaços de carne, legumes e feijão. Às vezes, era uma mistura de mandioca, abobrinha e carne moída. O cardápio variava diariamente, contudo, a consistência da papa era a mesma, os alimentos eram esmagados com o garfo, e não batidos no liquidificador.

Era Melissa quem a alimentava, brincava de aviãozinho e provava a comidinha antes para testar o tempero e a temperatura, isso sem que a cozinheira e a governanta vissem, pois pareceria que não confiava nelas. Mas em relação a Brenda, valia todo e qualquer cuidado.

Agora, enquanto a bebê descansava, Magnólia terminava de comer a sobremesa sentada ao lado de Melissa, no sofá perto da rede.

— Tô gostando de ver o seu carinho com a Brendinha, e ela tá cada dia mais agarrada a você, né?

Melissa endereçou um olhar cheio de amor à pequena.

— Amo a Ferrarinha. — e, desviando os olhos agora para a governanta, completou: — Assim como amo o pai dela.

PERIGOSAS ACHERON

— Hum, e eu não sei? — suspirou, dando de ombros. — Olha, o patrão é aquele tipo de caubói que foge do laço, viu? Já vou te avisando que é pra não criar expectativa romântica. Ele é discreto quanto à sua vida afetiva, mas sei que despedaçou muitos corações.

— Ele me pediu em casamento. — disse, simplesmente.

— O quê? Tá brincando! — Magnólia começou a se abanar com as mãos. — Acho que a minha pressão tá baixando! Ca-ram-ba, não acredito nisso! É uma pegadinha? Cadê a câmera? Tá filmando pra zoar comigo na internet?

— Não, claro que não. — começou a rir. — Ele quer casar, mas eu não aceitei.

Magnólia se pôs de pé, levou as mãos aos quadris roliços e balançou o corpo inteiro ao declarar:

— O que o meu patrão tem de ruim que você não o quer? O homi sofreu o diabo nessa vida, foi largado na lata do lixo, juntado do chão por um mendigo e levado pro orfanato. Ficou anos mofando sem ser adotado. E, quando isso acontece, é por um casal de idosos doentes mentais. Lutou a

PERIGOSAS ACHERON

vida inteira pra ter a terra dele, o ninho dele, e agora tá prestes a perder tudo. Fora aquela esposinha de merda que arranjou. Mulher cheia de vontades, meu Deus. Ela foi mimada pelos pais, tratada como princesa, não fazia nada em casa nem em lugar nenhum, só sabia exigir isso e aquilo dele. — suspirou profundamente, parecendo se acalmar. — Menina, esse hõmi é sacana com as mulheres, mas também é um santo.

— Como assim?

— Ah, sei lá, é uma boa pessoa quando quer ser. — sorriu, sem graça. — Parece defeito, né? Mas sei o que tô falando e confio muito no sr. Ferrari.

— Mas você me disse para fazê-lo rastejar por mim. — provocou-a, num tom de divertimento.

Magnólia voltou a sentar na cadeira.

— É que eu tava com medo de ele te iludir.

— Por que é um santo?

— Não, porque é um sacana quando quer.

As duas riram.

— Minha vontade era de casar com ele. — começou Melissa, com ar sonhador. — O primeiro

PERIGOSAS NACIONAIS

casamento do Sante não deu certo, porque a fazenda estava em primeiro lugar. E tudo que fiz por ele até agora foi em razão dessa mesma fazenda. — balançou a cabeça, com pesar. — Sei que ele me ama e que casou com a primeira esposa sem amá-la. Talvez até seja errado fazer esse tipo de comparação. Só que eu sinto que ele não tá inteiro no nosso relacionamento.

— Disse isso pra ele?

— Não. Menti que queria estudar primeiro e arranjar emprego pra depois pensar em casar.

— Precisa ser franca com ele, abrir o seu coração e falar tudo que pensa a respeito.

— Magnólia, não posso chegar pra ele e dizer que não acredito que ele me ama como ama a fazenda. Ainda mais agora em um momento tão complicado. — mordeu o lábio inferior, hesitante. — Mas quando me contou que casou com a Adriana sem amá-la, casou por casar, percebi que talvez ele não leve tão a sério assim os casamentos.

— A Adriana o chantageou, isso sim. Se eles não casassem, ela voltaria a morar na capital.

— Então o Sante gostava dela. — especulou.

PERIGOSAS ACHERON

— O patrão disse o contrário?

— Ele me falou que casou para que ela não se mudasse.

— Sim, isso mesmo. Só que o tiro saiu pela culatra.

— Por quê?

— A mulher mostrou as garrinhas logo depois da noite de núpcias, e ele se refugiou na lida com os peões, mal aparecia em casa, inventava tudo que era tipo de serviço pra fazer.

— Acho que ele se arrependeu do casamento. — considerou, preocupada.

— O patrão não sabia com quem tava lidando antes de casar, foi impulsivo e idiota, se lascou, já que a jararaca tomou metade da fazenda dele e ganhou mais dinheiro ainda ao vendê-la de volta.

— É por isso que precisamos de mais tempo, para ele me conhecer melhor.

— Vixe, ele te conhece faz anos, menina.

— Eu só tinha oito anos, não vale.

— Bom, se é por isso, você também não conhece o suficiente para ter certeza de que o ama,
PERIGOSAS ACHERON

não é mesmo? — alçou uma sobrancelha, sagaz.

Melissa baixou os olhos e fitou as próprias mãos. Ainda usava o anel vagabundo, da farsa da esposa de aluguel.

— Amei ser a esposa dele, mesmo de aluguel. Eu o amo mais do que tudo. E queria muito viver o resto da minha vida ao lado dele e da Brenda.

— E dos filhos de vocês, espero. — brincou.

— Oh, sim, dos nossos bebês. — corou, envergonhada.

— Você sabe que pode estudar, trabalhar, ter filhos e casar, né? Isso não são escolhas, e sim partes de um todo chamado vida adulta.

Melissa deitou a cabeça para trás na cadeira, fechando os olhos ao sentir o vento morno a tocar no rosto como uma suave carícia.

Sim, eu posso ter tudo.

Capítulo 36

A cidade onde aconteceria o leilão se localizava a quatro horas da fazenda Ferrari.

Sante e Murilo conduziram o Quarto de Milha para o trailer fechado, que se acoplou à picape. O animal era esperto e tranquilo, subiu a rampa com a naturalidade referente ao seu nome: Imperador.

Assim que começou a chover, entretanto, o fazendeiro cogitou que a viagem seria um pouco mais longa. Pois, se o tempo se complicasse, teriam que parar em um posto de combustíveis. Seguir em frente nessas condições era arriscar três vidas.

Antes de sair, Sante beijou e abraçou Melissa e foi aí que sentiu mais uma vez o quanto ela era vital à sua existência. Por mais que fossem ficar distantes por algumas horas, a vontade que tinha era a de levá-la. Queria lhe mostrar o seu mundo, inseri-la nas conversas com os demais criadores e vaqueiros, tê-la por perto para abraçá-la e beijá-la a todo instante, vê-la sorrir e se atrapalhar e falar

PERIGOSAS NACIONAIS

coisas bonitas e engraçadas. Ela tinha um tipo de sabedoria simples que o comovia.

— Voltarei com dinheiro e essa fase ruim da fazenda ficará no passado.

— Só quero que volte bem, Sante. — disse ela, com meiguice.

— Hum, vou deixar o meu amuleto da sorte em casa. — brincou, beijando-a na ponta do nariz.

— Bem, eu pensei que ele tava no seu coração. — lançou-lhe um olhar travesso.

— Viu só, preciso aprender a ser romântico. — rebateu, num tom de pesar.

— Gosto do seu jeitão rústico e desligado, caubói. Hômi romântico demais é chato pra caralho.

Sante riu alto e a aconchegou debaixo do braço.

Agora ele dirigia de olho na estrada, mas a cabeça longe, pensando nela. No fundo, sentia que devia ter ficado em casa. Não acreditava em pressentimentos ou algo do tipo, mas também não podia ignorar a sensação ruim na boca do estômago.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Suspirou profundamente, procurando se livrar do incômodo.

Acendeu um cigarro, abriu a janela e se pôs a fumar.

— Ô tempinho chato. — resmungou Murilo.

Sante espichou a cabeça e deu uma olhada no céu cinzento, jogando água pra tudo que era lado.

— Se pararmos agora, vamos nos atrasar para o leilão. — considerou, criticamente.

— A estrada tá vazia, podemos *tacar* direto, patrão.

— É capaz dessa chuva se arrastar o dia inteiro. — reclamou, reduzindo a velocidade e se pondo atento ao volante.

Um sentimento sombrio o atingiu em cheio, e Sante teve quase certeza de que não chegaria ao leilão.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 37

Veridiana afastou as cortinas da janela da cozinha. A chuva batia contra o vidro, e a copa das árvores quase cedia à força do vento. Era um temporal daqueles.

— Gosto do tempo assim. — disse a cozinheira, voltando a sentar diante da mesa onde estavam Melissa e Magnólia. — Detesto dias ensolarados.

— Me desculpa, Veri, mas você tem problema mental. — zombou a governanta, enrolando a massa crua até formar um bolinho que depois seria assado.

— Queria mesmo era morar no Canadá.

— E como ficaríamos sem a sua comida? — a função de Melissa, naquela mesa, era a de rechear a massa com o frango desfiado e temperado.

— Ué, a minha comida não é boa? — interveio Magnólia, fingindo-se de ofendida.

PERIGOSAS NACIONAIS

— É ótima, mas acho que um cargo de comando faz mais o seu estilo. — foi diplomática.

— Acho que a nossa patroa quis ser educada com você, Mag. — Veridiana piscou o olho pra Melissa. — Na maior parte das vezes, você esquece o sal, amiga.

— Isso significa que eu penso na saúde das pessoas, ora.

— Não, isso significa que você se esqueceu de pôr sal na comida. — devolveu, espirituosa.

— Que conversa é essa de patroa pro meu lado. — falou Melissa, com um sorriso travesso no canto da boca. — Ainda sou apenas a babá.

— Ainda? Hum, olha só a segurança no taco! Ui, ui!

Veridiana era engraçada, debochada, mas também de pavio curto. Não aceitava ser mandada pela governanta e, sabendo disso, Magnólia a tratava com jeitinho, impondo-se através da cumplicidade da amizade de anos.

— O patrão tá apaixonado por você. — Magnólia a fitou com olhos sonhadores.

— Os quatro pneus arriados. — completou

PERIGOSAS ACHERON

Veridiana. — Foi laçado pelos tornozelos, pego pelos chifres, jogado no mato e feito homem, tá pronto para o abate, olha posso ficar nisso até amanhã, alguém cala a minha boca, por favor.

Melissa riu.

— Ai, meu Deus, vocês duas!

— Bem, patroa do meu coração, por mais que a fazenda se atole na merda, pensa com carinho no meu emprego, tá? Não quero voltar a cozinhar nos restaurantes do centro e perder essa vida ao ar livre.

— Vida ao ar livre? Aham, sei. Veridiana, abre o jogo, você não quer é ficar longe da brutaiada, isso sim!

— Mag, eu gosto da fruta! Ainda não fechei as pernas para o mundo.

— Mas é melhor se preparar pra voltar à cidade. — disse a governanta, preocupada. — Ontem à noite vi os peões se reunirem no refeitório.

— Ué, era a noite do pôquer.

— Nada disso. Eu soube que um deles recebeu uma herança. Ouvi boatos de que o vaqueiro pretende comprar uma fazenda e levar

toda a peonada com ele. Imagina o golpe que será para o patrão. Sem dinheiro e sem mão de obra pra tocar a fazenda. — balançou a cabeça com pesar.

— Meu Deus, isso não pode acontecer. — disse Melissa.

— É sempre assim, quando o barco começa a afundar, os ratos pulam fora. — sentenciou Veridiana.

— Os ratos têm família.

— O patrão também tem, Mag.

As duas continuaram falando, mas Melissa as ouvia de longe, como se houvesse uma parede de vidro entre elas. De repente sentiu um enjoo forte e o corpo inteiro transpirava um suor quente e espesso. Respirou fundo, procurando se recompor, contudo, a pressão no peito a preocupou. Era jovem demais pra ter problema cardíaco, embora sentisse o coração acelerado, a veia pulsando forte no pescoço.

— Preciso de ar... — Levantou da cadeira e foi tomada por uma vertigem. O chão pareceu se abrir debaixo dos seus pés, teve que se segurar na mesa para não cair.

— Você tá bem?

Ouviu a voz de longe, tentou responder, dizendo que não sabia o que lhe acontecia.

Afastou-se da mesa a fim de sair da cozinha e voltar para o quarto. Queria se deitar. Mas a mão em torno do seu pulso a impediu.

— Me deixa, vou dormir.

Puxou o braço da mão que a agarrava e, assim que o fez, notou que faltou luz. A escuridão a engoliu, e ela se entregou ao mergulho morno que a tomou inteira.

Ela não ouviu o barulho seco do seu corpo se chocar contra o piso de cerâmica.

Melissa acordou com o estrondo de um trovão, o coração aos pulos, os olhos arregalados. Olhou em torno, o quarto recebia apenas a iluminação dos raios. Suspirou fundo, procurando se acalmar e, no minuto seguinte, ouviu a campainha.

Pôs-se em alerta, considerando rapidamente
PERIGOSAS ACHERON

se Sante já havia chegado ao local onde se realizaria o leilão. Era possível que a tempestade o tivesse atrasado. Desde que saíra, ele não lhe mandou mensagem nem telefonou. Tentou se acalmar, imaginando que talvez o sinal na estrada e, com o tempo ruim, estivesse péssimo.

Saiu da cama e viu que estava apenas de camisola. Vestiu o robe por cima e desceu a escada. A sala estava vazia, e Magnólia parecia já ter se retirado para sua casa.

Alguém tocava a campainha de modo insistente.

Abriu a porta e deu de cara com um policial.

— Boa noite. Pode me confirmar se aqui é a fazenda do sr. Sante Ferrari?

— Sim, é a fazenda do Sante, mas ele não tá.

— Preciso falar com a esposa do sr. Ferrari.

— Ah, ele não é casado. — respondeu, tolamente.

— O que você é dele?

— Namorada. — Agora ela estava realmente intrigada. — Pode deixar recado que eu passo pra ele, viu?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como se chama?

— Melissa. Aconteceu alguma coisa com o Sante?

— Achamos a carteira de identidade...

— Oh, que distraído, pode deixar comigo. — estendeu-lhe a mão.

— Junto ao corpo dele. — o policial contraiu os maxilares. — A picape capotou, o sr. Ferrari foi arremessado para fora do veículo e faleceu no local. Sinto muito.

— É impossível. — balbuciou.

— Tá sozinha em casa? — Ele pareceu preocupado.

— É impossível. — repetiu, baixinho.

— Se quiser, posso levá-la até o IML para o fazer o reconhecimento do corpo.

— Caubóis não morrem. — sussurrou, atordoada, afundando, caindo, caindo, caindo...

— Infelizmente...

Ela não ouviu mais nada.

O grito que irrompeu de sua garganta a trouxe da inconsciência, mas Melissa não queria

PERIGOSAS ACHERON

abrir os olhos, não queria mais viver.

— NÃOOOOOOOOO! — gritou uma segunda e terceira vez, desabando num choro desesperado.

O policial então se abaixou e a sacudiu pelos ombros com bastante força.

— Volta, Melissa! Volta! Você precisa voltar!

Abriu os olhos e deu de cara com Magnólia. Vê-la a deixou ainda mais arrasada e tudo que fez se limitou a chorar copiosamente, assustando a governanta.

Capítulo 38

Era como viver um pesadelo acordada, as vozes de Magnólia e Veridiana iam e viam, e o choro de Brenda parecia quase se sobrepor ao seu próprio.

Agora, com a cabeça enterrada no travesseiro, Melissa chorava por todas as mortes de sua vida, a mãe, o pai, os irmãos que nunca teve e pelo homem que amava.

— O que a Mel tem, meu Deus?

— Tá me parecendo uma crise nervosa, Veridiana.

— Mas ela desmaiou antes e agora acordou chorando desse jeito! Temos que chamar um médico!

— Oh, até parece que alguém virá nesse fim de mundo debaixo de um temporal desses.

— Tô preocupada com o desmaio, Mag. Ninguém desmaia sem mais nem menos.

— Eu tô mais preocupada é com esse desespero todo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acho que ela teve um pesadelo.

— Minha menina não chora assim. Tá tudo bem, viu? — A voz vinha de longe e, de repente, pareceu se voltar para outra direção. — Veri, pega a Brenda e tenta acalmá-la.

— Ele...

— O que aconteceu, Mel?

Melissa abriu os olhos, sentindo o peso das pálpebras inchadas e viu a preocupação estampada no rosto pálido da governanta.

— Ele se foi.

— Quem?

— O policial disse.

—Que policial? Não entendo. — Magnólia parecia desnorteada.

Melissa saiu da cama, decidida a pegar a estrada para encontrar Sante e tirá-lo da chuva. Cuidar dele, vesti-lo, dar-lhe comida, aconchegá-lo nos seios, cuidar e protegê-lo. A solidão dos órfãos. Maldita solidão. Ele morreu sozinho.

Viu o próprio corpo correr até a porta, abri-la e sair.

PERIGOSAS ACHERON

Mas esse foi apenas o reflexo da imagem projetada da sua mente enquanto caía novamente inconsciente no chão.

— Ô diacho de chuva! Se não fosse esse cafezinho bom demais, eu tava é soltando fogo pelas ventas.

Parados havia quase meia hora em uma lanchonete de beira de estrada, Sante evitava olhar para o relógio de pulso. Era certo que chegariam atrasados, torcia apenas para não perderem o horário do leilão do Imperador.

A torrente d'água não lhes dava trégua, encharcando o vidro frontal do veículo, dificultando a visibilidade da estrada. E o asfalto molhado se assemelhava a uma pista de patinação. O mais sensato a fazer era estacionar debaixo do toldo do posto, protegendo também o trailer com o cavalo e aguardar que a chuva amenizasse.

— A parte positiva é que se tá ruim para nós, tá ruim para todos que moram fora da cidade do

PERIGOSAS NACIONAIS

evento. — concluiu o treinador.

— Isso é verdade.

— O pior de tudo, patrão, que mais pra frente é estrada de chão batido e o governo não continuou com as obras, imagina só o lamaçal escorregadio que tá. Deus me livre! — Murilo se benzeu.

O lugar estava lotado, uma barulhada de conversa que se assomava ao ronco dos motores dos ônibus de turismo que estacionavam, despejando os passageiros para a pausa da viagem.

Mesas e cadeiras tomadas por famílias, homens de meia-idade com bonés de agropecuária, jovens mexendo em seus celulares e o movimento contínuo dos atendentes da lanchonete que também vendia produtos de padaria.

Através da parede envidraçada via-se a chuva despencar para depois do amplo toldo e a estrada iluminada pelas lâmpadas alaranjadas dos postes públicos.

Tanta gente junta e a sensação de solidão o corroía. Sante deu uma olhada no celular, notando que o sinal estava fraco.

PERIGOSAS ACHERON

Queria falar com Melissa, ouvir a sua voz, acalmar um pouco a angústia que sentia. Não estava bem. Aceitou a ideia de Murilo, a de pararem em um lugar seguro, porque não queria lhe dizer que não estava bem. Alguma coisa o fazia não se distanciar demais da fazenda, ficar por ali, esperar para ver no que dava. Talvez fosse besteira da sua cabeça cheia de problemas pra resolver. Ou talvez fosse a voz da sua intuição.

Quando o celular vibrou, viu na tela que era uma ligação de casa e o atendeu imediatamente.

— *Patrão? Patrão?*

A ligação estava péssima, a voz de Magnólia baixa e cortada.

— O que foi?

— *Patrão?*

Ele se pôs de pé e se encaminhou para perto da janela. Fez um sinal para Murilo voltar à mesa.

— Tá me ouvindo, dona Magnólia?

— *Oh, agora tá um pouquinho melhor.*

— Fala! — *Por que não entra logo no assunto, mulher?*

— *O senhor chegou ao leilão?*

— Ainda não. O que aconteceu? — perguntou, tenso.

Ouviu o suspiro pesado da governanta.

— *É a Melissa.*

O momento em que um pressentimento ruim ameaça se materializar é como uma prévia da própria morte.

Ele engoliu em seco.

— Se você não falar tudo de uma vez, vou demiti-la. — rosnou.

— *Me perdoa, é que tô nervosa. A Mel desmaiou de novo.*

— Como assim, “desmaiou”? — A adrenalina o colocou em estado de atenção total.

— *A gente tava conversando na cozinha, ela se sentiu mal e caiu desmaiada no chão. A Veridiana e eu a levamos para o quarto e a deixamos na cama. Ela então acordou chorando, desesperada, parecia que sentia uma dor forte, não sei...*

— Ela se machucou?

— *Acho que não, mas ela não me parece nada bem. Quando tentou ficar de pé, desmaiou de*
PERIGOSAS ACHERON

novo. Tenho medo que seja algo grave...

— Tô voltando. — decidiu.

— *Não precisa, eu só queria avisá-lo. Vamos chamar uma ambulância e levá-la para o hospital.*

— Tô voltando, já disse. — foi enérgico.

Encerrou a conversa já à mesa, pegando as chaves da picape e se dirigindo para a saída do estabelecimento.

— Voltando pra onde, patrão?

— Pra casa. — disse, por cima do ombro, a chuva molhando-o, mas ele mal a sentia. Precisava voltar para a sua mulher. Era por isso que se sentia mal.

— O que aconteceu?

— A Melissa desmaiou.

— Nossa mãe. — O treinador puxou-o pelo cotovelo. — Sei que pode parecer insensível da minha parte, mas o Imperador precisa participar do leilão.

Sante sentou-se diante do volante.

— Liga para a empresa leiloeira e diz que a

PERIGOSAS NACIONAIS

chuva nos impediu de chegar até o evento.

— O senhor sabe que os compradores não vão gostar disso. O cavalo já era para estar ontem lá.

— Foda-se.

O treinador coçou a nuca, olhou para o céu, pingou água nos olhos dele, o que o fez piscar.

— Tudo bem, patrão. Mesmo que essa ideia afaste os principais compradores, farei o que o senhor mandou. — considerou, preocupado.

— Entra logo nessa porra, Murilo.

O treinador bateu a porta do passageiro e, tirando a jaqueta jeans molhada, comentou:

— Só não corre, por favor, a pista tá por demais perigosa.

Sante trincou os maxilares, tomado por um sentimento de urgência que extrapolava os seus últimos vestígios de bom senso.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 39

— O paraíso é da cor dos seus olhos.

Foi o que Melissa disse ao acordar. A primeira visão foi o olhar amoroso de Sante, o rosto dele bem junto ao seu quase deitado no travesseiro.

Ela o tocou no maxilar, contornando-o com a ponta do dedo, num gesto todo seu.

— *Você* é o meu paraíso. — ele disse, baixinho, numa voz terna.

Ainda sonolenta, ela endereçou-lhe um sorriso.

— O que tá fazendo em casa, garoto?

— O meu coração me mandou voltar, garota.

— E o meu tá feliz em ver você.

Sante acariciou-lhe a face.

— Desmaiou, Mel.

— Acho que sim. Tô com medo.

— Medo de quê? — franziu o cenho, preocupado.

— De ter comido algo estragado. Não quero morrer como os meus pais. — choramingou.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele lançou um olhar misterioso para além dela. Depois se voltou novamente para Melissa.

— Não é intoxicação alimentar, ok? Os sintomas são diferentes. Na verdade, nós estamos apostando em outra direção. — sorriu de leve.

— Nós?

— Aham, Magnólia, Veridiana e eu temos quase certeza de que você não tá doente.

— Sonhei que você tinha morrido. — De repente ela o puxou pelo pescoço e o abraçou com força — Não morra nunca, por favor.

— Se eu não morrer no seu coração, viverei pra sempre com você. — sussurrou.

— Te amo tanto, tanto!

Ela o sentiu estremecer nos seus braços.

— Também amo muito você e, antes de confirmarmos as nossas suspeitas, quero que saiba que deixei o leilão para trás, enfrentei chuva e estrada escorregadia, não pensei em mais nada que não fosse em você. — Ele se afastou para encará-la, os olhos azuis úmidos das lágrimas. — Melissa, você e a Brenda são mais importantes do que a fazenda. Jamais tenha dúvidas disso. São vocês duas que dão vida a esse lugar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Oh, meu Deus. — Ela começou a chorar. — Pensei que amasse mais a fazenda... Desculpa, eu também amo a sua fazenda, mas queria muito... Por que não consigo parar de chorar, cacete? Já não tenho mais água no corpo!

Ele riu baixinho, limpando as lágrimas que rolavam no rosto dela. Depois se afastou e, ajoelhado, estendeu o estojo aberto que mostrava o anel e a aliança de noivado.

— Vamos lá, garota, aceita casar comigo! — piscou o olho pra ela, lançando-lhe um sorriso cheio de charme.

Melissa sentou na cama e ajeitou os cabelos com as mãos.

— Sim, aceito.

— Agora, sim, senti firmeza. — ele brincou, colocando a aliança e o anel no seu dedo. — Vamos formalizar o nosso noivado num jantar com o povo da fazenda. O que acha?

— Maravilhoso. — disse ela, admirando as joias. — Mas não muito tarde, quero que a Brenda também participe.

— Combinado. — Ele tomou-lhe as mãos entre as suas. — Mas antes de começarmos uma

PERIGOSAS ACHERON

vida nova, preciso lhe pedir perdão.

— Precisa nada, cabra.

—Preciso, sim, minha potranquinha avoadada.

— ele suspirou fundo e baixou a cabeça como que pensando nas melhores palavras para lhe dizer. Em seguida, a encarou com olhos de pesar: — Me perdoa por não ter cuidado de você quando os seus pais partiram. Fui irresponsável e insensível, e acabei te abandonando. Eu jamais a deixarei novamente. Vou protegê-la, amá-la e defendê-la até...

Ela o calou com um beijo e, entre os lábios dele, sussurrou:

— A nossa vida começa agora.

Capítulo 40

Sante e Melissa almoçaram no refeitório com os peões. O risoto de frango estava delicioso, e a maioria deles o comeu usando colher de sopa, e não garfo e faca. Ela achou graça desse detalhe e também os acompanhou, concluindo que cabia mais comida nesse tipo de talher do que no outro.

— Vou dispensar o garfo pra sempre. — disse a Sante.

— Quero vê-la comer pizza de colher.

— Pego na mão, ora. — deu de ombros.

Ele balançou a cabeça, rindo-se.

— Moleca.

Mas nem tudo era leve e divertido, pois Melissa sabia que depois do almoço, Sante teria uma reunião, ali mesmo, com os empregados, e a situação financeira da fazenda seria enfim de todo revelada. A verdade era que só havia uma saída: vendê-la antes de a perder para o banco.

O velho treinador estava sentado de frente para eles, o chapéu na mesa e no prato uma

PERIGOSAS ACHERON

montanha de comida.

— Recebi uma ligação da empresa leiloeira e tá tudo acertado para semana que vem. O único problema é que os principais compradores não participarão.

— Não vou diminuir o valor do lance inicial.
— determinou Sante.

— Pois foi essa sugestão que o leiloeiro deu.

— O Imperador não será vendido a preço de banana como o Spartacus. — reafirmou.

— É uma situação de crise, patrão. — ponderou.

— Crise que ninguém irá tirar vantagem. — retesou os maxilares.

— O senhor tem razão. Pra falar a verdade, me partiu o coração entregar o Spartacus por um valor muito abaixo do merecido. — coçou a nuca num gesto de desânimo.

Sante terminou de comer e se levantou, pondo-se diante de todos.

— Pessoal, pedi a Veridiana pra preparar uma sobremesa pra vocês a fim de lhes adoçar a boca, porque tenho uma notícia um tanto amarga

para dar. — trincou os maxilares, analisando a feição de cada um dos presentes.

Melissa notou os elos de tensão no ambiente e, apesar da brincadeirinha do fazendeiro, sabia que o assunto era pesado e atingiria os vaqueiros.

Ele enganchou os polegares no cóis do jeans, afastou ligeiramente as pernas e tomou a posição de domínio sobre todos, embora o tom da voz permanecesse firme e sereno.

— A maior parte de vocês tá comigo faz anos e, como sabem ou desconfiam, as finanças da fazenda estão passando por momentos turbulentos. A minha última tentativa para livrá-la da falência foi a negociação de um investimento com o norte-americano que esteve aqui com a sua esposa linguaruda. — Melissa e os vaqueiros riram. — Sinceramente não me senti confortável em ceder cinquenta por cento da propriedade para um homem que não tem vínculo emocional com a nossa terra, um mero especulador do mercado financeiro. — Ele parou de falar, parecendo considerar mentalmente o que diria a seguir: — Admito que foi um decisão arriscada de minha parte, mas não quero perder o sentido familiar que

temos aqui. A minha ideia, a partir de agora, é me desfazer dos cavalos para manter em dia a folha de pagamento. Sei que muitos fazendeiros e empresários começam os cortes no orçamento pelos funcionários, demitindo-os como se fossem meras engrenagens de uma máquina. Se não fosse cada um de vocês a trabalhar ao meu lado, dia após dia, debaixo de sol e chuva, acordando antes do amanhecer, eu não teria chegado aonde cheguei. Sei reconhecer um bom trabalho e sou leal aos meus vaqueiros. Então, para acabar com as especulações dos nossos concorrentes que querem minar o nosso relacionamento, rapazes, quero deixar claro que ninguém ficará sem receber o seu salário.

Murilo foi o primeiro a se manifestar. Levantou da cadeira e, abarcando todos com o olhar, deu a sua opinião:

— Essa gente que especula sobre os seus negócios, patrão, tem mais é que mandar tomar no cu.

— É isso aí! — a peonada gritou em coro.

— Vão se foder! — outro berrou.

— É isso aí!

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vão lavar a bunda! — gritou alguém lá do fundo.

— É isso aí!

— Vão tomar no *zóio* da cara da mãe deles! — foi a vez de Tonho.

— É isso aí!

Um exortava o outro, e todos concordavam com um *é isso aí!*

Até que Melissa se levantou e, esticando o braço a la Freddie Mercury, contribuiu com a sua parte:

— VÃO CHUPAR UM PAU!

O silêncio recaiu sobre o refeitório.

Ué, cadê o “é isso aí”?

Sante apertou a boca, e ela já sabia que ele se segurava para não rir.

— É isso aí, Mel. — disse ele, sorrindo abertamente.

— Obrigada, patrão. — devolveu-lhe o mesmo sorriso.

—Você assustou os vaqueiros, patroa. — Murilo lhe sussurrou, vermelho de tanto rir.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como se eles não tivessem pau. — deu de ombros, despreocupada.

— Bem, pessoal, era apenas isso. — Sante falou, olhando para cada um deles demonstrando o carinho de um bom patrão, mais do que isso, de um companheiro de lida. — Cabeça erguida, bola pra frente e muito obrigado pelo esforço de cada um.

Ela o conhecia o suficiente para saber que o discurso motivacional de Sante encobria o seu sofrimento, e era o mesmo sofrimento que o perseguiu a vida inteira enquanto órfão, o da perda. Perder a fazenda era também a perda dos amigos que batalhavam ao seu lado, era a perda de um sonho realizado e de um estilo de vida que o fazia feliz e em paz com os seus demônios da infância.

Foi duro para Melissa vê-lo disfarçar a própria dor.

— Patrão, o Túlio tem uma coisa pra falar. — disse Zeca, um dos vaqueiros, apontando para um moreno, na faixa dos trinta, de cavanhaque aparado e um Stetson enterrado na cabeça.

— É, patrão, tenho uma coisa pra falar. — afastou as pernas, mirou os olhos em Sante e esfregou a barbicha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Fala, hõmi.

— O senhor deve ter escutado uns rumores por aí de que vou comprar uma fazenda, não é mesmo?

— Sim, ouvi. E se quiser que eu o ajude na empreitada, conta comigo.

— Bem, na verdade, eu queria mesmo era continuar aqui, no rancho Ferrari. — rebateu, parecendo sem jeito. — Não sei como lhe dizer... Sou um cabra grosso que não entende de fiança... fiança... ô diabo, não sei como falar direito *esses trem*. — riu-se, encabulado. E, olhando pra si mesmo, disse: — Nem sei por que abri tanto as pernas. É só pose, viu? Tô é cagado de medo de lhe oferecer... — pigarreou.

— Me oferecer o quê?

— Recebi uma herança de um parente que eu nem sabia que existia. A gente foge da família, e os cornos vem atrás, puta que pariu! Pelo menos o defunto não devia dinheiro.

Os peões caíram na risada.

— Vá direto ao ponto, Túlio. — Sante o incentivou.

PERIGOSAS ACHERON

— Quero ser o seu sócio, sr. Ferrari. O Murilo me disse que a grana que eu tenho pode salvar a fazenda, então é só o senhor me dizer se me quer ao seu lado ou não.

Sante olhou para Murilo.

— Fiz as contas por cima, patrão, mas acho que o caboclo aí tem bala na agulha.

— Espera aí! — gritou Paulão, sentado à mesa, espalitando os dentes. — Tenho minhas economias também. Eu ia comprar um sítio, uma kombi e um revólver, mas posso colocar esse dinheiro na *nossa* fazenda, ora! — bateu o punho na mesa.

— *Nossa*, peão doido? — perguntou Murilo.

— Aqui é a minha casa desde que eu saí da porra da prisão.

— Eta!, e você era bandido, ô Paulão?

— Qual é o problema, treinador? Cumpri minha pena, saí por bom comportamento, sei até fazer sopa de ervilha.

— Mas ia comprar arma, caralho!

— Fica frio, Túlio. Eu nunca matei ninguém, só bati num policial que tocou na minha bunda de

um jeito *lidinoso*.

— De um jeito o quê?

— *LIDINOSO!* — gritou o Zeca para que Murilo o ouvisse.

— Libidinoso, suas antas de botas! — o velho treinador caiu na gargalhada, se engasgou com a saliva, e Melissa teve que lhe bater nas costas para salvá-lo da asfixia. — Obrigado, patroa. A cigana disse que vou morrer mijado, e não engasgado com cuspe. — riu-se, ainda vermelho.

— Os bons não morrem jamais. — disse ela, com um sorriso.

— Que bonito, mas é uma frase burra.

— Dá pra eu voltar ao meu assunto de negócios com o sr. Ferrari, ô Murilo? — falou Túlio, as mãos nos quadris.

— Fica à vontade, madame. — debochou o velho treinador.

— E aí, o senhor aceita a minha oferta?

— Não aceita, não! — gritou Paulão. — Tem um monte de cara aqui com dinheiro na poupança, e a gente também quer ser sócio.

Melissa notou o esboço de um sorriso se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

formar no rosto de Sante e os olhos brilhavam de felicidade.

— O que acham de todos se tornarem os meus sócios, hein? Vou vender metade da propriedade para vocês todos, é só se organizarem que iremos formalizar tudo no cartório.

— É assim que se fala! — Túlio tinha os olhos cheios d'água.

— Adeus Kombi, seja bem-vinda fazenda! Uhuuu!

— SOMOS FAZENDEIROS, MINHA GENTE! SEGUUUURA, PEÃO!!!

A brutaiada subiu nas cadeiras, se abraçando e pulando numa alegria quase infantil.

Ela resolveu sair para deixá-los comemorar à vontade, mas a mão de Sante no seu antebraço a segurou para ele lhe sussurrar:

— A senhorita voltará para casa e vai fazer xixi no pote, ok? Quero saber se a levarei ao obstetra ou ao clínico geral. — beijou-a nos lábios sem deixar de lhe dar um tapa no traseiro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Epílogo

Melissa acordou com o barulho dos pássaros. O quarto ainda estava escuro, as cortinas fechadas. O ar-condicionado mantinha a temperatura nos vinte e quatro graus.

Sentiu o peso do braço de Sante sobre a cintura e a ponta do nariz dele enterrada nos seus cabelos. Virou-se para abraçá-lo, cuidando para não o acordar, pois na noite anterior ele havia trabalhado até tarde com a peonada na construção de mais um estábulo para a locação de baias.

Ela admirou a feição serena e máscula do marido, cada linha de expressão que iniciava no canto da pálpebra e seguia até metade da têmpora. Os sulcos na testa e no canto dos lábios sensuais. E quando ele abria os olhos, dois pedaços do céu a iluminavam de azul, o mais belo e perfeito azul.

Roçou os lábios nos dele suavemente e, no instante seguinte, recebeu um beijo apaixonado.

Abraçaram-se enquanto se beijavam. Teve o rosto tomado pelas mãos grandes, de dedos longos

PERIGOSAS NACIONAIS

e finos, as palmas calejadas, ásperas, mãos de trabalhador, de homem no comando, de vencedor na vida.

Quando ele se afastou, encarou-a com olhar terno, parado no rosto dela, admirando-a.

— Eu já disse que amo você, potranquinha?

— Ainda não.

— Hum, acho que falei durante a madrugada, não? — ele alçou uma sobrancelha, com ar divertido.

— Bem, o senhor me chamou de putinha tesuda, acho que é diferente de potranquinha.

Ele riu.

— Potranquinha é mais carinhoso. — admitiu, com um sorriso tímido. — Mas quando tô louco de tesão não consigo sentir carinho por você, só vontade de meter duro e forte.

— Diz de novo? — pediu numa voz rouca.

Sante desceu a mão para entre as pernas dela.

— O que quer ouvir de novo, minha putinha? — perguntou, com as pálpebras semicerradas de um homem excitado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sou a sua putinha?

— Sim, a minha putinha de estimação.

— Eu deito e rolo toda vez que ganho petisco.

— Qual é o seu petisco preferido, minha putinha?

— O seu pau na minha...

Melissa parou de falar ao ver a porta ser empurrada com força, abrindo-se totalmente. Em seguida, uma garotinha ruiva, de cabelo curto e liso, gordinha, vestida na camisola de algodão, correu em direção à cama, subindo-a com agilidade.

Brenda começou a pular no colchão, rindo muito, como lhe era característico.

— Acordados! Acordados! Acordados! — bateu palmas junto com a cantoria.

— Ok, mocinha, vai acabar caindo, vem cá.

— Sante tentou pegar a filha, que lhe escapou dos braços fugindo para os pés da cama.

— Não me *pegouô*! Não me *pegouô*! Não me *pegouô*!

— Que sorte a nossa, ela acordou com PERIGOSAS ACHERON

espírito de porco. — resmungou o pai da garota.

— Ei, Brenda, vamos fazer um piquenique na hora do almoço?

— Aonde, mãe?

Melissa se derretia toda quando Brenda a chamava de mãe.

No instante seguinte, Jerônimo Martins Ferrari também entrou no quarto. Mas, ao contrário de sua meia-irmã, ele engatinhou até a cama dos pais, se pôs de pé, segurando-se no móvel e tentou subir. O esforço o fez perder a chupeta, o que levou Brenda a rir muito dele.

— Vem, Je. — Brenda o puxou pela bundinha protegida pela fralda descartável.

O bebê tinha pouco cabelo, uma penugem castanha, os olhos também eram escuros, e Sante vivia lhe dizendo que o filho tinha a cara de Melissa, era-lhe a versão masculina, o seu “chaveirinho”.

O nome escolhido foi em homenagem ao padroeiro dos órfãos e dos jovens abandonados, São Jerônimo Emiliano.

— Bom dia, meu pato. — ela disse ao

garotinho de quase um ano.

Sante sentou na cama e o pegou no colo, ajeitando o garotinho entre os pais.

— Quem te tirou do berço, hein?

— Ele sabe se virar. — Brenda interveio, o semblante bem sério.

— Aham, sei. Você o ajudou, madame. — ele lançou um olhar divertido à esposa. — Já viu a beleza de professora que o bratinho tem?

— Não sou professora; sou *fessora*. Não aprendeu a *falá*?

— *Cóin-cóin*.

— Então concorda com isso, Jerônimo?

Melissa achou graça da pergunta que Sante fez ao filho, olhando-o com seriedade, mas também com muito amor.

— Piquenique na segunda-feira! O que acham? — Melissa olhou para os três, que a encaravam sorridentes.

Aquela era a sua família, linda e atrapalhada, que não seguia regras, que fazia piquenique nas segundas, bagunçava e arrumava a casa, amava os animais, em especial, cachorros e cavalos, que ia ao PERIGOSAS ACHERON

salão paroquial para os jantares beneficentes, mas não frequentava a igreja, que amava Magnólia, Veridiana, Murilo, Paulão, Túlio, Bianca e todos os peões da fazenda. E, acima de tudo, amava demais da conta cada dia em que os quatro passavam juntos...

No mundo encantado do Rancho e Haras Ferrari.

FIM

Sobre a Autora

Janice Diniz é autora de livros de cowboy com mais de 20 milhões de leituras na internet.

Seus romances se encontram entre os mais vendidos da Amazon, desde 2014, nas categorias de Romance Erótico e Comédia Romântica.

É autora de “Cowboys de Santa Fé”, “Cowboys de Sacramento”, “Trilogia Garotas do Campo”, entre outros, todos como indie. E a série “Irmãos Lancaster”: Bruto e Apaixonado (Livro 1), Bruto e Seduzido (Livro 2), Bruto e Desejado (Livro 3) pela Editora HarperCollins/selo Harlequin.

É considerada como a “Rainha dos Cowboys Brasileiros”.

Redes Sociais

[OUTROS TÍTULOS DA AUTORA NA
AMAZON](#)

[Página da Autora no Facebook](#)

[Instagram da Autora](#)